



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ

BRUNA ALVES LEÃO

**TEATRO ACESSÍVEL PARA CRIANÇAS COM
DEFICIÊNCIA VISUAL: A AUDIODESCRIÇÃO DE A
*VACA LELE***

FORTALEZA – CEARÁ

2012

Bruna Alves Leão

TEATRO ACESSÍVEL PARA CRIANÇAS COM
DEFICIÊNCIA VISUAL: A AUDIODESCRIÇÃO DE
A VACA LELÉ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Linguística Aplicada. Área de Concentração: Linguagem e Interação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Vera Lúcia Santiago Araújo.

FORTALEZA – CEARÁ

2012

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Estadual do Ceará
Biblioteca Central do Centro de Humanidades**

L437t Leão, Bruna Alves
Teatro acessível para crianças com deficiência visual:
a audiodescrição de *A Vaca Lelé.* / Bruna Alves Leão. – 2012.
125 f. : il. color. CD

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Ceará,
Centro de Humanidades, Curso de Mestrado Acadêmico em
Linguística Aplicada, Fortaleza, 2012.
Área de Concentração: Linguagem e Interação
Orientação: Prof^a. Dr^a. Vera Lúcia Santiago Araújo.

1. Tradução Audiovisual. 2. Audiodescrição. 3. Teatro
Acessível. I. Título.

CDD: 418.02

BRUNA ALVES LEÃO

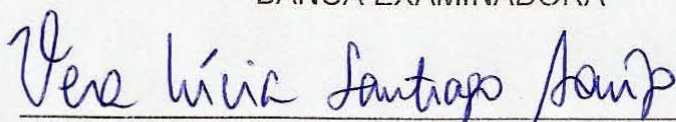
**TEATRO ACESSÍVEL PARA CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL: A
AUDIODESCRIÇÃO DE A VACA LELÉ.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre.

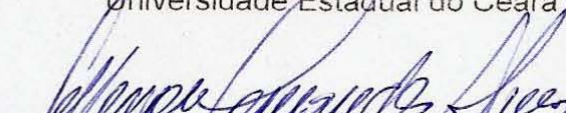
Área de Concentração: Linguagem e Interação
Linha de Pesquisa: Multilinguagem, Cognição e Interação.

Aprovada em: 16 / 08 / 2012.

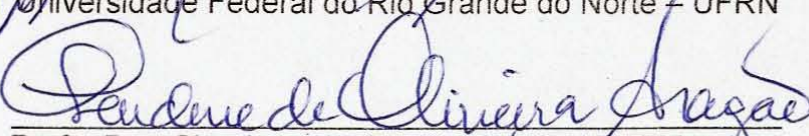
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Vera Lúcia Santiago Araújo – IES/UECE (Orientador)
Universidade Estadual do Ceará – UECE



Prof. Dr. Jefferson Fernandes Alves – (1º Membro)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN



Profa. Dra. Cleudene de Oliveira Aragão – (2º Membro)
Universidade Estadual do Ceará – UECE

Dedicatória

À Deus

pela providência de todas as graças na minha vida.

Aos meus pais

pelo amor incondicional.

AGRADECIMENTOS

Aos meus queridos e amados pais, Maryane e Argeu, pelo amor, apoio, dedicação e compreensão de todos os momentos, principalmente, quando estive ausente por ocasião deste trabalho.

À minha amada Mãe Meire, por todo o seu amor. E aos meus avós: Arnaldo, Francisco Quirino e Maria Valdisa *in memoriam*.

Aos meus irmãos Vitor e Valdisa, por existirem na minha vida.

Ao meu namorado Klístenes, pela paciência, pelo incentivo e pela enorme força de sempre, não me deixando desistir dos meus sonhos. Também por acreditar junto comigo em uma sociedade mais justa e acessível.

À professora Vera Lúcia Santiago Araújo, por ter me dado a oportunidade de conhecer a audiodescrição, pela criteriosa orientação, pelo incentivo e por acreditar em mim.

Aos professores Jefferson Fernandes Alves, da UFRN, Cleudene de Oliveira Aragão, da UECE e Fernando Lira Ximenes, do IFCE por terem aceitado o convite para ler e avaliar este trabalho.

Aos professores da Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE, pela valiosa contribuição de suas aulas, incentivo e amizade.

Aos colegas integrantes do grupo LEAD: Alexandra Seoane, Élide Gama, João Francisco Dantas, Juarez Nunes de Oliveira, Joseana Lira, Jéssica Nóbrega, Katarinna Nascimento, Kélvia Menezes, Luana Ribeiro, Matheus Rocha, Osmina Silva, Rafaela Bezerra, Renata Mascarenhas, Rejanira Padilha e Walquíria Sales, por sonharem este sonho comigo.

À Art'Elenco Produções, na pessoa de José Alves Netto (meu tio), por ter me dado este grande presente que foi *A Vaca Lele*. Aos colegas de elenco (Sosó, Daibs e Luís) que tanto me apoiaram no meu primeiro trabalho como atriz profissional e com quem passei momentos maravilhosos.

À CAPES, pelo apoio financeiro como bolsista, possibilitando dedicação integral a este trabalho.

Às instituições, Instituto Dr. Hélio Góes, Sociedade de Assistência aos Cegos do Ceará, Escola de Ensino Fundamental e Médio Instituto dos Cegos, Associação dos Cegos do Ceará, Setor Braille da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel e Gráfica Braille do Estado do Ceará, pelas importantes contribuições aos projetos e pesquisas em audiodescrição.

Às crianças com deficiência visual participantes desta pesquisa, pela relevante contribuição de suas informações e por me encantarem com a sua forma de encarar a vida.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é descrever o processo de audiodescrição (AD) para o teatro, verificando quais parâmetros de AD para cinema foram os mais utilizados na elaboração do roteiro de uma AD de teatro e quais novos parâmetros podem ser sugeridos para este outro meio semiótico. A AD é uma modalidade de tradução audiovisual intersemiótica, baseado em Jakobson (1995), que consiste na descrição das informações apreendidas pela percepção visual e que não estão contidas nos diálogos, nem nos efeitos sonoros de uma produção teatral, tornando a mesma acessível para quem não enxerga. A metodologia deste trabalho pode ser definida como uma pesquisa descritivo-exploratória, que analisou o processo de AD de um espetáculo de teatro infantil, segundo os parâmetros preconizados por Jiménez-Hurtado (2007 e 2010), e submeteu o roteiro de AD a avaliação de um grupo de crianças com deficiência visual, que assistiram ao espetáculo e responderam algumas perguntas que versavam sobre o tema, a mensagem do espetáculo e a experiência com a AD. O corpus foi constituído pelo espetáculo *A Vaca Lele*, com AD, que conta história de Matilde, uma vaquinha que vivia fugindo do curral, pois era cheia de sonhos e curiosidades e tinha sede de conhecer a vida e seus segredos. As hipóteses deste trabalho argumentam que os parâmetros de AD para cinema podem ser adaptados para a AD no teatro e que a AD possibilitaria uma boa recepção do espetáculo por parte de crianças com deficiência visual. As reações das crianças no decorrer da apresentação comprovaram a eficiência do roteiro de AD. Os resultados sugerem que um espetáculo com AD planejada desde a sua concepção favorecerá uma compreensão mais ampla, tanto da obra, como do fazer teatral.

Palavras-chave: Tradução Audiovisual. Audiodescrição. Teatro Acessível.

ABSTRACT

This dissertation describes an audiodescription (AD) for the theater, investigating which AD parameters for films were used when preparing theater scripts and which new parameters can be suggested to this another semiotic mode. AD is a form of intersemiotic audiovisual translation, based on Jakobson (1995), which is the description of the information captured by visual perception that cannot be inferred in the dialogues or the sound effects of a theatrical production, making it accessible for the visually impaired. The method can be defined as descriptive-exploratory. The research analyzed the AD process of a children's play, designed according to the parameters established by Jiménez-Hurtado (2007 and 2010), and analyzed the reception of group of visually impaired children. They watched the show and answered some questions that focused on the topic, the message of the show and the experience with AD. The corpus was constituted by the play named *A Vaca Lelé*, with AD, which tells story of Matilde, a little cow that used to escape from the corral. She was full of dreams and curiosities and longed to know life and its secrets. The hypotheses argue that the AD film parameters can be adapted for the theater AD and that AD would allow a good reception by visually impaired children. Children's reactions during the presentation showed the efficiency of the AD script. The results suggest that an audiodescribed play planned since its conception foster a broader understanding of both the work, as well as the theater itself.

Keywords: Audiovisual Translation. Audiodescription. Accessible Theatre.

SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.....	11
LISTA DE FIGURAS.....	12
LISTA DE QUADROS.....	12
CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO.....	15
CAPÍTULO 2: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	21
2.1. Estudos e Pesquisas em Audiodescrição.....	21
2.2. Algumas Notas sobre o Teatro Infantil no Brasil.....	29
2.3. Discutindo Parâmetros de AD.....	31
CAPÍTULO 3: METODOLOGIA.....	36
3.1. Tipo de Pesquisa.....	36
3.1.1. Descrição do <i>Corpus</i>	36
3.1.2. Elaboração do Roteiro.....	38
3.2. Procedimentos.....	42
CAPÍTULO 4: ANÁLISE DA AUDIODESCRIÇÃO DE A VACA LELÉ.....	49
4.1. Análise da Audiodescrição.....	49
4.1.1. Descrição das Ações.....	50
4.1.2. Descrição dos Personagens.....	58
4.1.2.1 Matilde.....	59
4.1.2.2 Espantalho.....	64
4.1.2.3 Pardal.....	68

4.1.2.4 Mosca.....	70
4.1.2.5 Galinha.....	73
4.1.2.6 Touro.....	76
4.1.2.7 Cigarra.....	78
4.1.2.8 Vagalume.....	81
4.1.2.9 Vaqueiros.....	83
4.1.3. Descrição do Cenário.....	84
4.1.4. Descrição da Iluminação.....	87
4.2. Análise dos Dados da Avaliação de <i>A Vaca Lelé</i>	91
4.2.1. Filmagem das Reações.....	93
4.2.2. Relato Retrospectivo.....	95
4.2.3. Questionário Pós-coleta.....	96
CAPÍTULO 5: CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	101
REFERÊNCIAS.....	104
APÊNDICES.....	107
ANEXOS.....	112

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AENOR	- <i>Asociación Española de Normalización y Certificación</i>
AD	- Audiodescrição
CAPES	- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CCBNB	- Centro Cultural Banco do Nordeste
COEP	- Comitê de Ética em Pesquisa
CNPq	- Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
DVD	- <i>Digital Versatile Disc</i>
FPS	- <i>Frames Por Segundo</i>
FUNCET	- Fundação de Cultura, Esporte e Turismo do Ceará
IBGE	- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LATAV	- Laboratório de Tradução Audiovisual
LEAD	- Legendagem e Audiodescrição
PROCAD	- Programa de Cooperação Acadêmica
SAC	- Sociedade de Assistência aos Cegos
SW	- <i>Subtitle Workshop</i>
TRAMAD	- Tradução, Mídia e Audiodescrição
TESP	- Teatro Escola de São Paulo
UECE	- Universidade Estadual do Ceará
UFBA	- Universidade Federal da Bahia
UFMG	- Universidade Federal de Minas Gerais
USP	- Universidade de São Paulo

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Plataforma de trabalho do <i>Subtitle Workshop</i> 2.51.....	39
Figura 2: Imagem da Galinha.....	53
Figura 3: Imagem de Matilde.....	60
Figura 4: Imagem do Espantalho.....	64
Figura 5: Imagem do Pardal.....	68
Figura 6: Imagem da Mosca.....	71
Figura 7: Imagem da Galinha.....	74
Figura 8: Imagem do Touro.....	76
Figura 9: Imagem da Cigarra.....	79
Figura 10: Imagem do Vagalume.....	81
Figura 11: Imagem dos Vaqueiros.....	83
Figura 12: Imagem do Cenário.....	85
Figura 13: Imagem dos Vaqueiros.....	90

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Quadro 1 – Trecho do roteiro de AD de <i>A Vaca Lelé</i>	41
Quadro 2: Quadro 2 – Trecho do roteiro de AD de <i>A Vaca Lelé</i>	41
Quadro 3 – Trecho do roteiro de AD de <i>A Vaca Lelé</i>	51
Quadro 4 – Trecho do roteiro de AD de <i>A Vaca Lelé</i>	51
Quadro 5 – Trecho do roteiro de AD de <i>A Vaca Lelé</i>	52
Quadro 6 – Trecho do texto de <i>A Vaca Lelé</i>	53
Quadro 7 – Trecho do texto de <i>A Vaca Lelé</i>	53
Quadro 8 – Trecho do texto de <i>A Vaca Lelé</i>	54
Quadro 9 – Trecho do roteiro de AD de <i>A Vaca Lelé</i>	54
Quadro 10 – Trecho do texto de <i>A Vaca Lelé</i>	55
Quadro 11 – Trecho do roteiro de AD de <i>A Vaca Lelé</i>	55
Quadro 12 – Trecho do texto de <i>A Vaca Lelé</i>	55

Quadro 13 – Trecho do roteiro de AD de <i>A Vaca Lelé</i>	56
Quadro 14 – Trecho do texto de <i>A Vaca Lelé</i>	56
Quadro 15 – Trecho do roteiro de AD de <i>A Vaca Lelé</i>	57
Quadro 16 – Trecho do texto de <i>A Vaca Lelé</i>	57
Quadro 17 – Trecho do roteiro de AD de <i>A Vaca Lelé</i>	60
Quadro 18 – Trecho do texto de <i>A Vaca Lelé</i> – O que os outros dizem de Matilde.....	61
Quadro 19 – Trecho do texto de <i>A Vaca Lelé</i> – Matilde segundo Matilde.....	62
Quadro 20 – Trecho do texto de <i>A Vaca Lelé</i> – Músicas sobre Matilde.....	63
Quadro 21 – Trecho do texto de <i>A Vaca Lelé</i> – O Espantalho.....	65
Quadro 22 – Trecho do texto de <i>A Vaca Lelé</i>	66
Quadro 23 – Trecho do texto de <i>A Vaca Lelé</i>	67
Quadro 24 – Trecho do texto de <i>A Vaca Lelé</i>	67
Quadro 25 – Trecho do texto de <i>A Vaca Lelé</i>	67
Quadro 26 – Trecho do roteiro de AD de <i>A Vaca Lelé</i>	69
Quadro 27 – Trecho do texto de <i>A Vaca Lelé</i>	69
Quadro 28 – Trecho do texto de <i>A Vaca Lelé</i>	70
Quadro 29 – Trecho do roteiro de AD de <i>A Vaca Lelé</i>	71
Quadro 30 – Trecho do texto de <i>A Vaca Lelé</i>	72
Quadro 31 – Trecho do texto de <i>A Vaca Lelé</i> – A Mosca pela Mosca.....	72
Quadro 32 – Trecho do texto de <i>A Vaca Lelé</i>	73
Quadro 33 – Trecho do texto de <i>A Vaca Lelé</i> – Músicas da Mosca.....	73
Quadro 34 – Trecho do roteiro de AD de <i>A Vaca Lelé</i>	74
Quadro 35 – Trecho do texto de <i>A Vaca Lelé</i>	75
Quadro 36 – Trecho do roteiro de AD de <i>A Vaca Lelé</i>	77
Quadro 37 – Trecho do texto de <i>A Vaca Lelé</i>	77
Quadro 38 – Trecho do texto de <i>A Vaca Lelé</i>	78
Quadro 39 – Trecho do texto de <i>A Vaca Lelé</i> – Música da Cigarra.....	79

Quadro 40 – Trecho do roteiro de AD de <i>A Vaca Lelé</i>	80
Quadro 41 – Trecho do texto de <i>A Vaca Lelé</i>	80
Quadro 42 – Trecho do roteiro de AD de <i>A Vaca Lelé</i>	81
Quadro 43 – Trecho do texto de <i>A Vaca Lelé</i>	82
Quadro 44 – Trecho do roteiro de AD de <i>A Vaca Lelé</i>	83
Quadro 45 – Trecho do texto de <i>A Vaca Lelé</i>	84
Quadro 46 – Trecho do roteiro de AD de <i>A Vaca Lelé</i>	85
Quadro 47 – Trecho do roteiro de AD de <i>A Vaca Lelé</i>	86
Quadro 48 – Trecho do texto de <i>A Vaca Lelé</i>	86
Quadro 49 – Trecho do texto de <i>A Vaca Lelé</i> – Músicas da Cigarra.....	87
Quadro 50 – Trecho do roteiro de AD de <i>A Vaca Lelé</i>	88
Quadro 51 – Trecho do roteiro de AD de <i>A Vaca Lelé</i>	89
Quadro 52 – Trecho do texto de <i>A Vaca Lelé</i>	89
Quadro 53 – Trecho do texto de <i>A Vaca Lelé</i>	90
Quadro 54 – Trecho do roteiro de AD de <i>A Vaca Lelé</i>	91

CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO

Os dados do censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), divulgados em 2011, estimam que o Brasil tenha 192.376.496 habitantes. O mesmo censo apontou que mais de 45 milhões de pessoas declararam ter pelo menos uma das deficiências investigadas pelo censo, o que corresponde a 23,9% da população brasileira. A Região Nordeste concentra os municípios com os maiores percentuais da população com pelo menos uma das deficiências investigadas.

Em relação à proporção de pessoas com pelo menos uma das deficiências investigadas, segundo os grupos de idade, constatou-se que 7,5% das crianças de 0 a 14 anos de idade apresentaram pelo menos um tipo de deficiência.

Foi investigada a existência dos seguintes tipos de deficiência permanente: visual, auditiva e motora, de acordo com o seu grau de severidade, e, também, mental ou intelectual. Em se tratando da deficiência visual, foi pesquisado se a pessoa tinha dificuldade permanente de enxergar de acordo com a seguinte classificação:

- Não consegue de modo algum - para a pessoa que declarou ser permanentemente incapaz de enxergar;
- Grande dificuldade - para a pessoa que declarou ter grande dificuldade permanente de enxergar, ainda que usando óculos ou lentes de contato;
- Alguma dificuldade - para a pessoa que declarou ter alguma dificuldade permanente de enxergar, ainda que usando óculos ou lentes de contato;
- Nenhuma dificuldade - para a pessoa que declarou não ter qualquer dificuldade permanente de enxergar, ainda que precise usar óculos ou lentes de contato.

A investigação dos graus de severidade de cada deficiência permitiu conhecer a parcela da população com deficiência severa, que se constitui no principal alvo das políticas públicas voltadas para a população com deficiência.

Os números do censo tendem a crescer a cada ano e isso mostra que a sociedade precisa garantir a equiparação de oportunidades entre pessoas com e sem deficiência, levando em consideração que não é a limitação individual que determina a deficiência, mas sim as barreiras encontradas no meio em que essas pessoas vivem, pois este nunca esteve preparado para recebê-las.

Com o propósito de garantir condições de vida e dignidade para as pessoas que apresentam algum tipo de deficiência, em 2008, o Brasil ratificou a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, bem como seu Protocolo Facultativo, fazendo com que o documento tivesse equivalência de emenda constitucional. Tal iniciativa deve ser destacada não como algo que já está consolidado, mas como o primeiro passo na busca por um país mais acessível e que se preocupa em construir políticas públicas que atendam às necessidades das pessoas com deficiência.

Segundo a Convenção, pessoas com deficiência, são:

aquelas que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas. Portanto o seu objetivo é promover, proteger e assegurar o exercício pleno e equitativo de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais por todas as pessoas com deficiência e promover o respeito pela sua dignidade inerente.

No que diz respeito à Convenção, podemos citar ainda o item 1, do Artigo 30, em que os Estados Partes reconhecem o direito das pessoas com deficiência de participar na vida cultural, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas, e tomarão todas as medidas apropriadas para que as pessoas com deficiência possam:

- a) Ter acesso a bens culturais em formatos acessíveis;
- b) Ter acesso a programas de televisão, cinema, teatro e outras atividades culturais, em formatos acessíveis;
- c) Ter acesso a locais que ofereçam serviços ou eventos culturais, tais como teatros, museus, cinemas, bibliotecas e serviços turísticos, bem como, tanto quanto possível, ter acesso a monumentos e locais de importância cultural nacional.

Assim este trabalho se constitui em mais uma iniciativa que visa contribuir com o acesso de pessoas com deficiência aos bens e eventos culturais da nossa cidade, bem como às manifestações artísticas da nossa região. Mais especificamente, ele busca promover a acessibilidade de crianças com deficiência visual ao teatro, por meio da audiodescrição.

A audiodescrição, doravante AD, é uma modalidade de tradução audiovisual que se constitui como um recurso de acessibilidade que atende as necessidades das pessoas com deficiência visual. A AD consiste na descrição das informações apreendidas visualmente, que não estão contidas nos diálogos, nem nos efeitos sonoros de uma produção audiovisual, tornando a mesma acessível para quem não enxerga. A AD é considerada um processo de tradução baseado em Jakobson (1995), que identifica três tipos de tradução: a interlinguística (entre línguas diferentes), a intralinguística (dentro da mesma língua) e a intersemiótica (entre meios semióticos diferentes, do visual para o verbal e do verbal para o visual). A AD seria o exemplo do terceiro tipo apresentado pelo autor (JAKOBSON, 1995, p. 64-65).

O grupo LEAD (Legendagem e Audiodescrição) da Universidade Estadual do Ceará – UECE, grupo de pesquisa do qual faço parte desde a sua criação em 2008, juntamente com o grupo TRAMAD (Tradução, Mídia e Audiodescrição) da Universidade Federal da Bahia – UFBA e pesquisadores da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG vêm desenvolvendo pesquisas no campo da audiodescrição com o objetivo de encontrar parâmetros que atendam às necessidades das pessoas com deficiência no Brasil. Dentre as pesquisas realizadas e em fase de conclusão na UECE podemos citar Braga (2011), Nunes (2011), Dantas (2012), Sales (2012), Medeiros (2012), Osmina Silva (2012), Seoane (2012) e Araújo (2010); tais pesquisas são de fundamental importância para a consolidação da AD em nosso país e servem de parâmetros para aplicações da AD em outros segmentos, tais como: turismo acessível, escola inclusiva, congressos, seminários e eventos diversos, dentre outros.

Cabe destacar que esta pesquisa faz parte do Programa de Cooperação Acadêmica – PROCAD/CAPES entre a Universidade Estadual do Ceará (UECE) e Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), através do projeto “Elaboração de um Modelo de Audiodescrição para Cegos a partir de Subsídios dos Estudos de Multimodalidade, Semiótica Social e Estudos da Tradução”, coordenado pelas professoras Dr.^a Célia Maria Magalhães da UFMG e Dr.^a Vera Lúcia Santiago Araújo da UECE. Este projeto busca promover um diálogo entre os trabalhos desenvolvidos na UFMG e na UECE e tem como objetivo desenvolver pesquisas inovadoras no campo da audiodescrição para pessoas com deficiência visual por meio da cooperação interinstitucional. Sua estratégia principal é desenvolver a expertise e a formação de recursos humanos em nível de pós-graduação. Essa troca vem abrindo portas para os trabalhos de tradução audiovisual no Brasil

A avaliação desta pesquisa conta com o aval das diversas instâncias regulamentares da UFMG que está inserido no projeto de pesquisa institucional intitulado “Elaboração de um Modelo de Audiodescrição para Cegos a partir de Subsídios dos Estudos de Multimodalidade, Semiótica Social e Estudos da Tradução”, registrado no comitê de ética \ufmg - \parecer ETC 532/06 – No Registro COEP 0255.0.203.000-05, que está vinculado ao projeto de cooperação acadêmica citado acima.

Além das pesquisas acadêmicas, cabe destacar as nossas experiências profissionais com a AD, que vêm fomentando a cultura de acessibilidade em Fortaleza e contribuindo para a inclusão e socialização das pessoas com deficiência visual na capital cearense. Dentre as experiências com a AD para o teatro, podemos citar: *A Estrela Cadente* (2012), *Memórias de Natal* (2012), *A Vaca Lelé* (2010), *Curral Grande* (2009), *Magno-Pirol – um corpo na loucura* (2009) e *Astigmatismo* (2008 e 2009). Entretanto, apenas em *A Vaca Lelé* tivemos a oportunidade de trabalhar com crianças com deficiência visual.

Ao realizarmos a AD do espetáculo *A Vaca Lelé*, texto de Ronaldo Ciambroni, direção de Ana Cristina Viana e realização do Grupo Bandeira das

Artes, sentimos a necessidade de saber como a AD se comportaria nesse novo meio semiótico e quais estratégias deveríamos adotar para alcançar as expectativas das crianças com deficiência visual. A tradução de um espetáculo infantil como *A Vaca Lelé* poderá estimular o contato de crianças com deficiência visual com a linguagem das artes cênicas, promover a sua inclusão aos meios audiovisuais, proporcionar-lhes mais autonomia, socialização e integração no convívio sociocultural, estimulando sua imaginação para o universo teatral.

Portanto, o objetivo deste trabalho é descrever o processo de AD para o teatro, verificando quais parâmetros da AD para cinema (personagens, ambientação ou ações) foram os mais utilizados na elaboração do roteiro e quais novos parâmetros podem ser sugeridos para este novo meio semiótico; e avaliar o roteiro de AD de *A Vaca Lelé* com um grupo de crianças com deficiência visual, observando se a AD possibilitou ou não uma boa recepção do espetáculo e se garantiu ou não o seu entendimento por parte das crianças.

A escolha de *A Vaca Lelé* se deu em virtude da temática regional presente no espetáculo, que aproxima o público com deficiência visual das manifestações culturais da sua região, e por ser uma obra premiada e encenada por atores cearenses que já têm um trabalho consolidado com o público infantil. Cabe destacar que a personagem principal do espetáculo, Matilde, é representada pela pesquisadora Bruna Leão, responsável por esta pesquisa de AD no teatro.

Aproveitamos a temporada do espetáculo no cineteatro do Centro Cultural Banco do Nordeste (CCBNB) – Fortaleza em maio de 2010 para realizarmos a AD de *A Vaca Lelé*. A avaliação foi aplicada a um grupo de 05 alunos com deficiência visual total e congênita do Instituto Dr. Hélio Góes, logo após a apresentação do espetáculo no mesmo local. Para a coleta de dados, filmamos as reações das crianças durante a apresentação do espetáculo. Em seguida cada um falou livremente sobre o conteúdo do filme e a AD e depois respondeu ao questionário pós-coleta.

O presente estudo deverá contribuir com um modelo de AD elaborado em conformidade com as necessidades e preferências do cidadão com deficiência visual brasileiro, dando-lhe condições para ter acesso à informação, à comunicação, à cultura e ao lazer.

Cabe destacar ainda, a portaria 188/2010 que este ano completou um ano em primeiro de julho, que já garante pelo menos duas horas de programação audiodescrita na TV brasileira. Esta portaria foi publicada pelo Ministério das Comunicações em 2006, sendo prorrogada por duas vezes e prevê que todas as emissoras de televisão que transmitem em sinal digital do Brasil exibam, no mínimo, 20 horas semanais de programas audiodescritos, em dez anos. Entretanto, sabemos que é necessária uma fiscalização rigorosa desta portaria e que algo semelhante deva ser feito pelo teatro, pelo cinema e pelos museus. Para tanto, se faz necessária a profissionalização da AD no Brasil e isto passa, primeiramente, pela formação de profissionais audiodescritores, capacitados para oferecer um serviço de qualidade para a esperada demanda de produções culturais acessíveis por meio da AD.

Assim, com o objetivo de atender a demanda de produções que oferecerão AD, a UECE, a UFBA e a UFMG estão trabalhando na formação destes profissionais. O presente estudo é mais uma iniciativa inerente a essa formação e se constitui no relato da nossa experiência com a AD de *A Vaca Lele*, bem como a avaliação da recepção deste trabalho, cujo primeiro capítulo busca traçar um panorama da situação da pessoa com deficiência no Brasil e definir o processo de AD e algumas de suas aplicações.

O segundo capítulo compreende a revisão da bibliografia publicada e experiências acerca da AD no mundo, no Brasil e no Ceará. Já o terceiro capítulo apresenta o desenho metodológico desta pesquisa, revelando os objetivos da mesma e detalhes da aplicação da avaliação. O quarto capítulo apresenta uma análise do roteiro de AD do espetáculo e dos dados colhidos na avaliação da recepção. Por fim, o quinto revela as considerações finais acerca dos resultados encontrados.

CAPÍTULO 2: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo traz os fundamentos teóricos da pesquisa, apresentando inicialmente o conceito de audiodescrição e as pesquisas no mundo, no Brasil e no Ceará, com ênfase para as pesquisas desenvolvidas pelo grupo LEAD da UECE. Em seguida, apresenta um panorama do teatro infantil no Brasil. Por fim, discute a aplicação dos parâmetros de AD para cinema na AD para o teatro.

2.1 Estudos e Pesquisas em Audiodescrição

Esta pesquisa será fundamentada nos trabalhos de Jimenéz-Hurtado (2007/2010), Matamala (2007), Matamala & Orero (2007) Payá (2007), Silva (2009) e Holland (2009).

Segundo Jimenéz-Hurtado (apud AENOR, 2005: 4), a AD

é um serviço de apoio à comunicação, que consiste em um conjunto de técnicas e habilidades aplicadas com o objetivo de compensar a carência de captar a parte visual contida em qualquer tipo de mensagem, fornecendo uma informação sonora adequada que traduz ou explica, possibilitando ao deficiente visual perceber o que diz a mensagem de forma completa e harmônica e o mais próximo possível de como é percebida por um pessoa que vê normalmente¹.

O conceito supracitado vem corroborar com a importância da AD para espectadores com deficiência visual no teatro, tendo em vista que esta poderá inseri-los no ambiente audiovisual que integra o universo das artes

¹ Original: “La audiodescripción es un servicio de apoyo a la comunicación que consiste en el conjunto de técnicas y habilidades aplicadas con objeto de compensar la carencia de captación de la parte visual contenida en cualquier tipo de mensaje, suministrando una adecuada información sonora que la traduce o explica, de manera que el posible receptor discapacitado visual perciba dicho mensaje como un todo armónico y de la forma más parecida a como lo percibe una persona que ve (AENOR 2005:4)”.

cênicas, do qual estão distantes em virtude da deficiência. Entretanto, a AD não tem a finalidade de explicar a obra que está sendo traduzida, mas sim de auxiliar na compreensão do público com deficiência visual. Ela também por si só não garante o total entendimento do público, pois o espectador também obtém informações através das falas e dos efeitos sonoros da produção. Vale ressaltar ainda que o público com deficiência visual perceberá a produção audiovisual da forma como ele vê e interpreta o mundo, ou seja, a partir das suas experiências, e não o mais próximo de uma pessoa que vê normalmente, pois cada pessoa possui sua própria fruição das obras a que tem acesso. Vale ressaltar ainda que, mesmo que a pessoa com deficiência visual já tenha enxergado algum dia, a tendência é que as formações imagéticas fiquem cada vez mais raras em sua mente em virtude da privação da percepção visual, reforçando a importância da AD como um serviço de apoio.

Segundo Casado (2007), tudo o que será ou não audiodescrito não poderá ser considerado arbitrário, pois deve ser pautado por uma análise rigorosa de prioridades, levando em consideração o princípio da relevância, ou seja, dar ênfase ao que há de maior destaque na produção audiovisual. Para tanto, ela enumerou alguns elementos que são de total importância para uma AD, divididos em três grandes grupos: o dos personagens, que abrange a questão do vestuário, atributos físicos, expressões faciais, linguagem corporal, etnia, idade etc.; o da ambientação, a qual é dividida em elementos espaciais (compreende os elementos que situam o personagem no espaço físico em que ele se encontra) e elementos temporais (momento, hora do dia, ano, mês, dia da semana etc.); e o das ações.

Os elementos citados por Casado são de fundamental importância para o entendimento do público com deficiência visual, pois situa o mesmo dentro da trama e faz com que ele tente realizar uma construção imagética da cena, juntamente com os diálogos e efeitos sonoros. Porém, a escolha dos elementos a serem descritos é algo bastante delicado, principalmente em virtude do tempo, o qual costuma ser bastante reduzido na maioria das produções audiovisuais. Para dar conta de sua tarefa, o audiodescritor precisa

estabelecer um grau de prioridade a cada um dos grupos sugeridos por Casado, levando sempre em consideração a finalidade da obra a ser traduzida.

Por meio da construção e análise de um corpus de 210 filmes audiodescritos em espanhol, Jimenéz-Hurtado (2007) apresentou as características das AD's para o cinema apresentadas na Europa. A primeira é a existência de quatro tipos de eventos a serem audiodescritos: a troca de cena, o foco de atenção dos personagens, a comunicação verbal e a troca de situação. A segunda relaciona-se com os tempos verbais. O seu corpus revelou a predominância do Pretérito Perfeito e do Presente do Indicativo (3ª pessoa do singular). Quanto à estrutura frasal, constatou a presença relevante da subordinação como um acesso privilegiado à memória de curto prazo. Recorre-se a esse tipo de memória para compreender algo e inferir conhecimento direto. Para concluir, a pesquisadora notou que o uso do predicativo confere ao roteiro de AD uma visão mais subjetiva do que se quer traduzir. Esta afirmação vai de encontro aos pressupostos das primeiras publicações sobre AD (SNYDER, 2008 e BENECKE, 2004), as quais acreditavam ser possível uma descrição objetiva sem o envolvimento do audiodescritor. Vários autores, dentre eles Holland (2009) contestam esse pressuposto, corroborando os resultados de Jimenéz-Hurtado.

Segundo Jimenéz-Hurtado (2007), o roteiro da audiodescrição é um protótipo do texto duplamente subordinado. Por um lado, adapta-se aos silêncios do texto que audiodescreve e, por outro, é um texto que necessita de autonomia estrutural, já que parte da sua função comunicativa é a de apoiar a trama de outro texto, tendo sempre em conta e subordinando-se tanto ao gênero, como à função comunicativa concreta do texto em que se insere.

No que diz respeito ao teatro, poucos estudos foram realizados. Apenas Matamala (2007), Matamala & Orero (2007) e Holland (2009) direcionam seus trabalhos para esta mídia. Segundo Matamala (2007), a narração da AD de uma obra teatral é realizada ao vivo, mas seu roteiro é feito com antecedência. De acordo com Matamala (apud HERNÁNDEZ y MENDILUCE, 2004: 272), o grupo de teatro deve entregar o roteiro da peça ao

audiodescritor duas semanas antes da atuação junto com uma gravação em vídeo e o programa da obra. O audiodescritor, de modo independente, cria um roteiro da narração observando o vídeo e assiste finalmente a um ensaio para ajustar sua versão. No dia da apresentação, o audiodescritor faz a locução de dentro de uma cabine com isolamento acústico, enquanto o público com deficiência visual recebe a AD através de fones de ouvido conectados a mecanismos de radiofrequência (mesmo sistema utilizado na tradução simultânea interlinguística).

Ainda, segundo Matamala (2007), uma característica importante deste tipo de AD é que o roteiro e a locução sejam realizados pela mesma pessoa. Um dos motivos é a necessidade de sincronia entre a locução do roteiro com o desenrolar de cada cena, para o caso de acontecer alguma improvisação por parte dos atores, fato corriqueiro no teatro. Tal fenômeno raramente acontece com a AD gravada, como no caso do cinema, do DVD e da televisão. Desta forma, no caso do teatro, o locutor/audiodescritor também deve estar familiarizado com o universo das artes cênicas, favorecendo o desenvolvimento, tanto do estudo da obra e da elaboração do roteiro, como do acompanhamento e da locução simultânea à evolução do espetáculo.

Em seu artigo, Holland (2009) destaca a questão das escolhas que um audiodescritor deve realizar e como estas interferem em seu trabalho de tradução. Ressalta ainda a questão da intimidade do tradutor com a obra, da importância do tipo de linguagem utilizada e da experiência da AD com os outros sentidos, pois, segundo ele, a tradução seria mais completa, se conseguisse explorar também os outros sentidos como forma de complementação. Como exemplo, relata seu trabalho com o grupo Vocaleyes, um dos dois projetos de investigação que realizou para o Conselho de Artes da Inglaterra. O grupo foi constituído como uma instituição de caridade que forneceria audiodescrição profissional para os teatros, a fim de aumentar a oferta e a qualidade do acesso de pessoas com deficiência visual a esses espaços. A audiodescrição era realizada por voluntários.

Inicialmente, o Vocaleytes atendia às necessidades das turnês dos espetáculos. Isto quer dizer que uma produção que viajava para dez dessas salas de espetáculos seria audiodescrita por um conjunto de dez audiodescritores diferentes. Em cada teatro que o espetáculo chegava, um novo audiodescritor realizaria uma nova tradução, tendo esse muito pouco tempo para se preparar. O resultado de tudo isso, do ponto de vista do acesso, é que uma pessoa com deficiência visual que assistisse à mesma produção em cada uma dessas salas de espetáculos teria a experiência de ter assistido a dez produções totalmente diferentes, ou seja, o acesso não é neutro, ele está sujeito às variações culturais. E isso muda toda a natureza da experiência artística.

Ainda de acordo com Holland (2009), os nossos sentidos são interdependentes, a visão isoladamente não nos dá a noção exata da terceira dimensão, cada vez que nossa realidade reconhece os olhos, estamos dando valores táteis às impressões da retina. E é sob essa perspectiva que Holland acredita que a audiodescrição deve ser trabalhada, para que o descrito apele mais que o visual ou chegue bem próximo dele. Porém, o autor não acredita na descrição apenas do que se vê, pois uma obra artística é muito mais que isso, para ele a audiodescrição deve tentar chegar ao coração de uma obra e recriar a experiência que aquele trabalho realiza com seus espectadores, não se contentando em dizer a alguém os detalhes físicos de algo que eles não podem ver.

A experiência de Holland serve como um modelo para as pesquisas aqui do Brasil, principalmente no que diz respeito às variações culturais, pois estamos adaptando um modelo europeu à realidade do nosso país e do nosso público-alvo. Estamos realizando pesquisas a fim de encontrar os nossos próprios parâmetros de AD para o teatro. A diferença entre o presente estudo e a pesquisa de Holland é que trabalhamos com o público infantil, enquanto ele trabalhou com adultos. Além disso, realizamos a AD de um espetáculo infantil uma única vez, diferentemente do que fez Holland, que teve o espetáculo audiodescrito várias vezes e por grupos de audiodescritores diferentes. Por fim,

aplicamos uma avaliação com o público-alvo, a fim de testarmos a eficiência do roteiro de AD e trabalhamos com apenas dois audiodescritores para a construção e revisão do roteiro. Esses elementos serão detalhados no próximo capítulo dedicado à metodologia.

Matamala & Orero (2007) sugerem ainda, que antes da apresentação seja fornecido ao público com deficiência visual uma sinopse da ópera e o nome dos cantores de acordo com a ordem de apresentação. Já na nossa experiência com *A Vaca Lele*, como não estava disponível o programa do espetáculo em Braille, a sinopse do espetáculo foi lida para o público antes do início da sessão.

No que diz respeito ao público, Silva (2009) afirma que o audiodescritor deve estar familiarizado com o universo infantil para que a imagem pessoal que se tenha da criança, suas necessidades e preferências seja a mais realista possível. Vale ressaltar que, segundo a autora, para a AD de produções infantis, devido à particularidade dessa faixa etária, o audiodescritor deveria observar as seguintes diretrizes:

adequar a linguagem (léxico e estruturas sintáticas) ao nível das crianças e preservar a trilha musical. Caso seja necessário transmitir alguma informação vital e se precise sobrepor alguma descrição à música, fazê-lo após a primeira estrofe e usar preferencialmente os intervalos instrumentais ou trechos em que houver repetições. É preciso também usar a sensibilidade e fazer escolhas lexicais que reflitam a beleza especial das obras infantis. (SILVA, 2009, p. 57 a 58)

Quando se tratam de produções voltadas para o público infantil temos um tipo de texto especial, portanto sua tradução deve estar pautada nas características inerentes a esse gênero, é preciso conhecer as especificidades das produções voltadas para esse público e quais características influenciam o processo de tradução. Geralmente, existe uma diferença entre as produções voltadas para o público adulto e para o público infantil. Os produtos direcionados às crianças têm historicamente menor prestígio.

As relações da literatura infantil com a não-infantil são tão marcadas, quanto sutis. Se se pensar na legitimação de ambas através dos canais convencionais da crítica, da universidade e da academia, salta aos olhos a marginalidade da infantil. Como se a menoridade de seu público a contagiasse, a literatura infantil costuma ser encarada como produção cultural inferior. (LAJOLO; ZILBERMAN, p. 11 apud AZENHA JR, 2005, p. 373-374)

Assim como qualquer produto destinado ao público infantil, a AD precisa ser pensada para um público específico, analisando de perto as suas necessidades. Reside aí a importância da avaliação da recepção, para que as próprias crianças possam ter voz e possam falar de seus anseios, curiosidades e expectativas para esse trabalho. Ouvir a audiência é a melhor forma de saber se o trabalho funcionou, ou ainda, a melhor forma de poder aperfeiçoá-lo para que ele possa atingir o seu propósito de promover a acessibilidade das crianças com deficiência visual.

Segundo AZENHA JR. (2005), o aspecto decisivo no trabalho de tradução para o público infantil é a assimetria, a qual consiste no fato de as produções infantis serem realizadas por adultos. São eles que pensam, escolhem, publicam e traduzem para as crianças.

Essa assimetria, marcada pelas diferenças de experiência e de vivência do mundo real e ficcional, é considerada aqui um traço distintivo da tradução de LIJ (Literatura Infanto-Juvenil). Não que outras características, mencionadas adiante para se caracterizar esse tipo específico de tradução, não sejam importantes: por exemplo, as escolhas de itens lexicais acessíveis à compreensão do público destinatário, o emprego de estruturas sintáticas condizentes com tais escolhas, o diálogo do texto com as ilustrações, os jogos e brincadeiras com a linguagem, que marcam o caráter lúdico dessas obras, entre tantos outros. Todos eles, de fato, podem ser encontrados na tradução de outros tipos de texto e não poderiam ser empregados aqui exclusivamente para se delimitar o escopo da questão. Na produção e na tradução de LIJ, porém, tais recursos assumem uma função de sustentação da assimetria mencionada, ora promovendo o alcance dos objetivos pretendidos para a obra e garantindo, assim, sua aceitação junto ao público, ora operando em sentido contrário, dependendo da conscientização, em maior ou menor escala, que o(a) autor(a) tem da natureza assimétrica que marca o processo de escritura de LIJ. (AZENHA JR., 2005, p.370-371)

Dessa forma, os profissionais que produzem materiais para o público infantil devem ficar atentos para não tentarem agradar a duas audiências (pais e crianças), pois um produto destinado ao público infantil precisa atender diretamente às suas necessidades. Outro ponto que pode ser destacado é a questão da subestimação. Alguns profissionais tendem a sentimentalizar seus trabalhos com o intuito de aproximarem-se do público infantil e acabam por criar uma imagem não convincente e falsa do universo infantil. Sendo assim, os textos audiodescritos também não deveriam se submeter a esse tipo de dependência. Tentar aliviar determinadas características da obra devido à audiência é ocultar informação ao público, principalmente quando se trata de um público com deficiência visual.

Silva (2009) enumerou algumas características inerentes às produções destinadas ao público infantil e sua influência no processo de tradução das mesmas, as quais podem ser resumidas em (nas palavras da autora):

Faz-se necessário respeitar o nível de desenvolvimento cognitivo e conhecimento de mundo do público-alvo, bem como aquilo que a sociedade acredita ser bom e aceitável para esse público; deve-se ter cuidado especial no trato dos elementos acústicos e visuais presentes nas obras; deve-se dosar a ambivalência dos textos, privilegiando a audiência primária em detrimento da secundária e preservando o caráter lúdico do gênero; faz-se mister estar familiarizado com o universo infantil para que a imagem pessoal que se tenha da criança, suas necessidades e preferências seja a mais realista possível. (SILVA, 2009, p. 57 a 58)

As características destacadas por Silva (2009) reforçam o cuidado e a preocupação que um tradutor deve ter ao trabalhar com o público infantil e que não se trata de um trabalho qualquer, que pode ser feito de qualquer forma. Nosso estudo teve toda a atenção necessária com este público e utilizou como base as práticas demonstradas acima.

Apenas em Silva (2009) encontramos algo voltado diretamente para esse público. A autora realizou um estudo acerca da audiodescrição de desenhos animados para crianças cegas ou com baixa visão, a fim de delinear

os primeiros parâmetros para a construção de um modelo de audiodescrição que atenda às necessidades da criança brasileira não-vidente.

2.2 Algumas Notas sobre o Teatro Infantil no Brasil

O teatro é uma arte em que um ator, ou conjunto de atores, interpreta uma história ou atividades, com os dramaturgos, diretores e técnicos, que têm como objetivo apresentar uma situação e despertar sentimentos no público. Toda reflexão que tenha o drama como objeto precisa se apoiar numa tríade teatral: quem vê, o que se vê, e o imaginado.

Dessa forma, o teatro enquanto produção audiovisual pressupõe necessariamente a presença do público para que possa acontecer de fato. A montagem de um espetáculo teatral está intrinsecamente ligada à sua interação com os espectadores, de forma que a concepção cênica, que envolve a trama da dramaturgia, figurinos, cenários, objetos cênicos, cores, luzes, músicas, movimentos, marcações, sons e outros tantos signos que contribuem para a compreensão da obra, objetiva atrair a atenção do público, principalmente, por meio do sentido da visão. Diante disso, a pessoa com deficiência visual encontra-se distante do mundo teatral, tendo em vista que a ausência de visão a impossibilita de interagir e deleitar-se com um espetáculo de teatro na sua plenitude.

O teatro voltado para o público infantil nasceu no Brasil no século XIX, com o Teatro Escolar, no qual monólogos de cunho moralizador escritos por autores famosos da época eram escritos para serem recitados por crianças em datas comemorativas nas casas ou escolas. Até a estreia de “O Casaco Encantado” em 1948, nunca houve uma preocupação em desenvolver dramaturgia voltada para crianças. Este espetáculo foi escrito, dirigido e representado por adultos, porém sua linguagem e sua estrutura dramática foram pensadas para o público infantil. As crianças assistiam aos espetáculos,

chegavam até a representar, mas nunca havia sido pensada uma linguagem específica do universo infantil.

Logo em seguida as companhias de teatro infantil passaram a ser formadas por atores, produtores e diretores profissionais. Em São Paulo, Tatiana Belinky e Júlio Gouveia fundam O Teatro Escola de São Paulo (TESP); no Rio de Janeiro, Pernambuco de Oliveira e Pedro Veiga fundam o Teatro da Carochinha; e em 1951, Maria Clara Machado funda o Teatro Tablado, com seu primeiro espetáculo “O Boi e o Burro a Caminho de Belém”, um auto de natal escrito para teatro de bonecos.

Na década de 70, vários outros grupos se revelaram na linguagem teatral voltada para o público infantil, destacando-se pela qualidade e dedicação ao trabalho: Vento Forte, de Ilo Krugli, e o “Hombu”, de Sílvia Aderne e Beto Coimbra, os quais se mantêm até hoje.

Após o seu apogeu na década de 70, o teatro infantil passou por diversas mudanças e vários grupos de teatro infantil foram criados, até que na década de 90 o teatro infantil começou a lutar por espaços na crítica, nos teatros e por verbas do governo. Dentre as grandes dificuldades daquela época, que ainda hoje não foram completamente superadas, estava a manutenção e apresentação dos espetáculos. O teatro não conseguia se manter com a verba da bilheteria e o subsídio do governo não conseguia resolver o problema do teatro em geral. Atualmente, o teatro infantil continua a enfrentar boa parte dos problemas encontrados na década de 90, mas com um agravante, a competição com a cultura de massa, a qual retirou boa parte do público dos grandes teatros. Vale ressaltar ainda, que o teatro infantil encontra-se um tanto marginalizado, pois, para muitos artistas, não é considerado profissional, sendo simplesmente usado como um trampolim ou porta de entrada para o teatro adulto.

Portanto, trabalhar com o teatro para o público infantil com deficiência visual é trabalhar com um público duplamente marginalizado e

excluído da cena teatral, ou seja, além de se tratarem de crianças, também são pessoas que enfrentam a barreira da deficiência visual.

Em decorrência desta marginalização sofrida pelo teatro infantil, verificamos que não há estudo algum que recupere a história do teatro infantil no Ceará, ainda que tenhamos dois cursos de graduação em artes cênicas na capital, um no Instituto Federal do Ceará e outro, mais recentemente criado, na Universidade Federal do Ceará. O que existe em nosso estado é uma prática teatral direcionada para este público, assim como nos demais estados, mas que infelizmente não vira memória.

Dentre os grupos de teatro da cidade de Fortaleza podemos citar alguns que são referência e se destacam pela qualidade de suas produções direcionadas para o público infantil, são eles: Comédia Cearense, Grupo Balaio, Art'Elenco Produções, Pavilhão da Magnólia, Grupo Vemart, Grupo Bagaceira de Teatro, Teatro Máquina e Grupo Bandeira das Artes.

Com relação ao Grupo Bandeira das Artes, este foi criado em 2009 por Bruna Leão e Klístenes Braga com o objetivo de dar continuidade ao Projeto *A Vaca Lelé*, de autoria de José Alves Netto, o qual foi produzido pela Art'Elenco Produções de 2005 a 2008. O grupo decidiu continuar a produção do espetáculo *A Vaca Lelé* e torná-lo acessível para pessoas com deficiência visual e para surdos. Atualmente, o Grupo Bandeira das Artes vem buscando aprofundar suas pesquisas em acessibilidade para o teatro infantil e trabalhar com a perspectiva do teatro sensorial, buscando pensar na acessibilidade de suas produções desde a concepção.

2.3 Discutindo Parâmetros de AD

Com relação à audiodescrição (AD), segundo Payá (2007), mais de 80% da informação que recebem o homem e a mulher contemporâneos é

através da percepção visual. Portanto, vê-se na AD uma saída para o rompimento dessa barreira, pois por meio dela consegue-se suavizar a carência da captação da parte visual, fornecendo uma informação sonora adequada que traduz o momento em que o visual fala mais alto.

Com o objetivo de estabelecer parâmetros para elaboração de roteiros de AD, Jimenéz-Hurtado (2010) analisou um corpus de 210 filmes audiodescritos em espanhol. A autora propôs a criação de uma gramática local que delinea a elaboração da audiodescrição de filmes. A classificação deste material obedeceu a seguinte ordem: tipo de língua, gênero fílmico e se o roteiro de AD cumpre a norma AENOR (Asociación Española de Normalización y Certificación).

Os roteiros dos filmes audiodescritos foram submetidos a um processo de etiquetagem semântica em três níveis: narratológico, cinematográfico e linguístico. O nível narratológico é relativo às categorias literárias de descrição de personagens, do ambiente e da ação; o nível cinematográfico se refere à linguagem da câmera; e o nível linguístico, diz respeito aos itens linguísticos característicos da AD. A etiquetagem foi realizada de forma semi-automática com a ajuda de *softwares* de etiquetagem e de análise textual, juntamente com uma análise linguística posterior dos resultados, que ofereceu dados confiáveis e permitiu a criação da gramática proposta pela autora.

Para a etiquetagem Jimenéz-Hurtado (2010) utilizou o *Taguetti*, um *software* que etiqueta corpora multimodais. Através dele a autora conseguiu visualizar a imagem e a estrutura textual que a descreve. Os roteiros foram etiquetados a partir dos três níveis acima mencionados. Estes níveis são de fundamental importância para a gestão das informações, pois permitem estabelecer comparações para buscar parâmetros e equivalências pertinentes entre os diferentes esquemas e estruturas que interagem no texto original (filme) e no texto-alvo (filme acessível para pessoas com deficiência visual) do processo de audiodescrição.

O nível narratológico será aquele com o qual trabalharemos no presente estudo, por não dispormos de tempo hábil para analisarmos o nosso objeto nos outros níveis. Nosso trabalho se diferencia do de Jimenéz-Hurtado por dois motivos. O primeiro diz respeito à avaliação da recepção a esses roteiros por parte do público com deficiência visual. O segundo relaciona-se com o gênero da produção a ser audiodescrita. Como vamos trabalhar com o teatro, algumas das categorias previstas por ela para o cinema terão que ser adaptadas. Os elementos a serem trabalhados são: elementos visuais verbais e não verbais. Dentre os elementos visuais verbais, podemos citar os títulos dos créditos iniciais e finais, os textos e legendas que aparecem no filme. Estes elementos correspondem no teatro à sinopse e a ficha técnica do espetáculo, presentes no programa do mesmo, que pode ser disponibilizado em Braille para o público com deficiência visual; no que diz respeito aos textos e legendas no teatro, corresponde a algum material escrito que seja projetado ou ainda fixado no cenário do espetáculo.

Os elementos visuais não verbais, por sua vez, são formados pelos personagens (apresentação, identificação, atributos físicos e estados físico, mental e emocional), pela ambientação (cenários, adereços, iluminação e cores) e pelas ações. Na ambientação, encontramos a segmentação da localização espacial, que pode ser interior e exterior, e localização temporal.

Diferentemente do trabalho de Jimenéz-Hurtado (2010), não necessitamos de um *software* de etiquetagem em virtude de trabalharmos apenas com o roteiro de AD de um espetáculo de teatro e, portanto classificamos manualmente cada uma das inserções, obedecendo às categorias sugeridas pela autora. Como no roteiro de AD de *A Vaca Lele* não identificamos a presença de elementos visuais verbais, analisamos apenas os elementos visuais não verbais. Jimenéz-Hurtado (2010) fragmentou ainda o filme em unidades que ela chamou de Unidades de Sentido com duração de um minuto cada, essa limitação facilitou o processo de busca, recuperação e análise da informação por setores e conceitos. Tal operação também não foi realizada no presente estudo.

Cabe destacar ainda que nos limitamos a quantificar e analisar as inserções necessárias para descrever o composto imagético contido em *A Vaca Lelé*, com o objetivo de descrever e avaliar o processo de AD deste espetáculo. Para tanto, tomei como referência para a classificação das inserções algumas das etiquetas elaboradas por Jimenéz-Hurtado (2007, p. 69-70) para os elementos visuais não verbais, são elas: Personagem², Ambientação³ e Ação⁴. Porém, como analisamos o roteiro de AD de um meio semiótico diferente, verificamos que seria necessária a modificação de algumas das etiquetas, pois apenas as três supracitadas não dariam conta do material a ser analisado. Como se tratava de uma mídia diferente, com características e nomenclaturas próprias, achamos por bem trocar a descrição de "ambientação" pela descrição do "cenário", termo utilizado no teatro para identificar o espaço em que acontece a cena. Além disso, acrescentamos a descrição da "iluminação"⁵, elemento fundamental para a composição da cena teatral. Dentre os parâmetros de AD de filmes, mantivemos nesta análise a descrição do personagem e a descrição das ações.

Segundo Jimenéz-Hurtado (2010), narrar é uma atividade comunicativa que reconstrói no presente os fatos que ocorreram no passado. Portanto, a AD pode ser adaptada a tal conceito e ser analisada como uma narração que reconstrói o composto imagético de um filme, de um espetáculo

² No teatro grego, a *persona* é a máscara, o papel assumido pelo ator, ela não se refere à personagem esboçada pelo autor dramático. É através do uso da *persona* em gramática que a *persona* adquire pouco a pouco significado de ser animado e de pessoa, que a personagem teatral passa a ser uma ilusão da pessoa humana.

³ No teatro, a ambientação está relacionada com o cenário em que se passa a trama. Portanto, cenário é aquilo que, no palco, figura o quadro ou moldura a ação através de meios pictóricos, plásticos e arquitetônicos, etc.

⁴ Sequência de acontecimentos cênicos essencialmente produzidos em função do comportamento das personagens, a ação, é ao mesmo tempo, concretamente, o conjunto dos processos de transformações visíveis em cena e, no nível das personagens, o que caracteriza suas modificações.

⁵ É um dos principais enunciadores da encenação, pois comenta toda a representação e até mesmo a constitui, marcando o seu percurso. Ela dá o tom de uma cena, modaliza a ação cênica, controla o ritmo do espetáculo, assegura a transição de diferentes momentos, coordena os outros ritmos cênicos colocando-os em relação ou isolando-os.

de teatro, de um programa de televisão, entre outros. Desta forma, o audiodescritor precisa contemplar em seu roteiro de AD os três eixos fundamentais da narração: personagens, ações e ambientação. (JIMÉNEZ-HURTADO, 2010, p. 78)

Ainda de acordo com a autora, os personagens são a parte mais importante de toda narração, trata-se de uma figura textual que vive em um mundo imaginário, que tanto pode ser uma figura humana, como uma figura pseudohumana, a exemplo dos personagens dos filmes de animação. No teatro não é diferente e, em muitos casos, a história é contada a partir de um personagem, das suas vivências e experiências. É através dos personagens que as ações acontecem.

No que diz respeito à ambientação, segundo Jiménez-Hurtado, esta compreende o conjunto de dados pessoais e objetos decorativos que ressaltam determinadas ações e revelam as personalidades dos personagens ou o conjunto de elementos que funcionam como plano de fundo. É a fase de concepção da cena, ou seja, a área de atuação dos personagens. A cena é a unidade individual mais importante do roteiro, pois se trata do espaço onde uma ação específica acontece. É, portanto, o espaço no qual a história é narrada, responsável por coordenar a sua estrutura.

No capítulo seguinte, apresentaremos a metodologia utilizada no presente estudo, bem como o processo de AD de *A Vaca Lele*.

CAPÍTULO 3: METODOLOGIA

Este capítulo contém a metodologia desta pesquisa, desenvolvida a partir da literatura que trata das peculiaridades que envolvem a AD para crianças, testando técnicas e normas estabelecidas pelo resultado de pesquisas já realizadas no campo da tradução audiovisual.

3.1 Tipo de Pesquisa

O presente trabalho é definido como uma pesquisa descritivo-exploratória, que analisou o processo de AD de *A Vaca Lelé*, segundo os parâmetros preconizados por Jiménez-Hurtado (2007 e 2010), objetivando verificar quais deles foram os mais utilizados na elaboração do roteiro (personagens, ambientação ou ações) de uma AD de teatro e quais parâmetros podem ser sugeridos para este meio semiótico. O roteiro de AD foi avaliado por um grupo de crianças com deficiência visual, que assistiram ao espetáculo com o recurso e, ao final, nos responderam algumas perguntas que versavam sobre o tema, sobre a mensagem do espetáculo e a experiência com a audiodescrição.

3.1.1 Descrição do *Corpus*

O *corpus* foi constituído pelo espetáculo de teatro infantil *A Vaca Lelé*, com AD, levando-se em consideração que se trata de uma obra premiada e com características regionais, que aproximam o público das tradições da sua região. Vale ressaltar que a responsável por esta pesquisa é atriz e produtora

do espetáculo, o que facilitou sobremaneira o processo de audiodescrição do mesmo.

O texto é do ator, diretor e novelista Ronaldo Ciambri, com formação acadêmica pela USP, ganhador de dois prêmios Molière em 1974 e 1978, o último com o texto do espetáculo supracitado, e o projeto de montagem é do ator e produtor José Alves Netto, vencedor do Edital de Teatro da Fundação de Cultura, Esporte e Turismo do Ceará – FUNCET – no ano de 2004, categoria Montagem. *A Vaca Lele* foi produzida de 2005 a 2008 pela Art'Elenco Produções, produtora de José Alves Netto.

O espetáculo passou a ser produzido pelo do Grupo Bandeira das Artes de Fortaleza-CE em 2009 (também ano de fundação do grupo), sob a coordenação de Bruna Leão e Klístenes Braga, com o objetivo de torná-lo acessível para pessoas com deficiência sensorial. Cabe destacar que a criação do grupo se deu em virtude de continuar a produzir o espetáculo *A Vaca Lele* e iniciar uma pesquisa sobre teatro infantil acessível para suas próximas produções.

A Vaca Lele estreou em 2005, sob a direção de Ana Cristina Viana, atriz e diretora, com formação em arte dramática pela Universidade Federal do Ceará e direção teatral pelo Colégio de Direção Teatral do Instituto Dragão do Mar de Arte e Indústria Audiovisual do Ceará. O elenco é formado por Bruna Alves Leão, Davidson Caldas, Luís Carlos Pedrosa e Solange Teixeira. O espetáculo foi vencedor do I Prêmio Eduardo Campos de Teatro, do Prêmio de Melhor Espetáculo Infantil do IV Festival de Teatro de Fortaleza, ambos em 2006, e do Prêmio Balaio Destaques do Ano em 2007 em sete categorias.

Na montagem, Matilde, uma vaquinha que vivia fugindo do curral, era cheia de sonhos e curiosidades, tinha sede de conhecer a vida e seus segredos. Consegue ampliar seus conhecimentos quando se torna amiga do velho espantalho, que tudo sabe e tudo vê. A história fala das vontades, de liberdade, de voos felizes, de ir à luta para não se acomodar, de sonhos impossíveis e de muito amor. O espetáculo tem uma linha sertaneja, as

personagens têm sotaque e as músicas regionais completam o clima. Na história, cada personagem que a Matilde conhece é uma lição de vida, e assim a protagonista cresce. Os atores representam dez personagens capazes de transformar sonhos impossíveis em realidades possíveis. Vale ressaltar ainda que, a pesquisadora Bruna Leão, responsável por esta pesquisa de AD no teatro, faz a personagem principal do espetáculo, Matilde.

3.1.2 Elaboração do Roteiro

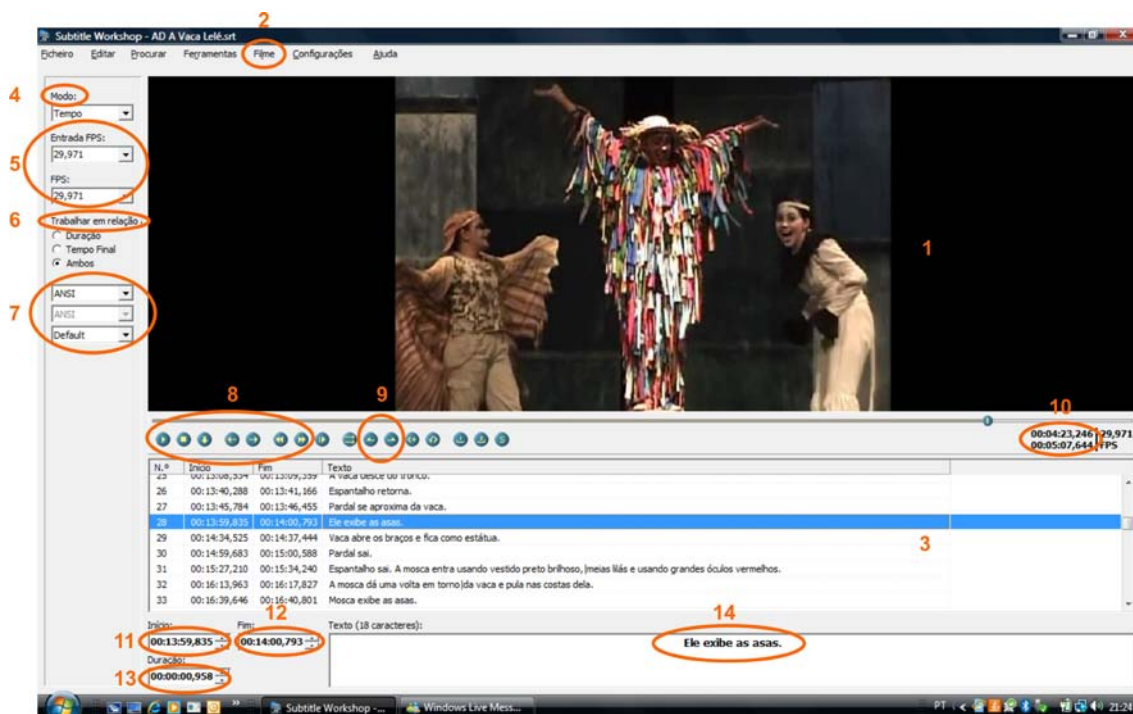
Primeiramente, definiu-se a obra teatral a ser audiodescrita, no caso, o espetáculo infantil *A Vaca Lelé*, em seguida, assistiu-se ao DVD da peça cedido por seus produtores, atentando-se para cada detalhe da montagem. Porém, a filmagem foi feita durante uma apresentação do espetáculo no Teatro SESC Emiliano Queiroz e a apresentação com AD aconteceu no Cineteatro do Centro Cultural Banco do Nordeste – CCBNB – Fortaleza. Em virtude disso, o espetáculo sofreu algumas adequações, tais como: redução do cenário e alterações nas marcações. Portanto, os roteiristas da audiodescrição tiveram não só que assistir ao DVD da peça, como também acompanhar algumas apresentações do espetáculo no Cineteatro do CCBNB antes da sessão audiodescrita para que fossem realizados os devidos ajustes.

Ainda que o espaço da filmagem e da apresentação com AD sejam os mesmos, é necessário o acompanhamento do audiodescritor em algumas das sessões do espetáculo, pois a gravação em vídeo é muito limitada, principalmente se levarmos em consideração que a maioria dos grupos filma os seus espetáculos de acordo com o modelo exigido pelos editais, com a câmera fixa, em plano aberto e sem nenhum close e/ou planos de detalhe, o que não permite uma exploração maior dos detalhes do espetáculo, como as expressões dos personagens, o figurino e o cenário.

Cabe destacar que ambos os audiodescriptores de *A Vaca Lele* são produtores da peça e um deles também faz parte do elenco, o que facilitou o acompanhamento do espetáculo e o processo de roteirização da AD, favorecendo sobremaneira o desenvolvimento do trabalho de forma eficiente. Entretanto, caso o audiodescriptor não seja produtor do espetáculo ou faça parte do grupo, é necessário que ele tenha acesso às informações da mesma forma. Ele deve acompanhar de perto alguns ensaios, ler o texto original, ter acesso ao mapa de luz do espetáculo, ao figurino, aos adereços, ao cenário, e conversar com o grupo e com o diretor sobre o processo de montagem.

No segundo momento, selecionaram-se e definiram-se as imagens a serem audiodescritas. A partir desta análise, foi possível identificar os espaços de inserção da narração, com a respectiva marcação de tempo, de acordo com as deixas dos atores, e deliberar sobre o grau de relevância entre as imagens. A última tarefa desta etapa foi a elaboração do roteiro. Utilizou-se o programa *Subtitle Workshop* (SW) para fazer a marcação dos locais de inserção da narração, de acordo com o tempo do vídeo.

Figura 1 – Plataforma de trabalho do *Subtitle Workshop* 2.51



Na Figura 1, apresentamos a plataforma de trabalho do SW, composta quase que em sua totalidade pela janela contendo o filme (1), que é carregado para o programa a partir do menu Vídeo (2), e pela janela contendo o roteiro de AD (3). À esquerda da janela do filme, estão as opções de modo de exibição do filme (4), de FPS (5), que são os *frames* ou quadros por segundo, de trabalhar com (6) Duração, tempo final ou ambos e de configuração de texto (7). Logo abaixo dessa mesma janela, do lado esquerdo, estão os botões de operação do filme (8) (play/pause, stop, retroceder, avançar etc.) e de marcação de tempo do texto da AD (9) (definir tempo inicial e final), e do lado direito, os indicadores de tempo corrente e de tempo total do filme (10). Abaixo da janela do roteiro e à esquerda, há o tempo inicial (11), o tempo final (12) e a duração do intervalo (13) destinado a cada inserção, e à direita, a caixa de *input* e edição do texto (14) da AD. Vale salientar que esses são os recursos elementares para que se possa operar o programa durante a elaboração do roteiro.

O *Subtitle Workshop* é um dos *softwares* mais simples de legendagem e comumente utilizados, na versão 2.51, desenvolvido pela URUsoft. Apesar da sua finalidade original, nossas pesquisas revelaram que suas ferramentas favorecem o processo de AD, no que diz respeito à concepção do roteiro, porque ele permite a marcação do tempo de entrada e saída das inserções, a duração dessas inserções e a visualização do vídeo. Trata-se de um programa gratuito, que pode ser facilmente baixado por meio de sites de downloads, como o *Superdownloads* ou o *Baixaki*. No caso do teatro, a maior contribuição desse programa é a marcação da duração de cada inserção (quanto tempo em média o narrador terá entre uma fala e outra para a descrição) e a visualização do vídeo no momento em que estamos elaborando o roteiro.

Na AD de *A Vaca Lelé*, ao selecionarem-se e definirem-se as imagens a serem audiodescritas, pudemos observar que estes espaços eram curtos e foi necessário se condensar o máximo possível o texto para a locução. Em alguns momentos, o locutor aumentava ou diminuía a velocidade da

narração, de acordo com o ritmo da cena. A seguir, um trecho do roteiro onde havia a orientação sobre a velocidade da locução:

Quadro 1 – Trecho do roteiro de AD de *A Vaca Lele*

Nº Ordem	Descrição
24	<i>(rápido)</i> Pardal se aproxima da vaca.
25	<i>(rápido)</i> Ele exhibe as asas.

De acordo com algumas das diretrizes citadas por Silva (2009), elaboramos um roteiro voltado diretamente para o público infantil, com o uso do diminutivo em algumas passagens, uma linguagem mais simples e sensível a esse tipo de público, tentando criar uma proximidade entre o audiodescritor e as crianças. Podemos identificar essas características nos trechos do roteiro apresentados abaixo:

Quadro 2 – Trecho do roteiro de AD de *A Vaca Lele*

Nº Ordem	Descrição
47	A galinha puxa o carrinho.
48	A galinha dá um pulinho.
49	Ela vira o carrinho e os pintinhos caem.
50	Espantalho recolhe os pintinhos e sai puxando o carrinho.
70	<i>(durante a introdução do violão)</i> Uma luz amarela ilumina a cigarra.
71	- <i>Que o meu canto é livre como a natureza...</i> <i>(rápido)</i> A vaquinha e o espantalho dançam.

No roteiro de *A Vaca Lele* houve uma preocupação em descrever as ações dos atores, os figurinos de cada personagem, as cores presentes em todos os elementos cênicos, inclusive, as luzes em consonância com a trama do texto principal. O mesmo foi testado por um consultor com deficiência visual, o qual faz parte do Grupo LEAD e testa todas as nossas audiodescrições, a fim de ajustar as expressões e o conteúdo mais adequados à compreensão do público com deficiência visual. Cabe destacar que o nosso consultor é graduando em filosofia e já teve acesso a produções com audiodescrição, pois somente o fato de ele ser deficiente visual não o qualifica para ser um consultor. É necessário também ele entender o processo de AD e estar

familiarizado com ela. Nenhuma alteração no nosso roteiro foi necessária, visto que o consultor compreendeu todas as expressões utilizadas no roteiro e não sugeriu mudanças.

Por fim, realizou-se um último teste, que consistiu basicamente em uma simulação. O audiodescritor acompanhou uma sessão do espetáculo antes da sessão audiodescrita e leu o roteiro em voz baixa, com o objetivo de consolidar o ritmo da sua narração e acertar o texto do roteiro conforme o ritmo do espetáculo, observando as deixas e as marcações. O teste foi realizado na cabine de operação de luz e de som do cineteatro, de onde se propunha realizar a narração.

3.2 Procedimentos

A leitura e a seleção dos principais textos que nortearam esta pesquisa compuseram a primeira etapa deste trabalho, principalmente no que diz respeito às pesquisas em audiodescrição na Europa, destacando as principais pesquisas realizadas por Jiménez-Hurtado.

Na segunda etapa, planejamos a metodologia a ser seguida e avaliamos a audiodescrição do espetáculo de teatro *A Vaca Lele*, apresentado anteriormente. O roteiro da audiodescrição foi elaborado a partir dos parâmetros de Jiménez-Hurtado utilizados no cinema europeu. O objetivo desta avaliação foi verificar a eficácia da AD no teatro e analisar quais parâmetros poderiam ser replicados neste outro meio semiótico e quais teriam que ser adaptados.

Antes da avaliação foram realizadas visitas ao Instituto Dr. Hélio Góes com o objetivo de conhecer um pouco mais do trabalho realizado com as crianças com deficiência visual. Tentamos nos aproximar um pouco delas a fim de que a avaliação não se tornasse uma experiência ruim para nenhuma das

partes. Procuramos fazer daquele momento algo especial, principalmente, se levarmos em consideração que a maioria das crianças nunca estiveram em um teatro.

Foram selecionados para participar da avaliação 07 alunos do Instituto Dr. Hélio Góes, mas apenas 05 foram autorizados pelos pais. Suspeita-se que isto tenha ocorrido pelo fato de os pais desconhecerem a audiodescrição e, aparentemente, terem pouco contato com o teatro. Esse fato chamou atenção para uma questão cultural envolvida nisso. Alguns dos pais contatados pareceram não se importar com o acesso de seus filhos aos meios culturais, além disso, pessoas como eles talvez ainda tenham a percepção errada de que essas crianças não possam ter acesso a qualquer tipo de comunicação visual em virtude da deficiência. O perfil traçado pela pesquisadora foi o de crianças com faixa etária entre 06 e 12 anos (mesma faixa etária do espetáculo), alunos do Instituto Dr. Hélio Góes e todos com deficiência visual total e congênita. Cabe destacar, que convidamos para assistir ao espetáculo com AD não só os participantes da avaliação, mas também os demais alunos do Instituto Dr. Hélio Góes e os alunos da Escola de Ensino Fundamental e Médio Instituto dos Cegos, totalizando 70 crianças com deficiências visual e intelectual, acompanhadas pelos professores das duas instituições.

O Instituto Dr. Hélio Góes é um setor da Sociedade de Assistência aos Cegos - SAC que cuida da educação e integração social de crianças, adolescente e adultos portadores de deficiência visual. Fundado em 19 de setembro de 1942, é uma instituição pioneira na sua área de atuação, localizado na Av. Bezerra de Menezes, 892, São Gerardo em Fortaleza. Desde sua fundação vem proporcionando uma educação de qualidade nas diversas modalidades de atendimento à deficiência visual, procurando integrar os educandos à sociedade nos diversos setores da vida pública e privada, nas mais diversas áreas, principalmente informática, telefonia e comunicação. Os alunos do Instituto Dr. Hélio Góes são atendidos do maternal ao 7º ano do Ensino Fundamental II, seguindo o mesmo currículo das escolas regulares de

ensino fundamental. A área de Educação é beneficiada com os seguintes setores: Biblioteca Braille Josélia Almeida, Imprensa Braille Rosa Baquit, Setor de Profissionalização, Núcleo de Especialização de Docentes e Centro de Estudos DOSVOX Prof. José Antonio Borges.

Os 05 participantes desta avaliação foram convidados no próprio instituto e seus pais ou responsáveis assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido que atende às exigências para o tipo de avaliação executada, envolvendo seres humanos. O sexo da criança não foi fator essencial para esta pesquisa. A presente avaliação conta com o aval das diversas instâncias regulamentares da UFMG e está inserida num projeto de pesquisa institucional em andamento, registrado no comitê de ética \ufmg - \parecer ETC 532/06 – No Registro COEP 0255.0.203.000-05, já que se vincula ao projeto de cooperação acadêmica UECE/UFMG (PROCAD CAPES) intitulado “Elaboração de um Modelo de Audiodescrição para Cegos a partir de Subsídios dos Estudos de Multimodalidade, Semiótica Social e Estudos da Tradução”.

Para realizarmos a audiodescrição do espetáculo, aproveitamos a sua temporada no cineteatro do CCBNB em maio de 2010, quando foram realizadas 10 sessões, em que a última delas foi contemplada com a AD. Vale salientar que os custos que envolvem uma produção como esta são razoavelmente consideráveis e, por isso, a seleção do espetáculo pelo Edital de Programação do CCBNB favoreceu a realização da tradução, sem que tivéssemos que arcar com o cachê do elenco e os valores de pauta e de repasse dos direitos autorais do texto, da montagem e da direção. Contamos ainda com o importante apoio do CCBNB também para o aluguel dos fones e para o aluguel do transporte que fez o traslado das crianças do instituto até o cineteatro. Cabe destacar, que iniciativas como esta são sempre muito difíceis em nosso estado e, para este tipo de ação obter êxito com o público com deficiência visual, sabemos que é de fundamental importância o apoio de um transporte, pois só assim o público se faz presente, principalmente no que diz respeito às crianças que, além da barreira da deficiência, ainda dependem da

disponibilidade dos pais para levá-las a qualquer lugar. No dia 28 de maio de 2010, às 10 horas da manhã, foi realizada a apresentação do espetáculo *A Vaca Lelé* com audiodescrição.

No momento da apresentação, as cinco crianças foram filmadas para que registrássemos todas as suas reações, a fim de verificar se as respostas da avaliação correspondiam com as suas reações. Vale ressaltar que para mantermos o sigilo da identificação das crianças, elas serão identificadas no decorrer desta pesquisa como C1, C2, C3, C4, e C5; com o objetivo de cumprir com o que está expresso no termo de consentimento assinado pelos pais ou responsáveis e evitar qualquer tipo de constrangimento que venha a prejudicar os participantes.

Após a apresentação do espetáculo as crianças deveriam ter sido separadas umas das outras para que fosse preservada a confiabilidade dos dados colhidos na avaliação. Porém, como não foi possível a responsável por esta pesquisa orientar criteriosamente os pesquisadores do Grupo LEAD que a auxiliaram nessa etapa, sobre os procedimentos a serem seguidos antes de se aplicar a avaliação, as crianças não foram separadas no momento da aplicação do questionário. Esta dificuldade se configurou pelo fato de a pesquisadora responsável pela avaliação também fazer parte do elenco do espetáculo e, por isso, boa parte do seu tempo esteve comprometido com a preparação para entrar em cena. Em situações como esta o ideal é que seja realizado um planejamento anteriormente com a equipe que irá aplicar os questionários, para que seja detalhada cada etapa de aplicação da avaliação.

O primeiro passo a ser realizado pelos integrantes do LEAD seria aplicar um questionário que traçaria o perfil de cada criança, o questionário pré-coleta. Este era composto por perguntas objetivas e por perguntas subjetivas, para que as crianças também pudessem falar livremente acerca das questões levantadas. Vale ressaltar que, devido ao fato de não termos o domínio do sistema Braille e das crianças serem alfabetizadas tardiamente, não traduzimos o questionário para que elas pudessem respondê-lo sozinhas. Desta forma, ele seria aplicado oralmente e todas as respostas das crianças seriam filmadas ou

gravadas por um aparelho *mp3* ou gravador de voz e, em seguida, transcritas. Porém, devido à falta de acompanhamento constante da pesquisadora durante o início do processo de aplicação da avaliação, este questionário não foi aplicado. Segue abaixo o questionário preparado pela pesquisadora.

Questionário Pré-Coleta

Identificação:

Sexo:

Idade:

Grau de cegueira:

Você frequenta a escola regular?

() Não

() Sim (_____série)

Você frequenta o Instituto Dr. Hélio Góes desde _____.

O que você gosta de fazer em seu tempo livre?

Você já assistiu algum espetáculo de teatro?

() Não

() Sim

Em caso de resposta afirmativa à questão anterior, com que frequência você vai ao teatro?

() Uma vez por semana

() Uma vez por mês

() Uma vez por semestre

() Uma vez por ano

() Nunca foi ao teatro

Você já assistiu à peças de teatro ou outras produções audiovisuais com audiodescrição?

() Não

() Sim

Você costuma ir ao cinema?

() Não

() Sim

Em caso de resposta afirmativa à questão anterior, que tipo de filme você prefere ver no cinema?

Você costuma alugar filmes?

() Não

() Sim

Em caso de resposta afirmativa à questão anterior, que tipo de filme você prefere ver em casa?

Vale ressaltar que no caso de uma pesquisa que envolva coleta de dados ou teste de recepção, é imprescindível a aplicação de um questionário

como este, a fim de estabelecer o perfil do sujeito, o que contribui para uma possível análise com triangulação de dados. É necessário ainda, que seja acrescentado a esse questionário o endereço do participante da pesquisa, pois este elemento determina a zona de atuação ou de oferta de produtos culturais para as pessoas, pois os modelos de oferta de produtos culturais são centralizados e não democratizados para toda a população.

O segundo passo foi a coleta do relato retrospectivo do público com deficiência visual, neste caso as crianças, que falariam livremente sobre o espetáculo. Esta parte da avaliação foi cumprida em parte, pois alguns dos integrantes do LEAD já iniciaram esta etapa com a aplicação do questionário, deixando que as crianças ficassem sentadas lado a lado. Isto só foi corrigido quando a pesquisadora responsável pode se juntar ao grupo do LEAD na aplicação da avaliação. Entretanto, pode ser que as crianças tenham influenciado as respostas umas das outras durante o tempo em que estiveram sentadas lado a lado. Vale ressaltar que a função deste relato foi investigar o entendimento do espetáculo por parte do público de crianças com deficiência visual, observando principalmente se elas conseguiram de fato compreender a estrutura narrativa apresentada. Elas falaram sobre o que mais gostaram na peça, sobre o personagem que mais se identificou e sobre a experiência com a audiodescrição.

O próximo passo foi a aplicação do questionário pós-coleta, o qual foi composto por dez perguntas, todas subjetivas. As duas primeiras versavam sobre a experiência das crianças com a AD: se havia sido difícil acompanhar o espetáculo com audiodescrição, se a tradução conseguiu ser ouvida durante toda a apresentação do espetáculo e se ela não atrapalhou o entendimento da peça. As demais perguntas tratavam dos parâmetros de AD (ambientação, personagens e ações), procurando identificar se a tradução realmente é eficiente para esse tipo de produção e público-alvo, verificando se as crianças conseguiram identificar os personagens e o ambiente em que se passava a história e as ações descritas por meio da AD. Segue abaixo o questionário.

Questionário *A Vaca Lelé*

- 1) O que você achou da voz que falava ao seu ouvidinho? Em algum momento você não conseguiu entender o que ela dizia?
- 2) Você achou que em algum momento a voz atrapalhou a historinha da peça?
- 3) Quem estava na historinha de *A Vaca Lelé*?
- 4) Você conseguiu saber quais bichinhos participaram da historinha da vaquinha?
- 5) Qual bichinho você mais gostou? Você consegue descrevê-lo?
- 6) Como era o lugar onde a historinha acontecia?
- 7) A historinha acontecia de dia ou de noite?
- 8) Na hora em que a cigarra aparece, onde ela fica?
- 9) O que a vaquinha e o espantalho fazem quando a cigarra está ensinando todos a cantar?
- 10) Como a vaquinha se prepara para dormir?

A aplicação deste questionário foi a última fase da avaliação e serve como base para a elaboração de um questionário para uma pesquisa de recepção. Cabe destacar ainda que a aplicação deste questionário foi prejudicada pelo excesso de mídia no local durante e após a apresentação do espetáculo, pois vários repórteres cansaram as crianças com suas longas entrevistas e, no momento de aplicação do questionário, elas já não queriam responder às nossas perguntas. Contudo, os dados colhidos foram suficientes para atestar a eficácia da audiodescrição. A solução para casos que nem este é a realização de duas sessões, uma para a mídia com o propósito de divulgar o recurso, o qual precisa de uma maior visibilidade e outra para a realização da avaliação; ou ainda ter uma conversa com a mídia explicando que no evento também haverá uma pesquisa e que esta deve ser preservada, bem como os sujeitos que participarão dela.

No capítulo seguinte analisaremos os dados colhidos na avaliação, bem como o processo de AD no teatro, para que possamos sugerir os parâmetros de audiodescrição para esse novo meio semiótico.

CAPÍTULO 4: ANÁLISE DA AUDIODESCRIÇÃO DE A VACA LELÉ

Este capítulo apresenta os resultados da análise da AD de *A Vaca Lelé* e da avaliação da sua recepção por crianças com deficiência visual. Além disso, propõe uma revisão dos parâmetros de AD preconizados por Jimenéz-Hurtado, adaptando-os para o teatro.

4.1 Análise da Audiodescrição

A análise da AD compreende a classificação semântica dos elementos visuais não verbais e visuais verbais. Diferentemente de Jimenéz-Hurtado (2007 e 2010), utilizaremos apenas um dos níveis de sua etiquetagem semântica para avaliar o nosso roteiro de AD, o nível narrativo, pois não poderíamos analisar o nosso objeto no nível cinematográfico por se tratar de um meio semiótico distinto e por não dispormos de tempo hábil para analisarmos no nível gramático-discursivo, principalmente por termos nos preocupado com uma avaliação do roteiro por parte do público com deficiência visual, o que não foi feito por Jiménez-Hurtado.

Para os elementos visuais não verbais, a classificação das inserções foi feita de acordo com a proposta de Jimenéz-Hurtado (2007 e 2010) de descrição dos personagens, da ambientação e das ações, revelando quais destes elementos foram mais recorrentes na obra investigada. Porém ao realizarmos este processo, verificamos que seria necessária a modificação de alguns parâmetros, pois apenas os três supracitados não dariam conta do material a ser analisado. Como se tratava de uma mídia diferente, com características e nomenclaturas próprias, achamos por bem trocar a descrição de "ambientação" pela descrição do "cenário", termo utilizado no teatro para

identificar o espaço em que acontece a cena. Além disso, acrescentamos a descrição da iluminação, elemento fundamental para a composição da cena teatral. Dentre os parâmetros de AD de filmes, mantivemos nesta análise a descrição do personagem e a descrição da ação.

A quantidade total de inserções foi de oitenta e nove, incluindo os créditos da audiodescrição. Vale ressaltar que ocorreram vários casos em que uma mesma inserção foi classificada em mais de um parâmetro. A seguir, serão apresentadas as descrições na seguinte ordem: primeiramente, a descrição das ações, depois a descrição dos personagens, seguida da descrição do cenário e, por fim, a descrição da iluminação.

4.1.1 Descrição das Ações

As sessenta e quatro inserções classificadas como descrição das ações revelam uma priorização desta categoria, o que pode ser justificado pela dinamicidade do espetáculo. Este número aponta uma considerável quantidade de informações ligadas à movimentação dos personagens, que o público com deficiência visual não teria acesso, pois não estão compreendidas nas falas dos personagens e nem na sonoplastia do espetáculo. Acredito que em uma proposta de espetáculo teatral como a de *A Vaca Lelé*, na qual temos movimentação de personagens inclusive na plateia, é de grande importância descrever e orientar espacialmente o público com deficiência visual. Vale ressaltar que a marcação (forma como chamamos a movimentação dos personagens no teatro) de cada personagem tem um significado para o espetáculo, pois nenhum personagem ocupa uma determinada localização no palco à toa. Toda sua movimentação e posicionamento foram pensados e planejados pela direção como representação de algo para a trama.

Em algumas cenas de *A Vaca Lelé*, o Espantalho sai e retorna à cena sem ser mencionado pelos demais personagens, tal informação passaria

despercebida pelo público com deficiência caso a AD não contemplasse esta movimentação em seu roteiro. Seguem alguns exemplos destas situações no Quadro 3.

Quadro 3 – Trecho do roteiro de AD de *A Vaca Lele*

Nº Ordem	Descrição
19	O espantalho corre assustado e sobe no tronco.
20	O espantalho salta e sai do palco correndo .
23	O espantalho volta para o palco .
28	O espantalho sai . A mosca entra usando vestido preto brilhoso, meias lilás e grandes óculos vermelhos.

No início do espetáculo temos a projeção de sombras de pequenos animais nas cortinas do cenário. É somente por meio do roteiro de AD que o espectador com deficiência visual tem como identificar a presença das sombras desses animais, que desaparecem ao final da música de abertura, bem como ficar sabendo que eles não participam das cenas seguintes. Cabe destacar também as movimentações dos personagens que conferem à cena um teor humorístico. Sem a descrição delas não seria possível a interação entre o público com deficiência visual e o espetáculo, resultando no atraso da sua reação a uma cena cômica, por exemplo. Vejamos no Quadro 4 trechos do roteiro de AD que confirmam as informações supracitadas.

Quadro 4 – Trecho do roteiro de AD de *A Vaca Lele*

Nº Ordem	Descrição
05	As sombras desaparecem . Um foco de luz ilumina um personagem com roupa de retalhos coloridos e chapéu de palha.
07	Ele gira e põe uma máscara . Há mais dois troncos sobre um tapete verde no palco. Instrumentos musicais estão espalhados no chão à esquerda.
08	Ele salta do tronco . Luzes brancas e laranjas iluminam o palco.
09	Ele pega um pandeiro .
10	De costas, um personagem usando boné e asas marrons, entra dançando .
12	De costas, o espantalho balança o bumbum .
13	O pardal abana o bumbum do espantalho , que sai pulando .

A inserção 07 do Quadro 4 está relacionada com a primeira fala do Espantalho, no momento em que ele tenta assustar os passarinhos. Se a única informação disponível para o público com deficiência visual fosse a fala dele, seria impossível identificar que o personagem giro em torno de si sobre um dos

troncos e coloca uma máscara, pois ele diz apenas que está na hora de arrumar uma cara bem feia e começar a espantar. Tal informação poderia ser interpretada apenas como uma careta, por exemplo.

A inserção 12 do Quadro 4 está relacionada com uma cena cômica do espetáculo e também com uma fala do Espantalho. Nesta cena o personagem fala para o Pardal que Matilde rebojava tanto que seu “bumbum” parecia um liquidificador e imita a vaquinha rebolando os quadris, como está descrito na inserção 12. Caso a AD não tivesse contemplado esta informação, talvez o público com deficiência visual não tivesse compreendido a cena como algo cômico.

Na inserção 13 do Quadro 4 também temos uma cena cômica. Nela o Pardal fala para o Espantalho que a Mosca levava cada “rabada” de Matilde e realiza a movimentação descrita na inserção 13. Sem o auxílio desta descrição, o público com deficiência não alcançaria a proposta da cena.

Outra cena que merece destaque na descrição das ações é a cena da Mosca com Matilde. Nela a Mosca pede para pousar no rabo da vaquinha e ela acaba deixando diante de tanta insistência. Entretanto, o modo como a Mosca pousa no rabo da vaquinha só é evidenciado para o público com deficiência visual por meio da AD, pois esta informação não foi contemplada nas falas das personagens. Segue no Quadro 5 a inserção que descreve, dentro da categoria descrição das ações, a movimentação da Mosca na referida cena.

Quadro 5 – Trecho do roteiro de AD de *A Vaca Lele*

Nº Ordem	Descrição
29	A mosca passa por trás de Matilde e pula nas costas dela.

Sem o auxílio da inserção 29 o público com deficiência visual provavelmente não conseguiria identificar que a Mosca pulou sobre as costas de Matilde, principalmente pelo fato de não ter qualquer informação a respeito nas falas das personagens. Vejamos no Quadro 6 trechos da referida cena que comprovam esta afirmação.

Quadro 6 – Trecho do texto de *A Vaca Lelé*

Personagem	Fala
Mosca	Ah, deixa eu pousar em você só um pouquinho, vai?
Matilde	Não! Você diz que é só um pouquinho e depois fica um poucão!
Mosca	Quem disse? Quem disse? Quem disse? Mosca não fica morgando, não. O negócio é pousar e levantar... pousar e levantar... pousar e levantar...
Matilde	Chega. Eu vou deixar. Mas é só um pouquinho, tá?
Mosca	Hum... Eu gosto de cheiro de vaca.

Numa outra cena, a galinha derruba o carrinho que carrega seus pintinhos. Ela grita por socorro e o Espantalho entra em cena para recolher os pintinhos e colocá-los de volta ao carrinho. Isto acontece sem que o diálogo entre os personagens revele esse acidente. Vejamos no Quadro 7 a seguir trechos do roteiro de AD que descrevem a referida cena.

Quadro 7 – Trecho do texto de *A Vaca Lelé*

Nº Ordem	Descrição
48	A galinha dá um pulinho .
49	Ela vira o carrinho e os pintinhos caem .
50	O espantalho volta correndo e recolhe os pintinhos . Ele sai puxando o carrinho .

Esta cena não consta no texto original do espetáculo e foi criada pela direção juntamente com o elenco com o objetivo de ressaltar um pouco a comicidade da Galinha em colocar nomes estranhos em seus pintinhos, pois ao derrubá-los do carrinho ela chama pelo nome de cada um deles para que o Espantalho possa identificá-los e colocá-los de volta no carrinho. Segue no Quadro 8 trechos desta cena no texto original juntamente com a rubrica da direção e na Figura 2 uma imagem da Galinha com os pintinhos, para confirmar a eficácia do roteiro de AD neste momento.

Figura 2 – Imagem da Galinha



Quadro 8 – Trecho do texto de *A Vaca Lelé*

Personagem	Fala
Matilde	Mas assim você vai sempre voar baixo.
Galinha	<p>Pelo menos o tombo é menorzinho. Bem, tenho que levar comida pros pintos. Eta pintaiada que não me deixa em paz. Haja quirela, rapadura, farinha de jabá, para dar para aqueles famintos.</p> <p><i>Rubrica da direção: Neste momento a Galinha chama os pintinhos para irem embora, mas eles não saem do lugar. Então, ela pega o carrinho e o arrasta com força e os pintinhos caem no chão. A Galinha, desesperada, grita por socorro e o Espantalho aparece para ajudá-la. Ela chama os pintinhos pelo nome para que o Espantalho os identifique. Fala da Galinha: Wesley, Washington, Maicom Douglas, Ricarlene minha filha venha... Esses meninos são muito "malovidos"...</i></p>

A entrada do Touro pela plateia foi outra ação fundamentalmente descrita no roteiro de AD, pois sem esta informação o público com deficiência visual talvez não identificasse de imediato o Touro como um personagem. No final da cena, o personagem ainda encontra-se com o Espantalho que está retornando ao palco e os dois se assustam um com o outro. Neste momento a AD também é muito importante, pois somente através das falas dos personagens não é possível identificar o que acontece e com o que exatamente eles se assustam. Vale ressaltar que toda a movimentação do Touro até a sua chegada ao palco é rubrica da direção, bem como o seu encontro com o Espantalho e o susto. Vejamos no Quadro 9 trechos do roteiro de AD que descrevem a entrada do Touro e o seu encontro com o Espantalho.

Quadro 9 – Trecho do roteiro de AD de *A Vaca Lelé*

Nº Ordem	Descrição
55	O espantalho sai. Entra um personagem por trás da plateia , usando um chapéu vermelho com enormes chifres pretos.
58	Ele marcha em direção ao palco e sobe pelos degraus .
59	No palco, ele ergue o braço direito .
64	O espantalho entra e se esbarra com o touro . Os dois se assustam e o touro sai correndo .

Vejamos agora trechos das falas dos atores no texto original juntamente com a rubrica da direção, para que fique claro o que acontece na cena no momento em que a AD a descreve.

Quadro 10 – Trecho do texto de *A Vaca Lele*

Personagem	Fala
	Rubrica da direção: O Touro entra pela plateia dançando “Pasodoble”, uma dança típica da Espanha, até chegar ao palco, encontrar com Matilde e dizer a primeira fala.
Touro	Muuuuuuuu... Muuuuuuuuu... Bah! Mas quem é tu chê?
Matilde	Sou a Matilde.
Touro	Voar??? Vaca voar?! Tu é lelé? Essa vaca é lelé. Olha uma vaca lelé... olha uma vaca lelé... (Sai correndo)
	Rubrica da direção: O Touro sai correndo e esbarra com o Espantalho no fundo do palco. Os dois se assustam e o Touro sai de cena.

Na cena da Cigarra, o Espantalho constrói uma passarela com os troncos para que a ela suba em cima deles e comece a cantar. Tal informação não está contida nas falas dos personagens e não há indicação alguma de que a personagem entrará em cena, muito menos informação sobre a sua movimentação no palco. Na mesma cena, podemos citar ainda a movimentação do Espantalho e de Matilde, que estão dançando, enquanto a Cigarra canta. Tais informações o público com deficiência visual só obtém por meio da AD. Vejamos no Quadro 11 como a AD descreveu estas movimentações na cena Cigarra.

Quadro 11 – Trecho do roteiro de AD de *A Vaca Lele*

Nº Ordem	Descrição
69	O espantalho coloca os troncos um atrás do outro. A cigarra sobe nos troncos usando uma coroa e roupas douradas.
71	Matilde e o espantalho dançam .
72	Matilde e o espantalho dançam novamente .

Cabe destacar ainda, que a movimentação dos personagens referenciada acima, bem como na cena do Touro, também não está contida no texto original e foi acrescentada ao espetáculo pela direção. Portanto, seguem abaixo trechos das falas dos personagens na cena da Cigarra e a rubrica da direção, identificando a movimentação dos personagens.

Quadro 12 – Trecho do texto de *A Vaca Lele*

Personagem	Fala
Espantalho	Os artistas sempre são livres. Eles só se prendem à sua própria arte. A cigarra dá até suas asas para cantar sempre. Rubrica da direção: Neste momento o Espantalho ajusta os bancos para a entrada da Cigarra.

Cigarra	Olha, primeiro você ouve, depois você repete. Preste atenção. Rubrica da direção: Matilde e o Espantalho dançam, enquanto a Cigarra canta.
---------	--

Na cena do Vagalume, para transmitir a ideia de que há vários vagalumes em cena, utilizou-se o recurso da luz estroboscópica⁶ e duas lanternas que são manipuladas pela atriz que representa o personagem. Vale ressaltar que apenas um Vagalume se comunica com Matilde. A informação de que temos mais de um vagalume em cena passaria despercebida pelo público com deficiência visual, caso o espetáculo não tivesse AD, pois como há apenas uma voz além da voz da Matilde o público poderia ficar confuso, principalmente pelo fato de o Espantalho afirmar que havia vários vagalumes. Vejamos no Quadro 13 como a AD descreveu a cena do Vagalume.

Quadro 13 – Trecho do roteiro de AD de *A Vaca Lele*

Nº Ordem	Descrição
75	Matilde deita no chão e encosta-se nos troncos. Uma luz verde ilumina o palco, enquanto uma luz branca pisca.
77	uma boina e óculos verdes. Ele segura uma lanterna em cada uma das mãos. Matilde brinca com os fochos de luz das lanternas.

Agora vejamos quais informações podemos obter através das falas dos personagens na referida cena.

Quadro 14 – Trecho do texto de *A Vaca Lele*

Personagem	Fala
Espantalho	Matilde dormiu de novo. E veio o anoitecer. Matilde pensou que estava sonhando, pois começou a enxergar estrelas que pulavam na terra. Mas estrelas não pulam na terra. Elas ficam no céu, piscando. Eram vagalumes. Vagalumes que cintilavam... apagando e acendendo, piscando muito. E Matilde adorou brincar com eles.
Matilde	Que lindo!
Vagalume	Me apanha...
Matilde	Assim não vale. Quem são vocês?
Vagalume	Vagalumes. Somos noturnos , gostamos da noite.
Matilde	Eu também. Mas minha mãe deve estar preocupada comigo.
Vagalume	Estou aqui.

⁶ A luz estroboscópica, utilizada em boates e danceterias, nos dá a sensação de movimentos em câmera lenta. Ela funciona emitindo pulsos de luz em intervalos de tempo regulares, ou seja, acende e apaga de forma sincronizada em intervalo de tempo constante. Disponível em: < <http://www.eccel.com.br/eccel/stroboled.pdf> > Acesso em 15 jul. 2012

De acordo com as falas da cena do Vagalume, percebemos que ora o texto afirma que são muitos vagalumes, ora afirma que é só um. Esta oscilação poderia confundir o espectador com deficiência visual, caso não houvesse AD, principalmente pelo fato de o próprio personagem utilizar verbos no plural e no singular para se referir a si mesmo. Portanto, podemos afirmar que o roteiro de AD foi de suma importância para que o público percebesse com mais facilidade o que realmente se passava no palco.

Por fim, podemos destacar a cena de Matilde com os Vaqueiros. No momento em que eles vão levar a vaquinha embora, ela é amarrada e cai sentada. Para que isso fique claro para o público com deficiência visual, é necessário o auxílio da AD, pois através das falas não conseguimos identificar que os Vaqueiros jogam as cordas em Matilde e a derrubam. Vejamos no Quadro 15 trechos do roteiro de AD que descrevem este momento.

Quadro 15 – Trecho do roteiro de AD de *A Vaca Lele*

Nº Ordem	Descrição
79	Um foco de luz branca ilumina Matilde no centro do palco. Entram dois personagens usando roupas e máscaras de couro, com cordas na mão.
80	Eles jogam as cordas na direção de Matilde.
81	Matilde cai sentada . As enormes sombras dos vaqueiros aparecem nas cortinas azuis .

Vejamos agora as falas dos personagens nesta cena, para que possamos confirmar a afirmação acima. Seguem no Quadro 16 trechos do texto do espetáculo.

Quadro 16 – Trecho do texto de *A Vaca Lele*

Personagem	Fala
Vaqueiro 1	Então tenta fugir.
Vaqueiro 2	Cria asas e fuja
Vaqueiro 1	Sai voando, ahh... ahhh...
Vaqueiro 2	Uma vaca voando, ahhh... ahhh...
Matilde	Não... não me amarrem... não me amarrem... Por favor... eu não quero... eu tenho medo... eu tenho medo... M E D O !!!

De acordo com as falas do Quadro 16, não conseguimos identificar que a vaquinha foi amarrada, podemos apenas inferir que ela não quer ir com os Vaqueiros e que ela não quer ser amarrada. Portanto, a AD neste trecho

também cumpriu o seu papel e foi de fundamental importância para a compreensão do público com deficiência visual.

Ao final da análise das ações, conseguimos perceber como de fato foi importante a análise não só das imagens, mas também das rubricas da direção e as das falas dos personagens, a fim de avaliarmos em que pontos de fato a AD contribuiu para o entendimento do público com deficiência visual. Ao estabelecermos um comparativo entre a nossa análise e a realizada por Jimenez-Hurtado (2007 e 2010), identificamos que o processo de análise da rubrica do diretor e das falas dos personagens se assemelha à análise da linguagem da câmera realizada por Jiménez-Hurtado, entretanto a nossa pesquisa se diferencia da dela pela preocupação com a audiência.

4.1.2 Descrição dos Personagens

As trinta e sete inserções classificadas como descrição do personagem apontam para uma preocupação com a caracterização, principalmente, pelo fato de os personagens se tratarem de animais personificados e por terem um figurino bem diferenciado. Por se tratar de um espetáculo bastante dinâmico, com muitos diálogos e pouquíssimos espaços para as inserções, procuramos priorizar alguns elementos na nossa audiodescrição em detrimento de outros. A descrição dos personagens foi um deles. Em alguns momentos, esta descrição se preocupa em identificar o estado dos personagens, como por exemplo, “O espantalho corre assustado e sobe no tronco”, devido ao fato de a informação, em alguns momentos, não ser contemplada nos diálogos.

Os personagens não foram descritos de uma vez só, como num conto ou num romance. Seu perfil foi sendo traçado ao longo do filme (CASADO, 2007). No caso de *A Vaca Lelé*, no desenrolar de cada cena, vão

sendo mostrados os detalhes de cada um dos personagens. É como se a cada inserção, uma parte deles fosse sendo revelada pelo audiodescritor. Vale ressaltar ainda, que a construção da imagem dos personagens por parte dos participantes se faz por meio de um misto de informações contidas no roteiro e nos diálogos.

Cabe destacar que, ao analisarmos a descrição dos personagens, sentimos falta da descrição da maquiagem, a qual juntamente com o figurino compõe a figura do personagem. Esta poderia ter sido analisada como uma categoria ou ter sido analisada dentro da descrição do personagem, porém isso não foi possível pelo fato do elemento não ter sido contemplado pelo nosso roteiro.

Assim como na análise das ações, necessitamos analisar não só as inserções que descreviam os personagens, mas como estes eram revelados através da rubrica da direção, das falas dos personagens (nos momentos de diálogo e de solilóquio) e inclusive através das letras das músicas. Desta forma, conseguimos estabelecer uma estrutura semelhante à análise da linguagem da câmera sugerida por Jiménez-Hurtado para o cinema.

O espetáculo *A Vaca Lelé* possui dez personagens: Matilde, Espantalho, Pardal, Mosca, Galinha, Touro, Cigarra, Vagalume, Vaqueiro 1 e Vaqueiro 2. Todos eles são dramatizados por quatro atores. A importância deles dentro da trama, bem como a descrição de cada um deles dentro do roteiro de AD, será detalhada nas subseções a seguir.

4.1.2.1 Matilde

Matilde é a personagem principal do espetáculo e a história é contada a partir das suas experiências e das suas descobertas. Como se trata de uma bezerrinha que acabou de nascer, ela ainda não conhece muito bem o pasto onde vive e os seus limites, por isso se afasta das outras vacas para

explorar o território desconhecido. A partir do contato com os demais animais, Matilde aprende a ser livre como o Pardal, a não ser acomodada como a Galinha e a não ser inconveniente como a Mosca. Ela é considerada “lelé” por acreditar que alcançará sua liberdade quando as suas asas crescerem e ela puder voar. Embora pareça impossível para os demais personagens, a personagem não desistirá do seu objetivo.

A sua ingenuidade e pureza fazem com que ela seja alvo de chacota para alguns personagens, pois eles tentam convencê-la de que seu sonho não se realizará. Porém, Matilde não desiste e vai até as últimas consequências para conseguir sua liberdade. Com isso, a personagem sugere uma reflexão sobre as diferenças e sobre agir e/ou pensar diferente da maioria.

Vejamos agora como a AD caracterizou Matilde dentro da categoria descrição do personagem. Segue a Figura 3 com a imagem de Matilde em uma das cenas do espetáculo seguida pelas inserções do roteiro de AD referentes à personagem principal do espetáculo.

Figura 3 – Imagem de Matilde



Quadro 17 – Trecho do roteiro de AD de *A Vaca Lelé*

Nº Ordem	Descrição
17	Matilde usa roupa branca com detalhes pretos .
18	Ela tem rabo e usa uma coroa .
26	Matilde abre os braços e fica como estátua .
46	Matilde está em pé sobre um dos troncos.

Através da Figura 3 e das inserções apresentadas no Quadro 17 podemos compreender um pouco do figurino diferenciado dos personagens de *A Vaca Lelé*. A proposta de animais personificados é um desafio para a audiodescrição, principalmente por se tratar da descrição de uma vaquinha não convencional com uma coroa no lugar dos chifres, por exemplo. Dentre as trinta e sete inserções do roteiro de AD referentes à descrição dos personagens, apenas as quatro supracitadas se referem à Matilde e, apenas duas delas, descrevem o seu figurino, as outras duas inserções limitam-se a indicar o posicionamento da personagem em algumas das cenas da trama.

O fato de a personagem ter tido um número reduzido de inserções dentro desta categoria se deu pelo pouco espaço de tempo entre as falas dos personagens nas cenas que a envolviam, o que pode ser justificado pela dinamicidade do espetáculo e pelo fato de não se tratar de um espetáculo que foi pensado para atender as necessidades do público com deficiência visual. Porém, tais espaços poderiam ter sido mais bem aproveitados pela AD para descrever com detalhes o figurino da personagem, bem como poderia ter contemplado outros elementos que envolviam a sua caracterização, como por exemplo, a maquiagem diferenciada de Matilde, elemento não contemplado no roteiro. Entretanto, sabemos que em um roteiro de AD o personagem não é identificado apenas por meio da descrição do seu figurino ou de seus atributos físicos, mas por um conjunto de descrições, envolvendo as ações e até a descrição da iluminação do espetáculo.

Vale ressaltar que a AD por si só não é suficiente para que o espectador compreenda a trama e identifique seus personagens, portanto, muito da personalidade de Matilde pode ser também visualizada através das suas próprias falas e sobre o que dizem dela os outros personagens. Seguem abaixo algumas das falas que caracterizam Matilde.

Quadro 18 – Trecho do texto de *A Vaca Lelé – O que os outros dizem de Matilde*

Personagem	Fala
Espantalho	Parece que estou vendo ela saltitando pelo pasto . Rebolava tanto, que seu bumbum parecia um liquidificador .
Pardal	Você se lembra do primeiro dia que a vaca Matilde saiu para o seu primeiro passeio? Ela estava irritada porque a dona Mosca não deixava ela em paz. Daí eu encontrei ela resmungando...

Espantalho	E Matilde queria ter asas.
Espantalho	Quando chegar a hora vai sentir e entender. Cuidado Matilde que você tem muito que aprender ainda, é tão boazinha... Mas não é que um dia, a Matilde estava pastando ingenuamente, quando de repente...
Espantalho	E Matilde dormiu de novo. Ela tinha certeza que era feliz. Que tinha conquistado o mundo e que seu coração voava com asas cheias de vontade. Tinha certeza também que jamais ia ficar acomodada, parada como a galinha. Ela ia cantar como a Cigarra e ser livre como o Pardal. Mas quando a Matilde dormia sossegada o seu sono tranquilo, acordou assustada!

As falas acima corroboram com as características da personagem Matilde apresentadas no início desta subseção. De acordo com elas, podemos inferir que Matilde era uma vaquinha boazinha e feliz, que tinha conquistado grandes amigos e aprendido muitas coisas com eles e que também era ingênua ao acreditar que poderia ter asas, porém, diferentemente da Galinha, não era acomodada. Ela aprendeu a cantar como a Cigarra e a não ser inconveniente como a Mosca, almejava ser livre como o Pardal, mas ainda tinha muito que aprender com a vida.

As falas de Matilde também contribuem com a AD na construção da descrição do personagem e mostram o seu modo de pensar e o modo como ela própria se vê. Seguem no Quadro 19 algumas dessas falas.

Quadro 19 – Trecho do texto de *A Vaca Lelé – Matilde segundo Matilde*

Personagem	Fala
Matilde	Tenho certeza que as minhas asas vão crescer. Não vão ficar pequenas como as da galinha, não! Eu não gosto de voo raso! Às vezes eu fico olhando, olhando os voos dos pássaros. Tem horas que eles planam feito plumas sopradas no ar! É assim que eu quero voar! Bem lá no alto...
Matilde	Eu não conheço o que é o medo, muito menos conheço o senhor para ficar fugindo por aí.
Matilde	Sabem... eu sou feliz porque não tenho medo.

As falas de Matilde revelam que ela tinha convicção de que suas asas iriam crescer e, assim, conquistaria sua liberdade. Diferentemente da Galinha, ela acreditava que alçaria voos longos e altos, ou seja, que iria longe, com coragem e determinação.

Outro elemento que também contribui com a AD na construção da descrição do personagem é a sonoplastia do espetáculo. O espetáculo *A Vaca Lelé* possui nove canções, cantadas pelos próprios personagens. Dentre elas,

três se referem à Matilde e contam um pouco da sua história e da sua personalidade. Seguem no Quadro 20 trechos dessas músicas.

Quadro 20 – Trecho do texto de *A Vaca Lele – Músicas sobre Matilde*

Nome da Música	Música
Música de Abertura	<p><i>Meu pensamento voa trazendo saudade Carrega sonhos de alguém que partiu Queria tanto ver a lua de pertinho Que igual ao passarinho, bateu asas e fugiu Ainda me lembro como ela me alegrava Contando histórias, sonhava em ser feliz E ainda hoje quando o galo anuncia O romper de um novo dia Sinto ela voltar pra mim.</i></p>
Música Pardal e Espantalho	<p><i>Era dengosa como gata mansa Era gentil como um beija-flor Onde passava deixava perfume, Impregnava o coração de amor... Ela esperava que as asas crescessem Tinha esperanças de encostar no céu Queria tanto que acontecesse Que um belo dia desapareceu Ai que saudades Matilde eu sinto de você Quem sabe nessas voltas Volte aqui pra me ver</i></p>
Xote da Vaquinha	<p><i>Quando eu tiver as minhas asas bem crescidas, Eu vou ser livre, vou voar pra bem distante Vou ver de perto onde a lua passa o dia Quem sabe eu ache o lugar onde o sol se esconde Vou me juntar a um bando alegre De andorinhas, Fazer verão em cada lugar desse mundo... Tenho certeza que vou ser muito feliz, Fazendo a vida do jeito que eu sempre quis!</i></p>

As músicas apresentadas no Quadro 20 ajudam a compor o perfil da nossa personagem. De acordo com as músicas, a vaquinha era dengosa, gentil e tinha o grande sonho de voar e ser feliz. Elas também antecipam um pouco o final da personagem na trama, pois revelam que ela desapareceu e deixou muitas saudades. As músicas sempre se referem à personagem no passado, ressaltando que a história se passa em *flashback*.

Todas as informações apresentadas sobre a personagem por meio das falas e da sonoplastia do espetáculo se tornariam redundantes, caso fossem contempladas no roteiro de AD, tendo em vista que o espectador já havia recebido essas informações em outro momento. Contudo, o número de

inserções dentro da categoria personagem foi bastante reduzido, principalmente se levarmos em consideração que se tratava da personagem principal do espetáculo. Cabe destacar ainda que a AD não detalhou com clareza o figurino da personagem, informando apenas que se tratava de uma roupa preta com detalhes brancos, o que pode ter prejudicado a construção mental do personagem por parte do público com deficiência visual.

4.1.2.2 Espantalho

Seguindo uma ordem de importância dentro da trama, depois de Matilde, temos o Espantalho. Ele é o grande contador da história da vaquinha lelé. Temos acesso a todo o enredo por meio das suas lembranças, muito embora ele também interfira na trama. Podemos dizer que ele funciona como um narrador personagem. O Espantalho conta a história de Matilde por meio de um grande *flashback* e interage com o espectador nos poucos momentos em que a trama se passa no tempo presente.

Vejamos agora como a AD caracterizou o Espantalho. Na figura 4 e no Quadro 21, podemos visualizar a imagem de uma das cenas do espetáculo seguida pelas inserções do roteiro de AD referentes ao personagem Espantalho.

Figura 4 – Imagem do Espantalho



Quadro 21 – Trecho do texto de *A Vaca Lele – O Espantalho*

Nº Ordem	Descrição
05	As sombras desaparecem. Um foco de luz ilumina um personagem com roupa de retalhos coloridos e chapéu de palha .
06	Ele está em pé com os braços abertos em cima de um pequeno tronco de árvore.
07	Ele gira e põe uma máscara . Há mais dois troncos sobre um tapete verde no palco. Instrumentos musicais estão espalhados no chão à esquerda.
19	O espantalho corre assustado e sobe no tronco.
53	O espantalho se assusta .
64	O espantalho entra e se esbarra com o touro. Os dois se assustam e o touro sai correndo.

A Figura 4 e o Quadro 21 mostram um pouco do figurino do personagem Espantalho, identificando algumas das suas características. Das seis inserções, apenas duas se referem ao seu figurino, uma se refere ao seu posicionamento e três ao seu estado emocional, ou seja, mais uma vez a AD priorizou outros elementos em detrimento de uma descrição mais detalhada do figurino. A maquiagem também não foi contemplada no roteiro de AD.

Ao observarmos as três inserções que descrevem o estado emocional do Espantalho, percebemos uma constância de um mesmo estado. O personagem sempre está assustado ou se assustando com algo, isso pode ser reflexo de outra característica do mesmo, ser medroso. Porém, como afirmamos anteriormente, a AD por si só não é suficiente para compor o perfil do personagem, necessitando das informações contidas nas falas dos personagens e na sonoplastia do espetáculo para que possamos confirmar tais afirmações.

Como o espetáculo gira em torno da história de Matilde, todos os personagens interagem com ela e falam sobre ela. Apenas na cena de Matilde com o Espantalho temos algumas falas que caracterizam diretamente o Espantalho. Contudo, através da interação dele com os demais personagens e das suas próprias falas conseguimos identificar algumas de suas principais características. Segue no Quadro 22 a primeira fala do Espantalho, que acontece no início do espetáculo após a música de abertura.

Quadro 22 – Trecho do texto de *A Vaca Lelé*

Personagem	Fala
Espantalho	(Acordando) – Ahhh... que sono... O dia está lindo hoje... Alô passarada... Adoro vocês. É, mas um dia ainda perco meu posto. É que sou pago para espantar os passarinhos, e na verdade sirvo até de abrigo para essas criaturinhas que Deus criou! Bem, mas agora está na hora de armar uma cara bem feia e começar a espantar... Que tal essa cara? Horrível né? Assustadora... Muuu, muuu. Mas espantalho não faz Muu. Para espantar tem que se fazer Buuuuu... Foi a Vaca Lelé que me ensinou a mugir, então eu só sei fazer Muuu. Eu acho que os passarinhos pensam que eu sou uma vaca. Ahhh... eu tenho tanta saudade da Matilde. A Matilde foi a vaca mais legal que eu conheci aqui no pasto. Desde o dia em que ela voou, nunca mais voltou. É voou sim, eu vi com os meus próprios olhos que a terra há de comer. Ela bateu asas e voou... (Cantarola)

Pelos grifos da primeira fala do personagem, percebemos que se trata de um Espantalho que não cumpre o seu verdadeiro papel de espantar as aves da plantação. Ele, assim como Matilde, é um personagem que gosta de conversar e fazer amizades, mesmo que isso possa custar o seu “emprego”. Na tentativa de desempenhar o seu papel, o personagem lança mão de alguns artifícios, como uma máscara, mas logo desiste, pois a sua convivência com a vaquinha o faz mugir em vez de assustar. A interação entre Matilde e o Espantalho é tamanha, que ao final do espetáculo não conseguimos identificar se a história da vaca realmente aconteceu ou se não se trata apenas da imaginação de um Espantalho solitário, que criou a história de uma grande amiga imaginária.

Durante a terceira cena do espetáculo, onde contracenam o Espantalho, o Pardal e a Matilde, podemos identificar um dos traços mais marcantes da personalidade do Espantalho, ser medroso. Esta informação está contida na rubrica do diretor do espetáculo durante o momento em que o Pardal explica para Matilde o que é o medo. Seguem no Quadro 23 algumas falas da referida cena, bem como a rubrica do diretor para indicar a marcação do personagem no decorrer da cena.

Quadro 23 – Trecho do texto de *A Vaca Lelé*

Personagem	Fala
Pardal	E você não tem medo do Touro?
Matilde	Depende. O que é medo?
Pardal	Medo é quando a gente treme, fica apavorado, com os olhos esbugalhados e quer tentar fugir de alguma coisa. Rubrica da direção: O Espantalho fica tremendo de medo e apavorado ao ouvir o Pardal falar sobre o medo para Matilde. O Espantalho sobe em cima de um dos troncos e depois sai correndo.

Através da rubrica conseguimos alcançar que, em vez de Matilde, quem acaba sentindo medo é o Espantalho, que inclusive sai de cena com o terror provocado pelo Pardal. Outro momento em que conseguimos identificar traços da personalidade do Espantalho é quando ele conhece Matilde. Seguem no Quadro 24 trechos da referida cena.

Quadro 24 – Trecho do texto de *A Vaca Lelé*

Personagem	Fala
Matilde	Nossa como você é bonito!
Espantalho	Não, eu não posso, eu não devo ser bonito.
Matilde	E nem quer ser?
Espantalho	É que espantalho foi feito pra espantar.
Matilde	A mim você não espanta.
Espantalho	Nem a quem devia, os passarinhos. Mas Matilde, já não faz tempo que você saiu do estábulo? A sua mãe, a Matildona, deve estar preocupada com você!

Segundo as falas do espetáculo contidas no Quadro 24, podemos perceber que o Espantalho realmente tenta, de todas as formas, assumir uma identidade que não é a sua, pois não consegue espantar ninguém, nem mesmo os passarinhos. Matilde revela ainda que ele é bonito, mas ele a repreende na tentativa de preservar uma imagem que não lhe pertence. Cabe citar ainda, uma das últimas falas do Espantalho nesta mesma cena, momento em que ele assume para Matilde que realmente sente medo.

Quadro 25 – Trecho do texto de *A Vaca Lelé*

Personagem	Fala
Espantalho	É... cada vez que anoitece, cada vez que fico sozinho aqui, eu tenho medo até da chuva.

Ao analisarmos as informações contidas na AD e as informações contidas no texto do espetáculo, conseguimos perceber que, no caso de *A Vaca Lelé*, boa parte dos elementos que se referem à personalidade do personagem pode ser extraída por suas falas, contudo quase não identificamos

os elementos referentes à sua caracterização. É aí que entra o papel da AD, que tem o dever de auxiliar o espectador com deficiência visual a construir uma imagem física do personagem. Portanto, a descrição do Espantalho também deixou um pouco a desejar com relação à sua caracterização, pois o roteiro de AD poderia ter dado mais ênfase ao figurino e/ou a maquiagem.

4.1.2.3 Pardal

O Pardal é o segundo personagem a aparecer na trama e, segundo a concepção de personagem do elenco e da direção, ele é cearense, mas tem sotaque carioca por ter passado apenas uma semana no Rio de Janeiro. É um personagem bastante descolado, esperto e um dos primeiros amigos de Matilde. Com ele, a vaquinha aprende o conceito de liberdade e almeja ter asas para conquistar os seus sonhos e ser feliz.

Vejamos agora como a AD caracterizou o Pardal (Figura 5, Quadro 25).

Figura 5 – Imagem do Pardal



Quadro 26 – Trecho do roteiro de AD de *A Vaca Lelé*

Nº Ordem	Descrição
10	De costas, um personagem usando boné e asas marrons , entra dançando.
11	O pardal usa óculos escuros .
25	Ele exhibe as asas .

Com um total de três inserções, o Pardal é descrito usando boné, asas marrons e óculos escuros. Porém, o figurino do personagem é muito mais rico do que essa descrição mostra. Seu figurino o diferencia bastante dos pássaros convencionais e diz bastante da sua personalidade. A combinação de peças grafitadas (boné, asas e tênis) com uma camiseta camuflada, uma bermuda cargo e os óculos escuros revelam a personificação do pássaro sem que ele perca a sua referência animal. As peças representam também a jovialidade do personagem (Vide Figura 5).

Segundo a própria fala do personagem, ele se define como um pássaro “meio vulgar” por ser de uma raça bastante comum que, geralmente, não é domesticada e por isso ele vive solto. A malandragem é uma característica marcante do personagem, que pode ser identificada pelo seu sotaque cadenciado e fala arrastada e pelos ensinamentos que oferece à Matilde, o que o faz parecer bastante sagaz e esperto. No Quadro 27, temos algumas falas da cena do Pardal com Matilde para que possamos verificar as características apontadas.

Quadro 27 – Trecho do texto de *A Vaca Lelé*

Personagem	Fala
Matilde	Quem é você?
Pardal	Eu sou o Pardal, um pássaro assim meio vulgar .
Matilde	Vulgar?
Pardal	É. Eu sou tão comum, mas tão comum que ninguém me põe dentro de uma gaiola e por isso eu vivo solto .

Através do seu estilo de vida, de viver em liberdade, de enfrentar as dificuldades e conquistar o seu espaço e de poder ir para onde quiser, o Pardal consegue conquistar Matilde, passando a ser a sua principal referência. Sendo assim, é no Pardal que Matilde encontra as respostas para suas inquietudes. Como ela é uma bezerrinha que ainda não tem nenhum tipo de referência da

sua raça, é naquele pássaro que ela se projeta e acaba desejando ser como ele, querendo inclusive ter asas. Segue no Quadro 28 mais um trecho da cena dos dois personagens, que confirmam as nossas afirmações.

Quadro 28 – Trecho do texto de *A Vaca Lelé*

Personagem	Fala
Matilde	Livre? Como livre?
Pardal	Ninguém me prende. Ninguém me obriga a fazer nada. Eu só faço aquilo que gosto.
Matilde	Deve ser bom ser assim... LIVRE...
Pardal	Claro que no começo foi difícil. Depois eu consegui conquistar a minha liberdade. E hoje posso dizer: sou livre...
Matilde	CONQUISTAR... É difícil conquistar?
Pardal	Só depende de você. Conquistar é dia a dia...

Assim, como no caso da AD da Matilde e do Espantalho, a AD do Pardal poderia ter sido um pouco mais detalhada e completado as informações contidas nas falas dos personagens. Notamos que há um direcionamento na descrição do personagem na AD de *A Vaca Lelé*, considerando que esta prioriza, na maioria das vezes, o estado emocional dos personagens, o que deveria ser diferente, tanto pela proposta diferenciada do figurino do espetáculo, como pelo fato de muitas das informações sobre a personalidade e o estado emocional dos personagens estarem contidas nos diálogos dos mesmos.

4.1.2.4 Mosca

A Mosca é a terceira personagem que Matilde conhece. Ela é uma personagem com um figurino bastante diferenciado. Seus olhos são feitos de lanternas de caminhão e suas asas de chapas de raios X. Ela usa um vestido brilhoso, meia calça arrastão e tênis cano longo. Vejamos sua imagem na Figura 6, seguida dos trechos do roteiro de AD (Quadro 29).

Figura 6: Imagem da Mosca



Quadro 29 – Trecho do roteiro de AD de *A Vaca Lele*

Nº Ordem	Descrição
28	O espantalho sai. A mosca entra usando vestido preto brilhoso, meias lilás e grandes óculos vermelhos.
30	A mosca exhibe as asas.
33	Ela balança as asas. Matilde a observa dançar.

De acordo com as inserções, podemos observar que também faltou ao roteiro de AD um pouco mais de detalhes para que o público com deficiência visual conseguisse construir o composto imagético do personagem. Sem isso, talvez não fosse possível uma construção visual do personagem por parte do público com deficiência visual. Mesmo com um número reduzido de inserções, estas poderiam ter sido mais bem aproveitadas, bem como poderiam ter contemplado o tipo de meia da personagem, o colar e os sapatos que ela usa e até mesmo o tipo de material das suas asas.

A Mosca é considerada, pelos outros personagens, como sendo chata, inconveniente, baixo astral e transmissora de doenças. Ela assume todas essas características, afirmando inclusive ser perigosa. Todos esses atributos são traduzidos nas cores e nas peças utilizadas para compor o seu figurino. Dentre elas podemos citar a cor preta predominante, o brilho, o tênis desbotado e rasgado e as meias também rasgadas. Vejamos algumas das falas dos outros personagens que caracterizam a Mosca (Vide quadro 30).

Quadro 30 – Trecho do texto de *A Vaca Lelé*

Personagem	Fala
Pardal	Éta mulherzinha chata , aquela dona Mosca.
Espantalho	Quando ela aparece por aqui, eu tenho vontade de sair voando como a Matilde.
Pardal	Esquece essa chata , pelo amor de Deus. Ela é muito baixo astral, além do mais, transmite doenças.
Pardal	Vem com aquela cara de quem não quer nada, e depois fica se encostando na gente feito helicóptero. E eu lá tenho cara de aeroporto?
Espantalho	Em mim ela não aterrissa não, que eu lasco palha nela...

De acordo com a fala dos personagens, podemos perceber que a Mosca não é muito bem quista. Ela não parece querer agradar ninguém e nem fazer amigos. O que ela quer mesmo é viver por aí, pousando aqui e acolá, sem se preocupar com que os outros pensam dela, aproveitando a sua curta vida. Seguem no Quadro 31 algumas falas da própria personagem, nas quais ela mesma se define.

Quadro 31 – Trecho do texto de *A Vaca Lelé – A Mosca pela Mosca*

Personagem	Fala
Mosca	Pois não devia. Falta de aviso não é. Eu sou chata e perigosa. Não sou recomendável em lugar nenhum. Transmito doenças, não sou higiênica. Ando por tudo quanto é lugar... no lixo, na fossa, no cocô da fraude...
Mosca	Mas o povo não é. Eles atacam Neocid, Aerosol, Hayd, mata tudo... mata mosca... mata inseto... Ai, a minha vida já é tão curtinha e não me deixam em paz.
Mosca	Vira essa boca pra lá. Cada um na sua. Eu prefiro enfrentar o perigo, mas ficar na minha. O povo tá batendo, mas eu fico lá... o povo tá batendo, mas eu fico lá... o povo tá batendo, mas eu fico lá...

Como podemos perceber, a Mosca assume sua personalidade e não se preocupa em agradar ninguém e isso encanta Matilde, pois ela se identifica com a rejeição que a Mosca sofre por ser e/ou pensar diferente da maioria, assim como ela. No primeiro encontro das duas, Matilde está irritada porque a Mosca não a deixava em paz, mas logo ela se sensibiliza com a personagem e deixa inclusive a Mosca pousar no seu rabo. Nesta mesma cena, a interação das duas personagens faz com que Matilde se questione sobre a sua real identidade, pois o fato de a Mosca afirmar que ela não pode ter asas a faz refletir sobre a possibilidade de ela não ser uma vaca. No quadro 32 algumas falas da referida cena.

Quadro 32 – Trecho do texto de *A Vaca Lele*

Personagem	Fala
Mosca	(Pula sobre a vaca) Hum... Eu gosto de cheiro de vaca.
Matilde	Eu nem sei se sou uma vaca.
Mosca	Quer um espelho, querida?
Matilde	Vão me crescer asas, as vacas não têm asas.
Mosca	É claro que vaca não tem asas.
Matilde	Mas eu vou ter.
Mosca	Mentirosa

A Mosca, mesmo com todas as suas más referências, tem o seu lado bom, pois é verdadeira e não tem problema algum em falar para Matilde que ela não terá asas. Mesmo se considerando perigosa, ela não mentiria para conseguir o que quer, ainda que tivesse bastante interesse em repousar sobre o rabo da “amiga”. Tal afirmação é confirmada na música da própria personagem, na qual a Mosca define “mentira” para Matilde e para o espectador. Segue no Quadro 33 a música da personagem.

Quadro 33 – Trecho do texto de *A Vaca Lele* – *Músicas da Mosca*

Nome da Música	Música
Música da Mosca	<i>Mentira, meu bem, mentira Mentira tem perna manca Por mais que ela se afaste A verdade sempre alcança Não é história de trancoso A boca do povo diz Quem é muito mentiroso Cresce a ponta do nariz</i>

Ao analisarmos a AD que descreveu Mosca, a exemplo dos demais personagens, percebemos que não houve uma preocupação mais acentuada com as suas características físicas, com o seu figurino e com a sua maquiagem, elementos fundamentais na composição imagética da personagem.

4.1.2.5 Galinha

A quarta personagem a encontrar com Matilde é a Galinha. Segundo a concepção do elenco e da direção, ela vem de Alagoas e tem dez pintinhos,

já está acomodada com a vida que tem e não quer mais nada que necessite de muito esforço para conseguir. Seu figurino possui algumas referências animais, as quais são adaptadas ao universo humano. Ela usa um vestido xadrez com várias camadas e com uma grande armação, a qual representa o seu corpo. Usa um turbante vermelho na cabeça, que representa a sua crista, uma grande gola colorida e um cordão de bolinhas no pescoço. Carrega uma cesta de ferro vazada com ovos de esponja. A seguir, a imagem da galinha (Figura 7).

Figura 7 – Imagem da Galinha



Quadro 34 – Trecho do roteiro de AD de *A Vaca Lele*

Nº Ordem	Descrição
34	A mosca sai. Luzes laranjas e brancas iluminam o palco. A galinha entra usando uma touca vermelha,
35	um vestido xadrez,
36	um colar vermelho,
37	e uma cestinha com ovos.
38	O espantalho volta puxando um carrinho com pintinhos e o coloca na frente da galinha.
39	O espantalho sai. Matilde se aproxima dos pintinhos .
49	Ela vira o carrinho e os pintinhos caem.
50	O espantalho volta correndo e recolhe os pintinhos . Ele sai puxando o carrinho.

As inserções do roteiro de AD contemplaram alguns elementos do figurino da Galinha, como o vestido, o colar, a cestinha e o turbante (na AD aparece como touca). O roteiro também contemplou os pintinhos, carregados pela personagem dentro de um carrinho. Esse é mais um elemento que compõe a estrutura visual da Galinha, pois para onde vai ela arrasta seus filhotes. Ao audiodescrevermos uma obra, necessitamos fazer escolhas léxicas

que aproximem o composto visual do espectador com deficiência visual e, portanto, ao escolher touca em vez de turbante, os audiodescritores perderam um pouco da dimensão do objeto, pois uma touca é bem menor que um turbante e, com isso, pode ser que o espectador com deficiência visual não consiga fazer a ligação do elemento touca com a crista de uma galinha.

A Galinha é uma espécie de retirante, que teve que sair da sua terra natal (Alagoas) em busca do sustento dos seus filhos e, segundo a fala da própria personagem, foi bastante castigada pela vida, o que a tornou uma pessoa descrente, tanto da vida, quanto dos sonhos. A cena da personagem com Matilde é um contraponto entre duas realidades, entre dois extremos; a Galinha é bem vivida e passou por experiências bastante difíceis, já Matilde está começando a viver, acredita na vida e na realização de sonhos impossíveis. Vejamos algumas falas da cena das duas personagens (Quadro 35).

Quadro 35 – Trecho do texto de *A Vaca Lele*

Personagem	Fala
Matilde	Mas a senhora tem asas... liberdade...
Galinha	Pequenas e restritas.
Matilde	Como assim?
Galinha	Eu não levanto mais que um palmo do chão , minha filha. Eu só voo raso por onde passo.
Matilde	A senhora precisa conquistar.
Galinha	Oxente! Mas se nem frango de granja eu conquisto mais!
Matilde	E sua liberdade?
Galinha	Não preciso mais. Pra quê? Eu como aqui, como acolá... dá pra viver...
Matilde	Mas a senhora não tem vontade de conquistar outras terras, conhecer outros céus?
Galinha	Nem pensar. Olha, eu viajei do norte com dez pintos pendurados no pescoço. Lá não tinha água não. Fui pro sul, caí numa cascata e desatei enxurrada abaixo. Aqui eu tenho que dar minhas penas se eu quiser mais alguma coisa além do que ciscar. Então, eu vou ciscando, ciscando... eu já me aposentei. Estou mesmo é acomodada.

Por meio dos grifos nas falas das personagens confirmamos as informações supracitadas e percebemos que mesmo com toda boa vontade de Matilde, ela não consegue convencer a Galinha de que ela tem um grande tesouro que são as suas asas. Ao final da cena, a Galinha ainda debocha da

ingenuidade de Matilde e propõe trocar suas asas pelo chifre da vaquinha, Matilde fica sem entender e a personagem vai embora.

A personalidade da Galinha fica bem clara através de suas falas e da interação com Matilde, a sua caracterização não foi tão prejudicada no roteiro de AD quanto a das outras personagens.

4.1.2.6 Touro

O quinto personagem que Matilde encontra é o temido Touro. De acordo com o texto do espetáculo, as vacas não se aproximam da cerca porque temem a sua fúria. Porém, como Matilde desconhece o medo, ela não se intimida e nem se surpreende ao encontrá-lo, agindo naturalmente. O Touro, assim como a Galinha, é natural de outro estado. Segundo a concepção do elenco e da direção, ele é gaúcho e tal característica é bastante evidenciada nas suas falas e no seu sotaque.

Assim como os demais personagens do espetáculo, o figurino do Touro também é bem diferenciado. Ele usa um chapéu vermelho com grandes chifres pretos, uma jaqueta preta com várias medalhas sobre uma camisa xadrez, uma faixa vermelha na cintura, uma calça preta com um rabo e botas pretas (Vide Figura 8).

Figura 8 – Imagem do Touro



Quadro 36 – Trecho do roteiro de AD de *A Vaca Lelé*

Nº Ordem	Descrição
55	O espantalho sai. Entra um personagem por trás da plateia, usando um chapéu vermelho com enormes chifres pretos,
56	uma jaqueta preta com medalhas, uma camisa quadriculada, uma faixa vermelha na cintura,
57	Uma calça preta com um rabo e botas pretas de couro.
64	O espantalho entra e se esbarra com o touro. Os dois se assustam e o touro sai correndo.

De acordo com as inserções apresentadas no Quadro 36, o figurino do Touro foi descrito com detalhes. Assim como nos outros personagens, apenas a maquiagem não foi contemplada. As cores e os tamanhos das peças, inclusive as medalhas da jaqueta, foram descritas. Sabemos que uma descrição mais detalhada como esta demanda tempo e que nem sempre conseguimos colocar todos os elementos de um figurino. Contudo, a situação do Touro foi atípica, principalmente se levarmos em consideração a dinamicidade de *A Vaca Lelé*. O fato de o personagem entrar pela plateia dançando “pasodoble”, uma dança espanhola, faz com que a sua chegada ao palco seja mais demorada, proporcionando à AD um pouco mais de tempo para detalhar melhor as características do mesmo.

O primeiro contato de Matilde com o sexo oposto de sua espécie é o Touro, por isso, logo que se encontram, Matilde fica encantada com aquele grande touro negro. Porém, acostumado a espantar as outras vacas, o Touro trata logo de afugentar Matilde, mas não consegue, pois ela já está bastante interessada em conhecê-lo. Vejamos a seguir algumas falas da cena do Touro com Matilde.

Quadro 37 – Trecho do texto de *A Vaca Lelé*

Personagem	Fala
Touro	Tu olhou pra mim?
Matilde	Olhei, olhei e gostei muito.
Touro	Bah , mas como?
Matilde	O senhor é muito lindo, tem chifres como eu e parece uma vaca preta.
Touro	Vaca preta? Eu sou do sul chê!
Matilde	É?! Eu não tenho vontade de fugir nem um pouquinho. Eu só tenho vontade de conversar, conversar... Como é mesmo o seu nominho?

Pelo Quadro 37, conseguimos identificar duas características do personagem: a primeira é a naturalidade gaúcha do personagem e a segunda é a sua vaidade. Quando Matilde afirma ter gostado dele e admirado sua beleza, ela alimenta o seu ego. Entretanto, logo em seguida, quando ela o compara a uma vaca preta, ele retoma o seu antigo estado de altivez e soberba. Contudo, com o desenrolar da cena, percebemos que toda essa pose do Touro é pura fachada, pois quando ele descobre que Matilde planeja ter asas e voar, acaba ficando com medo da vaquinha e fugindo dela. Vejamos no Quadro 38 o final da cena do Touro com Matilde.

Quadro 38 – Trecho do texto de *A Vaca Lelé*

Personagem	Fala
Matilde	Não. Eu me chamo Matilde. Tildinha para os íntimos. Eu só estou esperando as minhas asas crescerem para eu poder voar.
Touro	Voar??? Vaca voar?! Tu é lelé? Essa vaca é lelé. Olha uma Vaca Lelé... olha uma Vaca Lelé... (Sai correndo)
Matilde	Nossa, seu Espantalho! Ele pediu tanto para eu fugir e foi ele quem acabou fugindo...
Espantalho	É Matilde, para você ver. Quando a gente pensa que conhece alguém, esse alguém decepciona a gente. Êta Touro frouxo sô!

Com as falas dos personagens, confirmamos que por trás de toda aquela soberania do Touro existia um ser bastante fraco, que tem medo de tudo aquilo que na está fora do seu controle, de tudo o que ele não pode dominar, por isso foge de Matilde e das suas ideias e sonhos um tanto incomuns.

No que diz respeito à AD, acreditamos que, devido às inserções mais detalhadas, juntamente com as informações contidas nas falas dos personagens e os demais tipos de inserções, o Touro possa ser o personagem melhor identificado pelo público com deficiência visual.

4.1.2.7 Cigarra

A Cigarra é o sexto personagem a se encontrar com Matilde. Segundo o texto do espetáculo, ela é uma artista que faz de tudo para cantar

sempre. A personagem possui uma leveza traduzida através do seu canto e da poesia de suas letras, que seduzem a vaquinha, fazendo com que ela queira aprender a cantar com a Cigarra. Segue no Quadro 39 a letra da primeira música da Cigarra, na qual ela fala um pouco de si mesma.

Quadro 39 – Trecho do texto de *A Vaca Lelé – Música da Cigarra*

Nome da Música	Música
Música I da Cigarra	<p><i>Quem ouve o meu canto sabe Que eu só canto coisas pra alegrar a vida Eu canto perto das cascatas, No meio da mata, junto aos colibris. Adoro cantar pras abelhas Enquanto elas colhem o mel da flor... Meu canto é feito de magia, Tem a poesia e a porção do amor! Quem ouve o meu canto sabe Que o meu canto é livre como a natureza! Eu canto junto com o vento, Que zua bonito no meio das plantas, São tantas minhas melodias, que eu passo o meu dia Todo a cantar... Meu canto é feito de magia, Quem canta comigo nunca vai chorar.</i></p>

A música apresentada no Quadro 39 retrata muito bem a Cigarra, como sendo um ser de luz que canta para alegrar a vida. Segundo a concepção do elenco e da direção, ela é um orixá, que pode ser identificado através da composição do figurino da personagem. A Cigarra usa uma coroa com franjas douradas que cobrem seu rosto, semelhante à utilizada pelo Orixá Oxalá, calça bege com tons de preto e uma sapatilha recoberta por lantejoulas douradas e tem asas douradas. Vejamos agora na Figura 9 a imagem de uma das cenas do espetáculo e no Quadro 40 como a AD caracterizou a Cigarra.

Figura 9 – Imagem da Cigarra



Quadro 40 – Trecho do roteiro de AD de *A Vaca Lelé*

Nº Ordem	Descrição
69	O espantalho coloca os troncos um atrás do outro. A cigarra sobe nos troncos usando uma coroa e roupas douradas .

Com apenas uma inserção dentro da categoria descrição do personagem, o figurino da Cigarra foi reduzido a uma coroa e roupas douradas, a riqueza de detalhes que poderia ter sido explorada no roteiro de AD ficou comprometida com esta redução, o que pode inclusive ter dificultado a construção física da Cigarra por parte do público com deficiência visual.

A Cigarra confirma os conceitos transmitidos à Matilde pelo Pardal, porém acrescenta que ela deve aceitar a estrutura da sua raça e voar com o que pode, porque o importante não é ter asas, mas sim ser feliz. A Cigarra afirma ainda que o canto é uma das formas de voar e ensina Matilde a cantar. Vejamos abaixo trechos da cena da Cigarra com Matilde (Vide Quadro 41).

Quadro 41 – Trecho do texto de *A Vaca Lelé*

Personagem	Fala
Matilde	A senhora me faz sentir bem, eu me sinto leve...
Cigarra	É que eu vôo com o coração. Por que você não experimenta?
Matilde	Imagine. Como é que eu vou voar como o meu coração, se o meu coração está dentro de mim?
Cigarra	Você deve voar com o que pode. O importante é ser feliz.
Matilde	Feliz?
Cigarra	É. Sentir alegria... sentir uma cosquinha na barriga, imaginar coisas, coisas bem gostosas... voar no pensamento, ficar cheia de vontade. Vontade de cantar.
Matilde	Será que sei cantar?
Cigarra	Claro! Todo mundo sabe, é só querer.

No que diz respeito à mensagem do personagem e a sua personalidade, a quantidade de inserções do roteiro de AD pode não ter prejudicado o espectador com deficiência visual, em virtude da gama de informações contidas nas falas do personagem. Porém, talvez seja bastante difícil para o espectador com deficiência visual fazer a inferência de que a Cigarra pode ser um orixá e, por isso, a riqueza da sua cena passe despercebida.

4.1.2.8 Vagalume

O Vagalume é o sétimo personagem a encontrar com Matilde. Na verdade se trata de um personagem físico, mas com o auxílio de uma luz estroboscópica e duas lanternas de mão, utilizadas pela atriz que representa o personagem, a concepção procurou passar para o espectador a ideia de que são muitos vagalumes e apenas um deles se comunica com a vaquinha.

O figurino deste personagem procurou preservar a característica marcante de um vagalume, que é o brilho no traseiro e lançou mão de um short verde com babados amarelos para retratar a luz do vagalume. O uso de lanternas também foi uma das tentativas de fazer com que o personagem tivesse luz própria, assim como o inseto de verdade. Cabe destacar que para o personagem se aproximar ainda mais do inseto, ele usa óculos de mergulho com lentes verdes. Vejamos abaixo Figura 10 com a imagem de uma das cenas do espetáculo e como a AD caracterizou o personagem.

Figura 10 – Imagem do Vagalume



Quadro 42 – Trecho do roteiro de AD de *A Vaca Lele*

Nº Ordem	Descrição
76	O vagalume usa roupa marrom com detalhes amarelos,
77	uma boina e óculos verdes. Ele segura uma lanterna em cada uma das mãos. Matilde brinca com os fachos de luz das lanternas.

Com apenas duas inserções, a descrição do personagem também explorou pouco o figurino do Vagalume. A AD poderia ter revelado para o espectador os recursos utilizados para aproximar o figurino do personagem do inseto real. Cabe destacar que o detalhamento da composição física do personagem poderia aguçar a curiosidade do público com deficiência visual, sobretudo se levarmos em consideração que se trata de um espetáculo para crianças.

Em um jogo divertido de pega-pega, o Vagalume tenta mostrar para Matilde que ela deve se conformar com aquilo que é possível para ela, que ela pode conquistar apenas o que está ao seu alcance. Ele afirma ainda que Matilde pode está se arriscando demais ficando longe da sua mãe e das outras vacas, que pode ser perigoso ficar sozinha, ainda mais à noite. Matilde até concorda com o seu novo amigo, porém não desiste da sua aventura e vai até as últimas consequências para conseguir o que quer. Vejamos no Quadro 43 alguns trechos das falas dos personagens.

Quadro 43 – Trecho do texto de *A Vaca Lelé*

Personagem	Fala
Vagalume	Pense... pense... use a inteligência, arrume uma forma de me pegar.
Matilde	Mas a gente pode pegar tudo o que quer?
Vagalume	Não. Só o possível. O que estiver ao seu alcance. O que você conseguir conquistar.
Matilde	O que eu conquistar?
Vagalume	Me apanha...
Matilde	Tá vendo, eu não consigo.
Vagalume	Peguei! Olha, já é tarde da noite. É melhor você voltar para o estábulo.

Mais uma vez, podemos identificar a mensagem do personagem por meio das suas falas, porém não é possível identificar as características físicas dele. Talvez fosse importante para a AD priorizar a caracterização do personagem em detrimento de outros elementos que possam ser identificados através das falas. Vale ressaltar que o roteiro de AD é subordinado à obra que está sendo audiodescrita e, portanto, estas afirmações valem apenas para este contexto.

4.1.2.9 Vaqueiros

Os vaqueiros são os últimos personagens com quem Matilde se encontra na trama. Seu figurino não parece em nada com o do vaqueiro convencional, pois eles usam túnicas grafitadas, máscaras de couro, típicas do reisado nordestino, cordas com chocalhos e artefatos de couro amarrados na cintura. Vejamos a Figura 11 que traz a imagem de uma das cenas do espetáculo, bem como o trecho do roteiro de AD que descreve estes personagens no Quadro 44.

Figura 11 – Imagem dos Vaqueiros



Quadro 44 – Trecho do roteiro de AD de *A Vaca Lele*

Nº Ordem	Descrição
79	Um foco de luz branca ilumina Matilde no centro do palco. Entram dois personagens usando roupas e máscaras de couro, com cordas na mão.
81	Matilde cai sentada. As enormes sombras dos vaqueiros aparecem nas cortinas azuis.

Através das inserções do roteiro de AD percebemos que alguns elementos do figurino não foram contemplados, entretanto a imponência dos personagens, retratada por meio de enormes sombras, foi evidenciada no roteiro, o que pode ser considerado como um ponto positivo.

Os Vaqueiros são os personagens que levam Matilde de volta à dura realidade da vida e é com eles que a personagem aprende a ter medo e desaparece. A cena de Matilde com os Vaqueiros é bastante forte,

principalmente, pelo fato de a personagem ser levada amarrada e à força pelos Vaqueiros. A cena faz referência à derrubada do boi nas vaquejadas. Vejamos no Quadro 45 algumas falas da referida cena.

Quadro 45 – Trecho do texto de *A Vaca Lelé*

Personagem	Fala
Vaqueiro 2	Sua vaca teimosa
Matilde	Eu só dormi um pouquinho.
Vaqueiro 2	Volte já para o estábulo.
Matilde	Não, eu gosto daqui
Vaqueiro 2	Não? Então vai na marra.
Vaqueiro 1	Jogue o laço.
Matilde	Por favor, deixem eu ficar.
Vaqueiro 1	Então tenta fugir?
Vaqueiro 2	Cria asas e fuja
Matilde	Não... não me amarrem... não me amarrem... Por favor... eu não quero... eu tenho medo... eu tenho medo... M E D O !!!

A cena de Matilde com os Vaqueiros retrata a dura realidade da vida, no que diz respeito aos sonhos que muitas vezes não poderemos realizar. A cena faz referência também aos momentos em que somos impedidos, inclusive, de tentar buscar o que queremos e de não podermos pensar diferente da maioria, assim como a vaquinha. Os vaqueiros representam a estrutura engessada da nossa sociedade que aceita apenas o que já foi convencionalizado e que tolhe o que é diferente.

4.1.3 Descrição do Cenário

Para a classificação descrição do cenário, contabilizamos dezoito inserções. Este pequeno número se justifica tanto pela simplicidade do cenário de *A Vaca Lelé*, como pelo fato de o espetáculo se passar em apenas um ambiente, o pasto. Ao classificarmos as inserções de descrição do cenário, acrescentamos a esse grupo alguns elementos móveis adicionados e/ou retirados do cenário no decorrer do espetáculo, como é o caso do carrinho da galinha, que entra e sai de cena junto com ela e os instrumentos musicais do espantalho.

O cenário do espetáculo é composto apenas por um tapete verde, que representa o pasto; seis cortinas longas azuis (conhecidas na linguagem teatral como “pernas”), que representam o céu; e três pequenos bancos em formato de troncos. Segue a Figura 12 com a imagem que contempla o cenário do espetáculo e, em seguida, o Quadro 46 com alguns trechos da AD que descrevem o mesmo.

Figura 12 – Imagem do Cenário



Quadro 46 – Trecho do roteiro de AD de *A Vaca Lelé*

Nº Ordem	Descrição
01	Sombras de animaizinhos com asas surgem em cortinas de tecido azul-claro .
06	Ele está em pé com os braços abertos em cima de um pequeno tronco de árvore .
07	Ele gira e põe uma máscara. Há mais dois troncos sobre um tapete verde no palco . Instrumentos musicais estão espalhados no chão à esquerda.

Ao analisarmos as inserções, percebemos que a sua descrição não é feita de uma só vez. Com o desenrolar da trama, parte dos objetos que o compõe vão sendo revelados. Das dezoito inserções, apenas essas três descrevem o cenário, as demais apenas indicam o posicionamento ou a movimentação de algum objeto cênico, como por exemplo, o posicionamento dos troncos ou o manuseio dos instrumentos musicais. Entretanto, como o cenário do espetáculo não muda com o desenrolar da trama, as inserções que o descrevem são suficientes para apresentar o cenário de *A Vaca Lelé* para as crianças com deficiência visual. Conforme podemos observar no Quadro 47.

Quadro 47 – Trecho do roteiro de AD de *A Vaca Lelé*

Nº Ordem	Descrição
47	A galinha puxa o carrinho .
49	Ela vira o carrinho e os pintinhos caem.
50	O espantalho volta correndo e recolhe os pintinhos. Ele sai puxando o carrinho .
60	Ele se senta no tronco .
69	O espantalho coloca os troncos um atrás do outro. A cigarra sobe nos troncos usando uma coroa e roupas douradas.

A singela concepção do cenário procura retratar a simplicidade do sertão nordestino por meio de um pequeno pasto, de alguns troncos que representam a vegetação e de um grande céu azul. Ele pode ser identificado não só pelas descrições, mas também pelas falas de alguns personagens. Vejamos algumas dessas falas no Quadro 48.

Quadro 48 – Trecho do texto de *A Vaca Lelé*

Personagem	Fala
Mosca	Bom, deixa eu ir embora, xii... olha quem vem lá, a Galinha. Adeuzinho querida. A gente se vê. Eu não vou te ver no estábulo, porque passaram inseticida rural. Ai, ser mosca do interior é fogo. Além de pouca poluição, tem que pastar junto com vaca, galinha, passarinho...
Galinha	Lindo pasto , não?
Matilde	Muito lindo e é tão verdinho...
Galinha	Mas com a desmatção, essa queimada toda...
Matilde	Ah, mas logo eles plantam outra coisa.
Galinha	Cana minha filha. Eles só plantam cana. Agora, com essa estória de álcool virar combustível pra carro, eles só plantam cana de açúcar pra tirar o álcool. O milho ninguém mais planta, é cana de açúcar só. Fico rezando para inventarem um combustível a base de milho. Mas só eu ando a base de milho.

Aqui sabemos o que o pasto representa para cada um e a forma como cada um o vê. Para a Mosca, viver no pasto não é fácil, pois quase não tem atrativo para ela: tem pouca poluição, o ar é mais puro e ela ainda tem que dividir o pouco que tem com os outros animais. Já para a Galinha e para a Matilde, este ambiente não lhes causa estranheza ou desconforto, pois se trata do habitat natural de cada uma delas.

A Cigarra é outra personagem que ajuda a plateia a imaginar o pasto onde vive Matilde. Através da sua canção ela exalta a natureza em volta do lugar onde vive, como podemos observar na letra apresentada do Quadro 49.

Quadro 49 – Trecho do texto de *A Vaca Lelé – Músicas da Cigarra*

Nome da Música	Música
Música da Cigarra	<p>A natureza tem <i>A natureza tem</i></p> <p>Uma roseira linda <i>Que abre todo dia</i></p> <p>Alegando o canto de uma sabiá <i>A natureza tem</i> <i>A natureza tem</i></p> <p>Um cheiro de canela <i>Que a sinhá tempera</i> <i>Com seu jeito doce</i> <i>O doce da panela</i></p>

A música da Cigarra traduz o que a natureza representa para ela e, juntamente com as falas dos demais personagens e as inserções do roteiro de AD, ajudam ao público com deficiência visual compor a estrutura imagética do cenário do espetáculo. Assim, embora com um número reduzido de inserções, o roteiro de AD foi suficiente para dar conta da proposta cenográfica.

4.1.4 Descrição da Iluminação

Com a menor quantidade de inserções, dezesseis ao todo, temos a descrição da iluminação. É uma quantidade bastante pequena, se levarmos em consideração que as passagens de tempo do espetáculo são traduzidas através dela e que, para cada entrada de um novo personagem e para cada música, temos uma luz diferente. Contudo, não podemos deixar de considerar também os poucos espaços disponíveis para as inserções, sem falar na questão da priorização, elemento bastante questionado dentro da audiodescrição, que nos faz escolher pela descrição de um elemento em detrimento de outro.

No que diz respeito à AD de *A Vaca Lelé*, procuramos identificar, dentro da proposta do espetáculo, o que deveria ser priorizado e chegamos à conclusão de que os elementos a serem priorizados seriam as ações dos personagens e a descrição dos personagens. Isto porque temos uma grande

movimentação dos mesmos no palco, inclusive com a entrada de um deles pela plateia e uma proposta de criação dos personagens como animais personificados, com marcas de algumas regiões do país, como por exemplo, um pardal cearense que passou uma semana no Rio de Janeiro e voltou com um sotaque carioca bem carregado, uma galinha procedente de Alagoas e um touro dos pampas gaúchos.

Na descrição da iluminação buscamos contemplar as passagens de tempo, a identificação das cenas de cada personagem, o clima das cenas, os momentos de ausência de luz e o destaque para determinado personagem e/ou objeto cênico, ou seja, traduzir o que a iluminação representa para o espetáculo. No Quadro 50, é possível perceber como o roteiro de AD traduziu o que a iluminação do espetáculo enfatizou em determinadas cenas.

Quadro 50 – Trecho do roteiro de AD de *A Vaca Lele*

Nº Ordem	Descrição
05	As sombras desaparecem. Um foco de luz ilumina um personagem com roupa de retalhos coloridos e chapéu de palha.
31	A mosca dança embaixo de um foco de luz branca .

Nas descrições em que aparece a informação “foco de luz”, o objetivo é apontar a evidência sobre algum personagem ou objeto cênico, como é o caso das inserções 05 e 31. Na inserção 05, o destaque é para o Espantalho, primeiro personagem com qual o público tem contato. Já na inserção 31, a Mosca é quem aparece destacada pela luz, justamente no momento em que ela canta e dança para a vaquinha. Fazendo um paralelo com a linguagem audiovisual, essa informação equivale ao *close up*⁷, que cumpre o papel de evidenciar aquilo que o diretor propôs para a cena. Embora num primeiro momento essas informações possam não ser compreendidas amplamente pelo público com deficiência visual, é possível que a recorrência do contato do público com os termos que fazem parte do universo teatral amplie, cada vez mais, sua compreensão e apreciação de espetáculos. No

⁷ Plano que enfatiza um detalhe. Primeiro plano ou plano de pormenor. Tomando a figura humana como base, este plano enquadra apenas os ombros e a cabeça de um ator, tornando bastante nítidas suas expressões faciais. Disponível em: < <http://www.roteirodecinema.com.br/manuais/vocabulario.htm> > Acesso em 17 jul. 2012.

Quadro 51, pode ser visualizado o signo das cores presente na iluminação do espetáculo.

Quadro 51 – Trecho do roteiro de AD de *A Vaca Lelé*

Nº Ordem	Descrição
08	Ele salta do tronco. Luzes brancas e laranjas iluminam o palco.
32	Uma luz lilás ilumina o palco.
34	A mosca sai. Luzes laranjas e brancas iluminam o palco. A galinha entra usando uma touca vermelha,
65	Luzes coloridas piscam no ritmo da música.
70	Uma luz amarela ilumina a cigarra.
74	As luzes do palco escurecem . O espantalho senta próximo dos instrumentos musicais.

Nas inserções 08 e 74, as descrições dão conta do alvorecer e do anoitecer, respectivamente. As luzes laranjas e brancas indicam que está amanhecendo no pasto, o que pode ser confirmado nas falas iniciais do espetáculo. Seguem no Quadro 52 as referidas falas acompanhadas da rubrica do autor.

Quadro 52 – Trecho do texto de *A Vaca Lelé*

Personagem	Fala
Espantalho	(Acordando) – Ahhh... que sono... O dia está lindo hoje... Alô passarada... Adoro vocês. É, mas um dia ainda perco meu emprego. É que sou pago para espantar os passarinhos, e na verdade sirvo até de abrigo para essas criaturinhas de Deus, que Deus criou! Bem, mas agora está na hora de armar uma cara bem feia e começar a espantar... Que tal essa cara? Horrível né? Assustadora... Muuu, muuu. Mas espantalho não faz Muu. Para espantar tem que se fazer Buuuuu... Foi a vaca lelé que me ensinou a mugir, então eu só sei fazer Muuu. Eu acho que os passarinhos pensam que eu sou uma vaca. Ahhh... eu tenho tanta saudade da Matilde. A Matilde foi a vaca mais legal que eu conheci aqui no pasto. Desde o dia em que ela voou, nunca mais voltou. É voou sim, eu vi com os meus próprios olhos que a terra há de comer. Ela bateu asas e voou. Nunca ninguém viu uma vaca voar, mas eu vi. (Cantarola)
Espantalho	Bom dia, Pardal!
Pardal	Qual é a tua? Cantando logo de manhã? Parece a cotovia...

Já o anoitecer pode ser identificado por meio das seguintes falas (Vide Quadro 53).

Quadro 53 – Trecho do texto de *A Vaca Lele*

Personagem	Fala
Espantalho	E veio o anoitecer. Matilde pensou que estava sonhando, pois começou a enxergar estrelas que pulavam na terra. Mas estrelas não pulam na terra. Elas ficam no céu, piscando. Eram <i>Vagalumes</i> . <i>Vagalumes</i> que cintilavam... apagando e acendendo, piscando muito. E Matilde adorou brincar com eles.
Vagalume	Peguei! Olha, já é tarde da noite. É melhor você voltar para o estábulo.
Vagalume	Mas a noite todo mundo dorme, não se pode ficar cantando... (Sai rindo)

As inserções 32, 34 e 70 estão relacionadas às cenas em que aparecem a Mosca, a Galinha e a Cigarra, respectivamente. A iluminação traduzida por meio da inserção 32 indica a entrada da Mosca em cena, a luz lilás é característica da personagem e procura conotar o universo pesado em que ela vive, como os ambientes fechados e úmidos, locais com bastante poluição, dentre outros. A iluminação da inserção 34 indica a entrada da Galinha e tenta ressaltar as cores vivas do seu figurino em tons de laranja e vermelho. A luz faz referência ainda ao forte sol nordestino característico da cidade natal da personagem. Por fim, a iluminação da inserção 70, que indica a entrada da Cigarra, procurando evidenciar a entrada da artista e ressaltar ainda mais o brilho do seu figurino dourado, fazendo da sua entrada um momento triunfante.

Vale ressaltar ainda a cena de Matilde com os Vaqueiros, na qual a iluminação traduz a imponente dos Vaqueiros sobre a vaquinha (Figura 13, Quadro 54).

Figura 13 – Imagem dos Vaqueiros



Quadro 54 – Trecho do roteiro de AD de *A Vaca Lelé*

Nº Ordem	Descrição
79	Um foco de luz branca ilumina Matilde no centro do palco. Entram dois personagens usando roupas e máscaras de couro, com cordas na mão.
81	Matilde cai sentada. As enormes sombras dos vaqueiros aparecem nas cortinas azuis.

A iluminação da cena dos Vaqueiros com Matilde, traduzida nas inserções 79 e 81, procurou retratar a soberania dos Vaqueiros sobre a vaquinha por meio da projeção de grandes sombras nas cortinas azuis. Cabe destacar que a noção de dimensão (enormes sombras de vaqueiros) retratada no roteiro de AD evidencia a imponente dos Vaqueiros em detrimento da fragilidade da nossa vaquinha e confere à cena um ar de crueldade.

Mesmo com um número reduzido de inserções, conseguimos perceber a importância da descrição da iluminação para o roteiro de AD, principalmente se levarmos em consideração o seu papel dentro da trama. Em trabalhos anteriores, ao ouvirmos o público com deficiência visual, eles confirmaram a importância deste elemento para a compreensão das cenas. Mesmo os deficientes visuais que nunca enxergaram tem a noção, por exemplo, de que uma luz vermelha pode significar algo relacionado ao perigo ou a uma cena sensual.

4.2 Análise dos Dados da Avaliação da Audiodescrição de *A Vaca Lelé*

Para a análise da recepção da AD de *A Vaca Lelé* seriam utilizados quatro protocolos: filmagem das reações, questionário pré-coleta, relato retrospectivo e questionário pós-coleta. Porém pelo fato de a responsável pela pesquisa também fazer parte do elenco do espetáculo e de ser a sua primeira

experiência com uma avaliação como esta, ela não planejou anteriormente uma orientação dos seus colegas de grupo de pesquisa (integrantes do Grupo LEAD da UECE, que auxiliaram a pesquisadora com a avaliação) sobre os procedimentos a serem tomados antes de aplicar a avaliação e, portanto, o questionário pré-coleta não foi aplicado com os participantes da pesquisa. Cabe destacar que tentamos aplicar outra avaliação, com o objetivo de realizar novamente todo o processo, tomando as devidas precauções e planejando melhor a aplicação da avaliação, mas devido aos custos que envolvem uma produção teatral isso não foi possível.

Portanto, para a análise da avaliação de *A Vaca Lele* foram utilizados os seguintes protocolos: filmagem das reações, relato retrospectivo e questionário pós-coleta. Esta análise tem como objetivo comprovar ou refutar as hipóteses de pesquisa:

- Hipótese 1: A AD de um espetáculo de teatro infantil elaborada a partir dos parâmetros preconizados por Jimenez-Hurtado (2007 e 2010), Matamala (2007), Silva (2009) e Holland (2009) possibilita uma boa recepção do espetáculo de teatro infantil por parte das crianças com deficiência visual;
- Hipótese 2: A realização da AD de um espetáculo de teatro infantil garante o entendimento do público com deficiência visual.

Para mantermos o sigilo da identificação das crianças que participaram da avaliação, elas serão identificadas como C1, C2, C3, C4, e C5; com o objetivo de cumprir com o que está expresso no termo de consentimento assinado pelos pais ou responsáveis e evitar qualquer tipo de constrangimento que venha a prejudicar o resultado da avaliação. Vale ressaltar que apenas C5 não respondeu ao relato retrospectivo e ao questionário pós-coleta, portanto só utilizaremos as suas reações durante a apresentação do espetáculo.

4.2.1 Filmagem das Reações

Através da análise da filmagem das reações dos participantes da avaliação ao assistirem ao espetáculo, podemos confirmar a eficiência do roteiro de AD, bem como boa recepção do mesmo por parte do público infantil com deficiência visual. Vejamos a seguir alguns momentos que comprovam esta afirmação.

No momento da música de abertura do espetáculo, C3 pergunta ao fone de ouvido que está usando para ouvir a AD se tem algum galo, como se estivesse interagindo com o audiodescritor, o que revela uma familiaridade com o recurso. No mesmo momento C5 pergunta a C2: “Tem os bichos?”, o que também podemos identificar com uma interação com o recurso, pois neste momento a AD descreve as sombras dos pequenos animais que são projetados nas cortinas.

C2 e C3 sorriem no momento em que o Espantalho rebola o “bumbum” imitando a Matilde, neste momento a AD descreve a movimentação do personagem, portanto, tal reação dos participantes só foi possível por meio da AD. Cabe destacar que C1, C2, C4 e C5 sorriem quando o Pardal assusta o Espantalho e ele sai correndo com medo, tal compreensão só foi possível por meio da AD, que descreve a movimentação dos personagens. C1 ainda comenta com os colegas que o Espantalho sai correndo, confirmando a informação adquirida com a AD.

A entrada da Mosca provocou um impacto em duas das crianças, pois C3 sorri e C5 dá uma alta gargalhada na entrada desta personagem, estas reações podem ter sido causadas pela descrição do figurino da Mosca, o qual é bem diferenciado. Notamos ainda uma identificação de C5 com a personagem, pois em vários momentos ele repete a fala da personagem.

A Galinha também foi um dos personagens que as crianças se identificaram bastante, pois interagiram no momento da música da

personagem; C1, C3 e C4 sorriram ao ouvir a Galinha chamar seus pintinhos, principalmente quando ela chamou o Maicom Douglas e C1 e C3 sorriram bastante quando a personagem falou que era “das Alagoas”. Vale ressaltar que no momento em que a galinha derruba os pintinhos no chão C1, C3 e C4 sorriem, o que comprova o auxílio da AD nesta cena, pois esta informação não foi contemplada nas falas dos personagens. Ainda na cena da Galinha C2 e C5 revelam um entusiasmo com a AD e comentam: C2: “É legal, não é C5?”; C5 diz: “Você está escutando?”; C2 responde: “Tá saindo no fone?”; C5 diz: “Tá”.

Na cena do Espantalho com Matilde também identificamos algumas reações que comprovam a eficiência da AD, pois C1 e C3 sorriem no momento em que o Espantalho se esconde de Matilde, nesta cena a AD revela que ele brinca de esconde-esconde com a vaquinha. C5 toma um susto quando o Espantalho tenta assustar Matilde.

No momento da entrada do Touro, C2 olha para o lado em que o personagem surge, revelando a importância da orientação dentro do roteiro de AD. C1 e C3 sorriem ainda na entrada do Touro, o que pode ser justificado pela descrição do figurino do personagem neste momento da cena. C3 comenta ainda com a professora que tomou um susto com a entrada do personagem. Nesta cena notamos uma grande interação entre as crianças participantes da avaliação, o que nos mostra que a AD não só contribuiu para a compreensão do público, mas também para que elas pudessem se socializar, compartilhando um momento como este, pois muitas delas nunca haviam tido a oportunidade de assistir a um espetáculo de teatro. Ainda na cena do Touro, C5 repete a fala do personagem; C3 sorri no momento em que o Touro caminha de um lado para o outro do palco questionando Matilde sobre o fato dela não conhecê-lo e nem ter medo dele; C1 afirma que o Touro está com medo no momento em que ele sai correndo da vaquinha; C1, C3 e C4 sorriem quando o Espantalho esbarra com o Touro.

Um momento bastante relevante do ponto de vista da AD foi a entrada da Cigarra, pois C1 comenta com a sua professora: “Ela é amarela, não é tia?”. Para C1 foi importante poder comentar com a professora que a

Cigarra vestia uma roupa amarela, na sua fala ele questiona a professora, mas não no sentido de confirmar a informação e sim no sentido de afirmar que ele também sabia que o personagem vestia uma roupa amarela. Para C1 foi uma experiência significativa poder compartilhar esta informação com outra pessoa, de igual para igual, o que comprova que este recurso não só torna uma produção acessível, mas também promove a inclusão social.

Na cena dos Vaqueiros, C1 pergunta a professora quem são os personagens e, de imediato, C3 responde que são os Vaqueiros. Tal informação só pôde ser identificada por C3 por meio da AD, pois em nenhuma das falas dos personagens é revelado o nome dos Vaqueiros.

4.2.2 Relato Retrospectivo

Este protocolo tem como objetivo deixar que as crianças falassem livremente sobre as suas impressões do espetáculo, sem um direcionamento específico, motivadas apenas pelos elementos que elas mais se identificaram dentro da trama. Infelizmente apenas C3 teve a oportunidade de falar livremente sobre *A Vaca Lelé*, pois os demais pesquisadores do Grupo LEAD não aplicaram este protocolo, iniciando a entrevista com o questionário pós-coleta.

Segue o relato de C3:

“Eu gostei muito da peça, a parte que eu mais gostei foi quando a Vaca Lelé dançou junto com o Espantalho, que o Touro ficou se assustando... que o Espantalho bateu no Touro e o Touro fugiu com medo. Aí eu também gostei da parte da Vaquinha Lelé que os Vaqueiros jogaram as corda nela, aí a Vaquinha Lelé ficou dizendo que tinha medo, medo e eu também achei engraçada, porque ela falou que não tinha medo de nada, mas a parte que eu mais gostei mesmo foi no começo, que eles ficavam todo mundo, a Galinha, o Michel Douglas... ela derrubava todos os pintinhos e o Espantalho ia e apanhava”.

De acordo com o relato de C3, podemos identificar que ele conseguiu absorver boa parte dos elementos do espetáculo, falou sobre várias cenas e citou vários personagens. Conseguimos identificar o auxílio da AD em algumas das suas observações, como no momento em que ele fala que o Touro bate no Espantalho, que a Galinha derruba os pintinhos e o Espantalho os recolhe e quando ele fala que os Vaqueiros jogam as cordas sobre a vaquinha. Cabe destacar que C3 conseguiu identificar um dos momentos mais marcantes do espetáculo, que é quando Matilde conhece o medo, e ele inclusive questiona a cena, pois relata que a vaquinha havia falado anteriormente que não tinha medo.

4.2.3 Questionário Pós-coleta

A aplicação deste questionário foi a última fase da avaliação. A aplicação do mesmo foi prejudicada pelo excesso de mídia no local antes, durante e após a apresentação do espetáculo, pois vários repórteres cansaram as crianças, principalmente as que participaram da avaliação, com suas longas entrevistas e, no momento de aplicação do questionário elas já não queriam responder às nossas perguntas, porém os dados colhidos foram suficientes para atestar a eficácia da audiodescrição.

A primeira pergunta do questionário pós-coleta avaliava a interação das crianças com o novo recurso e se elas conseguiram ouvir com clareza a voz do audiodescritor, se não ouve nenhuma interferência. C1 respondeu que achou legal; C2 achou bom, mas em alguns momentos não conseguiu ouvir muito bem; C3 falou que adorou a voz do audiodescritor, mas alguns ruídos atrapalharam em alguns momentos; e C4 disse apenas que gostou do recurso.

Na segunda pergunta, questionamos se a voz havia atrapalhado ou ajudado no entendimento da peça. C1 respondeu: “Ajudou, que a gente não enxerga mesmo, só faz ouvir e a voz me ajudou a entender. Ficou

atrapalhando um pouquinho, mas depois a gente junta tudo”; C2 disse: “Atrapalhou um pouquinho, porque às vezes ficava parando”; C3 respondeu: “Não, não atrapalhou, não.”; e C4 falou: “Ajudou, porque eu sou deficiente visual e não dá pra saber as cores que tão no palco, é isso. Deu pra entender muito bem, alto e bom som, dá pra entender”.

A terceira, a quarta, a quinta e a sexta pergunta versavam sobre os personagens, se eles conseguiram identificar quais bichinhos participavam da história da vaquinha, quais eles mais gostaram e se poderiam descrevê-los. Todas as crianças conseguiram enumerar pelo menos sete dos dez personagens do espetáculo e C3 conseguiu descrever com alguns detalhes a roupa de um dos personagens, segue a fala de C3: “O espantalho vinha com um chapeuzinho de palha e com a luva, que era toda cheia de furinhos”.

Cabe destacar que não podemos exigir das crianças uma descrição do figurino com riqueza de detalhes, principalmente por ser a primeira experiência delas com uma AD e com o teatro, até porque este também não é o objetivo desta pesquisa, mas sim fazer com que elas compreendam e possam se aproximar do universo proposto pelo espetáculo *A Vaca Lelé*. As crianças tiveram que imaginar um Pardal que usa boné e óculos; uma mosca que usa vestido preto brilhoso, meias lilás e grandes óculos vermelhos; enfim, um novo universo cheio de peculiaridades.

Na sexta pergunta, questionamos o local onde se passava a história da vaquinha. C3, que respondeu à avaliação no palco, sentado em dos troncos do cenário, disse: “Ah! Aqui era o pasto. E a vaquinha só comia grama...”. Os demais não responderam com exatidão, mas se aproximaram da resposta de C3. C1 falou que a história se passava em uma vacaria, C2 falou que a história se passava no mato e C4 não respondeu a essa pergunta, pois a pessoa que o estava entrevistando pulou esta pergunta.

No que diz respeito à sétima pergunta, que versava sobre a questão temporal do espetáculo, se a história se passava de dia ou de noite, todas as crianças foram unânimes em responder que a história se passava de dia e de

noite. Tal afirmação comprova, de certa forma, a eficácia da descrição da iluminação.

A oitava pergunta diz respeito ao local onde a Cigarra fica no momento em que ela entra em cena. Apenas C4 afirma que ela fica nos troncos cantando, os demais não respondem com exatidão o local onde a personagem estava posicionada, porém todos destacam que ela está em cena cantando. C1 afirma que ela fica cantando, mas não lembra onde a personagem ficava; C2 diz que ela fica no meio do mato cantando; e C3 fala que ela fica no centro do palco cantando e dançando. Podemos identificar que a informação adquirida por C4, no que diz respeito à localização do personagem e ao jogo dos atores com os troncos, só foi possível através da AD, pois esta informação não foi contemplada nos diálogos do espetáculo. Isto ratifica a ideia de que, mesmo com um número reduzido de inserções, esta classificação conseguiu atingir o seu objetivo.

Sobre a nona questão, que versava sobre o que a Matilde e o Espantalho estavam fazendo no momento em que a Cigarra ficava cantando. C1, C3 e C4 responderam que eles estavam dançando, tal informação está relacionada com descrição das ações, que descreve neste momento a movimentação dos personagens. Portanto, eles só conseguiram saber o que os personagens estavam fazendo com o auxílio da AD, pois neste momento do espetáculo temos apenas a música da Cigarra, a qual não faz nenhuma referência à movimentação dos personagens. Vale ressaltar ainda que, nesta cena, pudemos testar outra variável da AD, que é a sobreposição, pois a informação de que os personagens estão dançando foi transmitida para as crianças sobrepondo a música da Cigarra e eles não tiveram problema nenhum em identificá-la, o que nos confirma a hipótese de que não há problemas com a sobreposição, pelo menos no teatro.

A décima e última questão, diz respeito ao modo como a vaquinha se preparava para dormir. C1 respondeu: “Ela deita no chão, só que quando ela vai dormir ai chega uns cara lá e pega ela e puxa a corda nela”; C3 respondeu: “Ela deita e quando ela tá se preparando pra dormir os dois

vaqueiros chegam e jogam as cordas em direção a ela”; e C4 respondeu: “Ela vai lá pro lugarzinho dela, a casinha dela e vai dormir lá no lugar”. Neste caso, conseguimos identificar que as respostas dos participantes também se relacionam com as informações descritas por meio da AD.

Ao final do questionário, alguns pesquisadores perguntam as crianças sobre o final da história. C1 respondeu: Hunrum... mas foi meio triste; C3 disse: Pra mim eu acho que ela virou churrasco. É... voou e virou churrasco ao mesmo tempo. Foi lá pro céu, lá nas nuvens e ficou lá perto da lua.

De acordo com as respostas de C1 e C3, percebemos que eles compreenderam a mensagem final do espetáculo, ou seja, que a vaquinha Matilde morreu. Esta é uma concepção e interpretação do Grupo Bandeira das Artes, que pouco é alcançada pelas crianças, pois a cena final do espetáculo apenas sugere essa interpretação de uma forma singela e lúdica. Contudo, as crianças com deficiência visual conseguiram entender claramente a proposta do grupo, o que também confirma a eficácia do roteiro de AD.

Ao final do espetáculo as crianças puderam tocar no figurino dos personagens, conforme a orientação de Holland (2009) de que devemos complementar as descrições com as demais sensações provocadas por outros sentidos, permitindo ao espectador estabelecer uma relação com a obra, para que ele se sinta parte daquela experiência artística.

Mesmo com todas as dificuldades que tivemos para aplicar o questionário pós-coleta, conseguimos uma gama de informações sobre a recepção do roteiro de AD, o que foi bastante satisfatório. Cabe destacar que o trabalho de coleta de dados com o público infantil é bem mais delicado, principalmente no teatro, que não temos a oportunidade de fazermos uma sessão para cada participante por conta dos custos envolvidos. A aplicação dos testes com os participantes no mesmo local foi bastante complicada, porém como se tratavam de crianças, precisamos levar em consideração que um teste demorado e aplicado em salas separadas poderia inibir e prejudicar as respostas dos participantes.

Cabe destacar ainda que a apresentação de *A Vaca Lele* com AD não só contribuiu para a compreensão do espetáculo por parte do público com deficiência visual, mas também promoveu a socialização de 70 crianças das duas instituições convidadas.

CAPÍTULO 5: CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise da AD de *A Vaca Lelé* e da avaliação aplicada com as crianças participantes, percebemos que, mesmo com todas as dificuldades para aplicar o questionário, o resultado da AD foi positivo, principalmente pela reação das crianças ao assistirem pela primeira vez um espetáculo de teatro.

O roteiro de AD revelou que a grande quantidade de inserções referentes à categoria descrição das ações foi fundamental para o entendimento do público com deficiência visual, principalmente pela grande movimentação dos personagens e dinamicidade do espetáculo, o que foi comprovado nas suas reações e em algumas respostas ao questionário.

Com a segunda maior quantidade, a descrição dos personagens poderia ter sido direcionada para a descrição do figurino, na maioria dos casos esta categoria esteve preocupada em descrever a forma como os personagens estavam posicionados, entretanto, de acordo com a análise, sentimos a necessidade de uma descrição mais detalhada dos figurinos, tendo em vista que o espetáculo contemplava a proposta de animais personificados.

Já a categoria descrição do cenário, foi a terceira com relação à quantidade de inserções e, mesmo com um número um pouco mais reduzido, cumpriu o seu papel e conseguiu transmitir ao público com deficiência visual a singela concepção do pasto onde acontece a história da vaquinha.

Com relação à categoria descrição da iluminação, podemos afirmar que esta foi a que mais nos surpreendeu, pois mesmo com a menor quantidade de inserções e com as limitações de tempo para cada inserção, conseguiu contemplar as passagens de tempo, a identificação das cenas de boa parte dos personagens, o clima das cenas, os momentos de ausência de luz e o destaque para determinado personagem e/ou objeto cênico. A descrição da

iluminação conseguiu traduzir, ainda que com suas limitações, o que ela representa dentro do espetáculo.

Cabe destacar que, a descrição da iluminação é importante até mesmo para as pessoas com deficiência visual que nunca foram ao teatro, pois se em um primeiro momento eles não compreendem o que aquele recurso representa para a cena, em novas oportunidades e com o hábito de ir ao teatro elas conseguirão alcançar o seu significado. O importante é dar acesso e da forma mais completa possível.

Ao analisarmos as categorias propostas por Jiménez-Hurtado e propormos a sua adaptação para o teatro, sentimos a necessidade de incluir como categoria a descrição da iluminação, bem como a mudança da descrição da ambientação para a descrição do cenário, tendo em vista que trabalharíamos com outro meio semiótico. Com relação aos parâmetros propostos por Casado: elementos visuais verbais e não verbais; dentro dos elementos visuais verbais, podemos citar os títulos dos créditos iniciais e finais, os textos e legendas que aparecem no filme. Estes elementos correspondem no teatro à ficha técnica do espetáculo, presente no programa do mesmo, que pode ser disponibilizado em Braille para o público com deficiência visual ou lida antes da apresentação; no que diz respeito aos textos e legendas, no teatro, corresponde a algum material escrito que seja projetado ou fixado no cenário do espetáculo.

Quanto à recepção, esta também nos surpreendeu bastante, principalmente com relação às reações das crianças no decorrer da apresentação, pois mesmo com as dificuldades em se trabalhar com uma só câmera, tendo que enquadrar todos os participantes em um mesmo ângulo, além do fato de a câmera não ter entrada para microfone, dificultando a identificação de alguns comentários das crianças, conseguimos coletar dados importantes que comprovaram não só a eficiência do roteiro de AD para o teatro, mas que a AD também promove a socialização entre as crianças, proporcionando momentos singulares na vida de cada uma delas.

No que diz respeito ao questionário pós-coleta, observamos algumas falhas na sua aplicação. Com relação à questão estrutural, por exemplo, poderíamos ter inserido mais questões relacionadas à iluminação do espetáculo, para que tivéssemos dados mais conclusivos acerca deste elemento, bem como poderíamos ter explorado também um pouco mais a descrição do cenário. Já com relação à sua aplicação, foi bem difícil, pois, com a presença da mídia no local, foi complicado manter as crianças distantes uma da outra, sem contar que fazer pesquisa com este público é algo bem delicado, pois temos que tornar prazerosa uma experiência que, geralmente, é um tanto desgastante e cansativa. Cabe destacar que as crianças se cansam bem mais rápido e, portanto, o teste deve ser o mais prático e objetivo possível.

Outra experiência bastante significativa dentro deste estudo foi o momento em que as crianças puderam ter contato com o figurino dos personagens, com o cenário e os elementos cênicos do espetáculo. Elas ficaram encantadas com os pintinhos e com a possibilidade de complementar com o contato tátil as informações que obtiveram através da AD. Portanto, assim como o estudo de Holland, este estudo confirma a importância de complementar à descrição com as demais sensações provocadas pelos outros sentidos, permitindo ao espectador estabelecer uma relação com a obra, para que ele se sinta realmente inserido naquela experiência artística.

Por fim, salientamos a dificuldade em se trabalhar com um espetáculo que não foi pensado na perspectiva da acessibilidade desde a sua concepção, principalmente no que diz respeito aos espaços para as inserções. Com base nisso, podemos vislumbrar que um espetáculo com AD planejada desde a sua concepção, certamente favorecerá uma compreensão mais ampla tanto da obra como do fazer teatral. Isto sugere futuras investigações no campo da AD para o teatro, que poderão ajudar a ampliar o escopo deste estudo. Contudo, fica evidente com a tradução realizada para *A Vaca Lele* que a adaptação da AD pode ser feita de forma eficaz para espetáculos já montados e, portanto, deve ser feita com o objetivo de ampliar a oferta de espetáculos teatrais acessíveis para o público com deficiência visual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZENHA JR., João. A tradução para a criança e para o jovem: a prática como base da reflexão e da relação profissional. **Pandaemonium Germanicum**, São Paulo, v.9, p.367-392, 2005. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlm/alemao/pandaemoniumgermanicum/site/images/pdf/ed2005/A_traduo_para_a_criana_e_para_o_jovem.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2010, 15:00.

BRAGA, K. B. Cinema Acessível para Pessoas com Deficiência Visual: A Audiodescrição de *O Grão* de Petrus Cariry. 2011. 153f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2011.

CASADO, A. B. La Audiodescripción: Apuntes sobre el estado de la cuestión y las perspectivas de investigación. In: FRANCO, E. P. C.; ARAÚJO, V. L. S.; **Tradterm**, 13, 2007, p. 151-169.

CASADO A. B. Directores em La sombra: personajes y su caracterización em el guión audiodescrito de “Todo sobre mi madre”. Jimenéz Hurtado, C. **Traducción y accesibilidad. Subtitulación para sordos y audiodescripción para ciegos: nuevas modalidades de traducción audiovisual**. Frankfurt: Peter Lang, 2007, p. 133-152.

Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência: Protocolo Facultativo à Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência: Decreto Legislativo nº 186, de 09 de julho de 2008: Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009. 4ª Edição Revista e Atualizada. **Brasília: Secretaria de Direitos Humanos**, 2010, p. 7- 86.

DANTAS, J. F. L. A Priorização de Informação na Audiodescrição do Desfile de Escola de Samba: Uma Proposta Metodológica com o uso do Rastreador Ocular. 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2012.

HERNÁNDEZ-BARTOLOMÉ, A. & G. MENDILUCE-CABRERA. (2004): Audesc: Translating Images into Words for the Spanish Visually Impaired People. **Meta**, **XLIX**, 2, 2004 pp. 264-277. Apud MATAMALA, A. La audiodescripción en directo. In: HURTADO, C. J. **Traducción y accesibilidad. Subtitulación para sordos y audiodescripción para ciegos: nuevas modalidades de Traducción Audiovisual**. Amsterdã: Peter Lang, 2007, p. 121-132.

HOLLAND, A. Audio Description in the Theatre and the Visual Arts: Images into Words. In: CINTAS J. D. & ANDERMAN, G. **Audiovisual Translation**:

Language Transfer on Screen. Nova York. Palgrave and Macmillan, 2009, p. 170-185

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação.** São Paulo: Cultrix, 1995, p. 63-86.

JIMÉNEZ-HURTADO C. **Una gramática local del guión audiodescrito.** Desde la semántica a la pragmática de nuevo tipo de traducción. In: HURTADO, C. J. **Traducción y accesibilidad: subtitulación para sordos y audiodescripción para ciegos: nuevas modalidades de traducción audiovisual.** Amsterdã: Peter Lang, 2007, p. 55-80.

JIMÉNEZ-HURTADO C. **Un corpus del cine.** Teora y practica de la audiodescripción. Granada: Tragacanto, 2010, p. 13-107.

LAJOLO, M.; ZILBERMANN, R. Literatura infantil brasileira: história e histórias. São Paulo, Ática 1985. Apud AZENHA JR., João. A tradução para a criança e para o jovem: a prática como base da reflexão e da relação profissional. **Pandaemonium Germanicum**, São Paulo, v.9, p.367-392, 2005. Disponível em:
<http://www.fflch.usp.br/dlm/alemao/pandaemoniumgermanicum/site/images/pdf/ed2005/A_traduo_para_a_criana_e_para_o_jovem.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2010, 15:00.

MATAMALA, A. La audiodescripción en directo. In: HURTADO, C. J. **Traducción y accesibilidad. Subtitulación para sordos y audiodescripción para ciegos: nuevas modalidades de Traducción Audiovisual.** Amsterdã: Peter Lang, 2007, p. 121-132.

MATAMALA, A. e ORERO, P. Accessible opera in Catalan: opera for all. In: **Media for All: Subtitling for the Deaf, Audio Description, and Sign Language.** Amsterdã: Rodopi, 2007, p. 121-132.

OLIVEIRA JÚNIOR, J. N. Ouvindo Imagens: A Audiodescrição de Obras de Aldemir Martins. 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2011.

PAVIS, P. Dicionário de Teatro. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1999.

PAYÁ, M. P. La audiodescripción: traduciendo el lenguaje de las cámaras. In: HURTADO, C. J. **Traducción y accesibilidad. Subtitulación para sordos y audiodescripción para ciegos: nuevas modalidades de Traducción Audiovisual.** Amsterdã: Peter Lang, 2007, p. 200-214.

Roteiro de Cinema
<<http://www.roteirodecinema.com.br/manuais/vocabulario.htm>>. Acesso em 17 de julho de 2012.

SALES, W. B. A Construção de Bezerra de Menezes na Audiodescrição do Filme “Bezerra de Menezes: O Diário de um Espírito”. 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2012.

SEOANE, A. F. A priorização de informação em roteiros de audiodescrição: o que o rastreamento ocular nos tem a dizer?”. 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2012.

SILVA, M. C. C. C. da. Com os olhos do coração: estudo acerca da audiodescrição de desenhos animados para o público infantil. 2009. 210f. Dissertação (Mestrado em Letras e Lingüística). Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

SILVA, O. M. M. A Audiodescrição dos Personagens de Filmes: Um Estudo Baseado em Corpus. 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2012.

VIANA, I. História do teatro para crianças no eixo Rio-São Paulo. [S.I.] Centro Brasileiro de Teatro para a Infância e Juventude, 2009. Disponível em: <http://www.cbtij.org.br/arquivo_aberto/historia/teatro_rj-sp.htm>. Acesso em: 15 dez. 2010, 16:30.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa *Elaboração de um Modelo de Audiodescrição para Cegos a partir de Subsídios dos Estudos de Multimodalidade, Semiótica Social e Estudos da Tradução* desenvolvida no Laboratório de Tradução Audiovisual (LATAV) do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará e no LETRA (Laboratório experimental de Tradução da UFMG. No caso de você concordar em participar, favor assinar ao final do documento. Sua participação não é obrigatória, e, a qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador(a) ou com a instituição. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e endereço do pesquisador(a) principal, através dos quais poderá entrar em contato para dirimir quaisquer dúvidas do projeto e de sua participação.

NOME DA PESQUISA: *Elaboração de um Modelo de Audiodescrição para Cegos a partir de Subsídios dos Estudos de Multimodalidade, Semiótica Social e Estudos da Tradução*

PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: **Bruna Alves Leão**

ENDEREÇO: Praça Major Wilson, 187 – Carlito Pamplona, 60337-210, Fortaleza - CE

TELEFONE: 85 3286-5048

PATROCINADOR: FUNCAP (Financiamento), CAPES (Financiamento), CNPq (Financiamento).

OBJETIVOS: Esta pesquisa visa encontrar um modelo de AD (a AD é uma técnica utilizada para tornar o teatro, o cinema e a TV acessíveis deficientes visuais e consiste de uma narração adicional que descreve a ação, a linguagem corporal, as expressões faciais, os cenários e os figurinos), por meio de pesquisas quase experimentais com deficientes brasileiros. A pesquisa será realizada em Fortaleza e em Belo Horizonte para verificar a recepção dos deficientes visuais a parâmetros de AD para o teatro.

PROCEDIMENTOS DO ESTUDO: Se você concordar em participar desta pesquisa, solicitaremos que você assista a um espetáculo de teatro com audiodescrição. Antes e depois de assistir ao espetáculo, você terá também que responder a um questionário sobre a experiência com a audiodescrição. Além disso, você irá relatar livremente sobre suas impressões sobre o espetáculo e sobre a audiodescrição. Esse relato será registrado através de uma filmagem. As imagens serão utilizadas para fins de coleta de dados. Não serão divulgadas em nenhuma circunstância. Todo o material coletado será catalogado com um número de referência, preservando-se a confidencialidade dos dados pessoais.

RISCOS E DESCONFORTOS: A coleta de dados será realizada no Centro Cultural Banco do Nordeste e no Instituto Dr. Hélio Góes. Os locais garantem condições de trabalho seguras e tranquilas. Não há quaisquer riscos a sua integridade física ou emocional. Sua decisão em participar ou não desta pesquisa não acarretará nenhum prejuízo para suas atividades

presentes ou futuras em nossa universidade. Caso você o desejar, a qualquer momento poderá retirar-se da pesquisa e solicitar que o material até então coletado seja descartado.

CUSTO/REEMBOLSO PARA O PARTICIPANTE: Não haverá nenhum gasto com sua participação. Você também não receberá nenhum pagamento com a sua participação.

CONFIDENCIALIDADE DA PESQUISA: Será garantido sigilo absoluto para assegurar a privacidade de todos os sujeitos participantes quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa.

Assinatura do Pesquisador Responsável: _____

CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, _____, responsável legal por _____, declaro que li as informações contidas nesse documento, fui devidamente informado(a) pela pesquisadora – **Bruna Alves Leão** – dos procedimentos que serão utilizados, riscos e desconfortos, benefícios, custo/reembolso dos participantes, confidencialidade da pesquisa, concordando ainda com a participação da criança supramencionada como sujeito da pesquisa. Foi-me garantido que poderei retirar o consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Declaro ainda que recebi uma cópia desse Termo de Consentimento.

LOCAL E DATA:

Fortaleza, ____ de _____ de 2010.

NOME DO SUJEITO:

(Nome do sujeito por extenso)

NOME E ASSINATURA DO RESPONSÁVEL LEGAL PELO SUJEITO:

(Nome do responsável legal por extenso)

(Assinatura)

APÊNDICE B – ROTEIRO DE AD DE A VACA LELÉ

Nº de ordem	Descrição
01	SOMBRA DE ANIMAIZINHOS COM ASAS SURTEM EM CORTINAS DE TECIDO AZUL-CLARO.
02	UMA VAQUINHA.
03	UM CAVALINHO.
04	UM CACHORRO E UM PORQUINHO.
05	AS SOMBRA DESAPARECEM. UMA LUZ ACENDE EM CIMA DE UM PERSONAGEM COM ROUPA DE RETALHOS COLORIDOS E CHAPÉU DE PALHA.
06	ELE ESTÁ EM PÉ COM OS BRAÇOS ABERTOS EM CIMA DE UM PEQUENO TRONCO DE ÁRVORE.
07	ELE GIRA E PÕE UMA MÁSCARA. HÁ MAIS DOIS TRONCOS SOBRE UM TAPETE VERDE NO PALCO. INSTRUMENTOS MUSICAIS ESTÃO ESPALHADOS NO CHÃO À ESQUERDA.
08	ELE SALTA DO TRONCO. LUZES BRANCAS E LARANJAS ILUMINAM O PALCO.
09	ELE PEGA UM PANDEIRO.
10	DE COSTAS, UM PERSONAGEM USANDO BONÉ E CAPA MARROM ENTRA DANÇANDO.
11	O PARDAL USA ÓCULOS ESCUROS.
12	DE COSTAS, O ESPANTALHO BALANÇA O BUMBUM.
13	O PARDAL ABANA O BUMBUM DO ESPANTALHO, QUE SAI PULANDO.
14	O ESPANTALHO CUTUCA O PARDAL.
15	O ESPANTALHO CAI.
16	ELES DANÇAM.
17	MATILDE USA ROUPA BRANCA COM DETALHES PRETOS.
18	ELA TEM RABO E USA UMA COROA.
19	O ESPANTALHO CORRE ASSUSTADO E SOBE NO TRONCO.
20	O ESPANTALHO SALTA E SAI DO PALCO CORRENDO.
21	MATILDE EM CIMA DO TRONCO ABRE OS BRAÇOS. O PARDAL DE COSTAS, OLHA PARA A PLATÉIA.
22	MATILDE DESCE DO TRONCO.
23	O ESPANTALHO VOLTA PARA O PALCO.
24	O PARDAL SE APROXIMA DE MATILDE.
25	ELE EXIBE AS ASAS.
26	MATILDE ABRE OS BRAÇOS E FICA COMO ESTÁTUA.
27	O PARDAL SAI.
28	O ESPANTALHO SAI. A MOSCA ENTRA USANDO VESTIDO PRETO BRILHOSO, MEIAS LILÁS E GRANDES ÓCULOS VERMELHOS.
29	A MOSCA PASSA POR TRÁS DE MATILDE E PULA NAS COSTAS DELA.
30	A MOSCA EXIBE AS ASAS.
31	A MOSCA DANÇA EMBAIXO DE UMA LUZ BRANCA.
32	UMA LUZ LILÁS ILUMINA O PALCO.
33	ELA BALANÇA AS ASAS. MATILDE A OBSERVA DANÇAR.
34	A MOSCA SAI. LUZES LARANJAS E BRANCAS ILUMINAM O PALCO. A GALINHA ENTRA USANDO UMA TOUCA VERMELHA,
35	UM VESTIDO XADREZ,
36	UM COLAR VERMELHO,
37	E UMA CESTINHA COM OVOS.
38	O ESPANTALHO VOLTA PUXANDO UM CARRINHO COM PINTINHOS E O COLOCA NA FRENTE DA GALINHA.
39	O ESPANTALHO SAI. MATILDE SE APROXIMA DOS PINTINHOS.
40	A GALINHA DÁ UMA RODADINHA.
41	DÁ OUTRA RODADINHA.

42	A GALINHA SE SENTA EM UM DOS TRONCOS.
43	MATILDE EMPURRA A GALINHA, QUE SE LEVANTA E SENTA NOVAMENTE EM OUTRO TRONCO.
44	MATILDE EMPURRA A GALINHA NOVAMENTE.
45	A GALINHA CISCA.
46	MATILDE ESTÁ EM PÉ SOBRE UM DOS TRONCOS.
47	A GALINHA PUXA O CARRINHO.
48	A GALINHA DÁ UM PULINHO.
49	ELA VIRA O CARRINHO E OS PINTINHOS CAEM.
50	O ESPANTALHO VOLTA CORRENDO E RECOLHE OS PINTINHOS. ELE SAI PUXANDO O CARRINHO.
51	A GALINHA SAI.
52	O ESPANTALHO VOLTA. ELE BRINCA DE ESCONDE-ESCONDE.
53	O ESPANTALHO SE ASSUSTA.
54	O ESPANTALHO SE AJOELHA.
55	O ESPANTALHO SAI. ENTRA UM PERSONAGEM POR TRÁS DA PLATÉIA, USANDO UM CHAPÉU VERMELHO COM ENORMES CHIFRES PRETOS,
56	UMA JAQUETA PRETA COM MEDALHAS, UMA CAMISA QUADRICULADA, UMA FAIXA VERMELHA NA CINTURA,
57	UMA CALÇA PRETA COM UM RABO E BOTAS PRETAS DE COURO.
58	ELE MARCHA EM DIREÇÃO AO PALCO E SOBE PELOS DEGRAUS.
59	NO PALCO, ELE ERGUE O BRAÇO DIREITO.
60	ELE SE SENTA NO TRONCO.
61	OLHA PARA MATILDE.
62	ELA SE APROXIMA DELE.
63	O TOURO CAMINHA DE UM LADO PARA O OUTRO.
64	O ESPANTALHO ENTRA E SE ESBARRA COM O TOURO. OS DOIS SE ASSUSTAM E O TOURO SAI CORRENDO.
65	LUZES COLORIDAS PISCAM NO RITMO DA MÚSICA.
66	MATILDE E O ESPANTALHO BRINCAM E DANÇAM NO PALCO.
67	ELES IMITAM O TOURO.
68	O ESPANTALHO SE SENTA NO CHÃO.
69	O ESPANTALHO COLOCA OS TRONCOS UM ATRÁS DO OUTRO. A CIGARRA SOBE NOS TRONCOS USANDO UMA COROA E ROUPAS DOURADAS.
70	UMA LUZ AMARELA ILUMINA A CIGARRA.
71	MATILDE E O ESPANTALHO DANÇAM.
72	MATILDE E O ESPANTALHO DANÇAM NOVAMENTE.
73	A CIGARRA VAI EMBORA.
74	AS LUZES DO PALCO ESCURECEM. O ESPANTALHO SENTA PRÓXIMO DOS INSTRUMENTOS MUSICAIS.
75	MATILDE DEITA NO CHÃO ENCOSTADA-SE AOS TRONCOS. UMA LUZ VERDE ILUMINA O PALCO, ENQUANTO UMA LUZ BRANCA PISCA.
76	O VAGALUME USA ROUPAS VERDES COM DETALHES AMARELOS,
77	UMA BOINA E ÓCULOS VERDES. ELE SEGURA UMA LANTERNA EM CADA UMA DAS MÃOS. MATILDE BRINCA COM OS FACHOS DE LUZ DAS LANTERNAS.
78	LUZES COLORIDAS ILUMINAM TODO O PALCO.
79	UMA LUZ BRANCA ACENDE EM CIMA DE MATILDE NO CENTRO DO PALCO. ENTRAM DOIS PERSONAGENS USANDO ROUPAS E MÁSCARAS DE COURO, COM CORDAS NA MÃO.
80	ELES JOGAM AS CORDAS NA DIREÇÃO DE MATILDE.
81	MATILDE CAI SENTADA. AS ENORMES SOMBRAS DOS VAQUEIROS APARECEM NAS CORTINAS AZUIS.
82	AS LUZES SE APAGAM.
83	UMA LUZ BRANCA ACENDE EM CIMA DO ESPANTALHO.
84	AS SOMBRAS DE ANIMAIZINHOS COM ASAS SURGEM NAS CORTINAS.
85	O ESPANTALHO SOBE NO TRONCO.

86	ELE ABRE OS BRAÇOS E DORME.
87	AS LUZES SE APAGAM.
88	FIM.
89	AUDIODESCRIÇÃO: GRUPO LEAD - UECE ASSOCIAÇÃO DOS TRADUTORES AUDIOVISUAIS DO BRASIL ROTEIRO: BRUNA ALVES LEÃO E KLÍSTENES BRAGA NARRAÇÃO: KLÍSTENES BRAGA REVISÃO: VERA SANTIAGO

ANEXOS

TEXTO ORIGINAL DE A VACA LELÉ

MÚSICA DE ABERTURA

Meu pensamento voa trazendo saudade
De quem partiu carregadinha de sonho
Queria tanto ver a lua de pertinho
Que igual ao passarinho, bateu asas e voou
Ainda me lembro como ela me alegrava
Contando estórias, contando em ser feliz
E ainda hoje quando o galo anuncia
O romper de um novo dia
Sinto ela voltar pra mim.

Amanhece.

ESPANTALHO – (Acordando) – Ahhh... que sono... O dia está lindo hoje... Alô passarada... Adoro vocês. É, mas um dia ainda perco meu emprego. É que sou pago para espantar os passarinhos, e na verdade sirvo até de abrigo para essas criaturinhas de Deus, que Deus criou! Bem, mas agora está na hora de armar uma cara bem feia e começar a espantar... Que tal essa cara? Horrível né? Assustadora... Muuu, muuu. Mas espantalho não faz Muu. Para espantar tem que se fazer Buuuuu... Foi a Vaca Lelé que me ensinou a mugir, então eu só sei fazer Muuu. Eu acho que os passarinhos pensam que eu sou uma vaca.

Ahhh... eu tenho tanta saudade da Matilde. A Matilde foi a vaca mais legal que eu conheci aqui no pasto. Desde o dia em que ela voou, nunca mais voltou. É voou sim, eu vi com os meus próprios olhos que a terra há de comer. Ela bateu asas e voou. Nunca ninguém viu uma vaca voar, mas eu vi.

(Cantarola)

PARDAL – Oi Espantalho...

ESPANTALHO – Bom dia, Pardal.

PARDAL – Qual é a tua? Cantando logo de manhã? Parece a cotovia...

ESPANTALHO – Cotovia é a senhora sua tia. E não vem não, sabe que o meu negócio é espantar passarinho.

PARDAL – Mas se você não conversar com os passarinhos, morre de solidão. Ou pensa que todas as vacas são como a Vaca Lelé? Elas nem querem saber de você. Depois que a Vaca Lelé sumiu então, piorou. A vacaiada não fala mais nada.

ESPANTALHO – Eu tenho tanta saudade da Matilde...

PARDAL – Eu também. Mas onde ela está, tenho certeza que está bem melhor.

ESPANTALHO – Mas você sabe onde ela está?

PARDAL – Claro que não. Ninguém sabe.

ESPANTALHO – Parece que estou vendo ela saltitando pelo pasto. Rebolava tanto, que seu bumbum parecia um liquidificador.

OS DOIS CANTAM – Eu só queria voltar o tempo
Por um instante, uma fração...
Já que o Senhor não me concede a graça.
Eu volto o tempo na imaginação...

ESPANTALHO – E, a gente cantando assim, me dá mais saudade ainda da Matilde... Ela que gostava de cantar... Ela era dengosa, não compadre?

PARDAL – Dengosa é apelido. Ela era um mimo!

OS DOIS CANTAM – Era dengosa como gata mansa
Era gentil como um beija-flor
Onde passava deixava perfume,
Impregnava o coração de amor...

ESPANTALHO – Ê, compadre até soltei um suspiro, daqueles bem profundos... é, daqueles que brota, que vem de dentro...

PARDAL – Pra mim deu até um nó na guela...

ESPANTALHO – É verdade?

PARDAL – É mesmo!

OS DOIS CANTAM – Ela esperava que as asas crescessem
Tinha esperanças de encostar no céu
Queria tanto que isso acontecesse
Que um belo dia isso aconteceu
Ai... ai que saudades
Matilde eu sinto de você
Quem sabe nessas tuas voltas
Você dá uma volta e volta pra me vê

ESPANTALHO – Sabe que você canta muito bem! Parece até um canarinho!

PARDAL – Você também canta razoavelmente bem...

ESPANTALHO – Olha, a gente podia até fazer uma dupla!

PARDAL – Voltando pra aquele nosso bate-papo. Você se lembra do primeiro dia que a vaca Matilde saiu para o seu primeiro passeio? Ela estava irritada porque a dona Mosca não deixava ela em paz. Daí eu encontrei ela resmungando...

MATILDE – (Entra resmungando)
Mas que sujeitinha chata essa coisa voadora que não larga do meu rabo.

PARDAL – Ela se chama mosca, mas já foi embora. Agora você vai ficar em paz.

MATILDE – Paz? O que é paz?

PARDAL – É sossego, tranquilidade. Paz é quando a gente não se briga, ninguém perturba a gente e a gente sente uma vontade de dormir e amar muito.

MATILDE – Quem é você?

PARDAL – Eu sou o Pardal. Sou um passarinho, assim meio... vulgar.

MATILDE – Vulgar?

PARDAL – É, vulgar. Tem em todo lugar. Eu sou como um cachorrinho vira-lata. Eu sou tão vulgar, mas tão vulgar, que ninguém me põe dentro de uma gaiola. Por isso eu fico solto...

MATILDE – Então eu também sou vulgar. Ninguém me põe na gaiola.

PARDAL – Você já viu vaca dentro de gaiola? Você é louca?

MATILDE – Não. Eu sou a Matilde, sou do gado aqui do pasto... Hoje é o meu primeiro passeio.

PARDAL – Está gostando?

MATILDE – Muito. Embora eu tenha me afastado muito do gado... Eles não gostam disso. Dizem que o senhor Touro mora perto da cerca. Todos têm medo do Touro.

PARDAL – É... e você estava lá, bem perto da cerca.

MATILDE – E por que aquela cerca?

PARDAL – É para ninguém passar para o outro lado.

MATILDE – E o que tem do outro lado?

PARDAL – O outro lado.

MATILDE – E por que eu não posso passar para o outro lado?

PARDAL – Porque você é deste lado.

MATILDE – E o que tem deste lado?

PARDAL – Você sô!

MATILDE – Eu queria tanto conhecer o outro.

PARDAL – E você não tem medo do Touro?

MATILDE – Depende. O que é medo?

PARDAL – Medo é quando a gente treme, fica apavorado, com os olhos esbugalhados e quer tentar fugir de alguma coisa.

MATILDE – Eu não sei ainda o que é sentir medo. Você já passou para o outro lado?

PARDAL – Claro.

MATILDE – E o Touro?

PARDAL – Querida, eu vôo. Eu tenho asas, veja. Eu passo por cima da cerca, por cima do Touro, por cima de você e por cima de você também... (para o espantalho)... e vou até aquela nuvem lá em cima...

MATILDE – Lá em cima? Nossa, seu Pardal, quando as minhas asas crescerem eu vou mais longe ainda...

PARDAL – Ai Jesus! Será que eu ouvi direito? Tá louca vaca? Repete... “Quando as minhas asas...” Desde quando vaca tem asa?

MATILDE – A minha vai crescer maior do que a sua.

PARDAL – Querida, vaca é vaca. Passarinho é passarinho. Você nunca vai ter asas.

MATILDE – Não???

PARDAL – Só as aves têm asas. Vacas não!

MATILDE – Mas eu queria tanto ter uma...

PARDAL – O que é a vida, não? Mas nunca vai ter.

MATILDE – Mas você tem.

PARDAL – Porque eu sou livre, ué.

MATILDE – Livre? Como livre?

PARDAL – Ninguém me prende. Ninguém me obriga a fazer nada. Eu só faço aquilo que gosto.

MATILDE – Deve ser bom ser assim... LIVRE...

PARDAL – Claro que no começo foi difícil. Depois eu consegui conquistar a minha liberdade. E hoje posso dizer: sou livre...

MATILDE – CONQUISTAR... É difícil conquistar?

PARDAL – Só depende de você. Conquistar é dia a dia...

(Cantando)

Liberdade só é feita de momentos
Que a vida me ensinou a conquistar
Para onde vou, só eu sei
Se onde estou não estou bem
Não faz mal, eu mudo de lugar
Liberdade é vontade livre e solta
De fazer o que se quer

MATILDE – Até voar.

OS DOIS – Para onde vou, só eu sei
Se onde estou
Não estou bem
Não faz mal, eu mudo de lugar

MATILDE – Puxa Pardal. Como é bonito ser livre.

PARDAL – É Matilde, mas você tem conquistar. Tem que dar asas a liberdade.

MATILDE – Sabe seu Pardal, eu estive pensando... eu vou conquistar as minhas asas.

ESPANTALHO – E Matilde queria ter asas.

PARDAL – Imagine você, uma vaca voando?

ESPANTALHO – Pobre Matilde.

PARDAL – Bom, deixa eu dar umas voadinhas, já que o único que voa aqui sou eu. (sai)

ESPANTALHO – Então vai, vai... Mas cuidado para não se enroscar nos galhos... Um dia, a dona Mosca estava acesa, chata como nunca. Atormentou tanto a Matilde, mas tanto, tanto, tanto... até dizer chega. Mas a Matilde que era tão pura, ainda tinha paciência para conversar com a criatura mais chata que Deus criou: a MOSCA!

MOSCA – Oi vaca, tudo bem vaca, como vai vaca...

MATILDE – Ah, não. Você de novo? Não quero conversa. Você é teimosa e não deixa o meu rabo em paz.

MOSCA – Ah, deixa eu pousar em você só um pouquinho, vai?

MATILDE – Não! Você diz que é só um pouquinho e depois fica um poucão!

MOSCA – Quem disse? Quem disse? Quem disse?

MATILDE – Eu, ora.

MOSCA – Mosca não fica morgando, não. O negócio é pousar e levantar... pousar e levantar... pousar e levantar...

MATILDE – Chega. Está bem. Eu vou deixar. Mas é só um pouquinho, hem?

MOSCA – (Deitando) Hum... Eu gosto de cheiro de vaca.

MATILDE – Eu nem sei se sou uma vaca.

MOSCA – Quer um espelho, querida?

MATILDE – Vão me crescer asas, as vacas não têm asas.

MOSCA – É claro que vaca não tem asas.

MATILDE – Mas eu vou ter.

MOSCA – Mentirosa...

MATILDE – O que é isso?

MOSCA – Mentirosa é que mente. Quem mente é mentirosa. Bem, mentirosa é quando a gente fala uma coisa que não é verdade. Por exemplo... se eu digo que vou pousar no seu rabo só um pouquinho, é mentira, porque eu vou ficar é um tempão. Vou até tirar uma soneca.

MATILDE – Verdade?

MOSCA – Não, claro que não. É só um exemplo!

(Música)

Mentira, meu bem mentira
Mentira tem perna manca
Por mais que ela se afaste
A verdade sempre alcança
Mentira, meu bem mentira
A boca do povo diz
Quem é muito mentiroso

Cresce a ponta do nariz.

MATILDE – Pois então eu não sou mentirosa.

MOSCA – Você é louca, lelél!

MATILDE – Lelé... Todos me chamam assim, mas o meu nome é Matilde!

(Mosca vai saindo)

Hei, para onde você vai?

MOSCA – Amolar outra pessoa.

MATILDE – Amola eu.

MOSCA – Eu não. Você é muito pra minha chatice.

MATILDE – Amola, vai?

MOSCA – Nem morta. Eu gosto quando o povo fala: chô mosca... chô mosca... chô mosca... Você nunca fala.

MATILDE – Mas é que eu gosto de você.

MOSCA – Pois não devia. Falta de aviso não é. Eu sou chata e perigosa. Não sou recomendável em lugar nenhum. Transmito doenças, não sou higiênica. Ando por tudo quanto é lugar... no lixo, na fossa, na merda...

MATILDE – Eu sei...

MOSCA – Bom, você não quer me ouvir? O problema é seu.

MATILDE – Você é minha amiga.

MOSCA – Mas o povo não é. Eles atacam neocid, aerosol, hayd, mata tudo... mata mosca... mata inseto... Ai, a minha vida já é tão curtinha e não me deixam em paz.

MATILDE – Então, porque você não muda? Fica limpinha, não anda mais na sujeira...

MOSCA – Vira essa boca pra lá. Cada um na sua. Eu prefiro enfrentar o perigo, mas ficar na minha. Eu sou pior que mulher de malandro... o povo tá batendo, mas eu fico lá... o povo tá batendo, mas eu fico lá...

MATILDE – Tá bom, tá bom...

MOSCA – Bom, deixa eu ir embora, xii... olha quem vem lá, a Galinha. Isso tem uma língua... fala de todo mundo. Adeuzinho querida. A gente se vê. Eu não vou te ver no estábulo, porque passaram inseticida rural. Ai, ser mosca do interior é fogo. Além de pouca poluição, tem que pastar junto com vaca, galinha, passarinho...

GALINHA – (Cantando)

Ge - a = Ga

Le - i = Li

Ne - Aga = Nha

Soletrando de jeito essas letras

Se lê o meu nome "Galinha"

Corococó, corococó, corococó
Chaqualhando na boléia eu vim lá de Maceió

GALINHA – Oxente! Que vaca é essa?

MATILDE – Oi, dona Galinha. Eu sou a Matilde.

GALINHA – Aldanizé, às suas ordens. Eu sou lá do Norte. A senhora é daqui do pasto?

MATILDE – Sou.

GALINHA – Lindo pasto, não?

MATILDE – Muito lindo e é tão verdinho...

GALINHA – Mas com a desmatação, essa queimada toda...

MATILDE – Ah, mas logo eles plantam outra coisa.

GALINHA – Cana minha filha. Cana. Só plantam cana de açúcar. Agora, com essa estória de álcool virar combustível pra carro, eles só plantam cana de açúcar pra tirar o álcool. O milho ninguém mais planta, é cana de açúcar só. E a galinha aqui que se dane, fica rezando para inventarem um combustível a base de milho. Mas só eu ando a base de milho.

MATILDE – Eu como grama.

GALINHA – Eu também. Estou treinando pra me acostumar. Às vezes eu me pergunto: ó bichinha, sou uma vaca? E me respondo: claro que não. Então por que eu pasto? É porque sou burra.

MATILDE – Mas a senhora tem asas... liberdade...

GALINHA – Pequenas e restritas.

MATILDE – Como assim?

GALINHA – Essas minhas asas não levantam mais que um palmo de altura do chão. Eu só vôo raso por onde passo.

MATILDE – A senhora precisa conquistar.

GALINHA – Oxente! Mas se nem frango de granja eu consigo conquistar!

MATILDE – E sua liberdade?

GALINHA – Não preciso mais. Pra quê? Eu como aqui, como acolá... dá pra viver...

MATILDE – E você não tem vontade de sair voando pelo mundo? Conquistar outras terras, conhecer outros céus?

GALINHA – Nem pensar. Olha, eu já viajei do norte com dez pintos pendurados no pescoço. Lá não tinha água não. Fui pro sul, caí numa cascata e desatei enxurrada abaixo. Aqui eu tenho que dar minhas penas se eu quiser mais alguma coisa do que ciscar. Então, eu vou ciscando, ciscando... eu já me aposentei. Estou mesmo é acomodada.

MATILDE – Acomodada?

GALINHA – É, não quero mais nada do que não seja fácil.

MATILDE – Mas assim você vai sempre voar baixo.

GALINHA – Pelo menos o tombo é menorzinho. Bem, tenho que levar comida pros pintos. Eta pintaiada que não me deixa em paz. Haja quirela, rapadura, farinha de jabá, para dar para aqueles famintos.

MATILDE – E as suas asas?

GALINHA – Querida, se galinha ficasse bem de chifres, eu bem que trocava com tu. Até outro dia... (Sai)

MATILDE – Tenho certeza que as minhas asas vão crescer. Vão ficar bem grande! Não vão ficar pequenas como as da galinha, não! Eu não gosto de vôo raso! Às vezes eu fico olhando, olhando os vôos dos urubus. Tem horas que eles planam feito plumas sopradas do ar! É assim que eu quero voar! Bem lá no alto...

ESPANTALHO – (Para a violeira) Eu não resisti e fui falar com a Matilde. (Chamando) Matilde, hei Matilde!...

MATILDE – Quem é que sabe meu nome?

ESPANTALHO – Sou eu. O Espantalho.

MATILDE – Espantalho? E onde está você?

ESPANTALHO – Aqui ó! Mas meu lugar é lá!

MATILDE – Nossa, como você é bonito!

ESPANTALHO – Não, pelo amor de Deus. Eu não posso, eu não devo ser bonito.

MATILDE – E nem quer ser?

ESPANTALHO – É que espantalho foi feito pra espantar.

MATILDE – A mim você não espanta.

ESPANTALHO – Nem a quem devia, os passarinhos. Mas Matilde, já não faz tempo que você saiu do estábulo? A sua mãe, a Matildona, deve estar preocupada com você!

MATILDE – Ainda não posso voltar. Eu nem conheci o tal do medo.

ESPANTALHO – Ele está dentro de você.

MATILDE – Como assim?

ESPANTALHO – Só você pode sentir ele.

MATILDE – É bom sentir medo?

ESPANTALHO – Não. Nunca.

MATILDE – Você sente?

ESPANTALHO – É... cada vez que anoitece, cada vez que fico sozinho aqui, eu tenho medo até da chuva.

MATILDE – Mas ela é tão gostosa. O sol também é lindo, a luz nunca apaga. Mas é a chuva que me lava sempre. Óia, seu espantalho, eu conheci de tudo nesses dias. Mas se medo é ruim a chuva não me faz sentir medo não.

ESPANTALHO – Quando chegar a hora vai sentir e entender. Cuidado Matilde que você tem muito que aprender ainda, é tão boazinha... Mas não é que um dia, a Matilde estava pastando ingenuamente, quando de repente...

TOURO – Muuuuuuuuu... Muuuuuuuuu... Bah! Mas quem é tu chê?

MATILDE – Sou a Matilde.

TOURO – Mas que Matilde?

MATILDE – A vaca.

TOURO – E por que não fugiste?

MATILDE – Porque eu fiquei aqui.

TOURO – Então fuja de medo, chê!

MATILDE – Medo? Outra vez o tal do medo!

TOURO – Vamos vaca, sebo nas canelas. Ah! Canela... isto me lembra a minha terra natal chê, sentado no campo tomando um chimarrão, paquerando as bovinas. (Música. Dançam) mas fuja de medo, chê!

MATILDE – Eu não conheço o que é o medo, muito menos conheço o senhor para ficar fugindo por aí.

TOURO – Vaca atreviiiiiiiiiiiiiiiiiiiiida!!

MATILDE – Não me xinga não.

TOURO – Tu olhou pra mim?

MATILDE – Olhei, olhei e gostei muito.

TOURO – Bah! Mas como???

MATILDE – O senhor é muito bonito. Tem chifres como eu e parece uma vaca preta!

TOURO – Vaca preta?! Eu sou do sul chê!

MATILDE – É?! Eu não tenho vontade de fugir nem um pouquinho. Eu só tenho vontade de conversar, conversar... Como é mesmo o seu nominho?

TOURO – Touro! T O U R O!!!

MATILDE – Nossa! O Touro, meu Deus!

TOURO – Então, agora tu vai fugir?

MATILDE – Mas que mania de querer que eu fuja. Eu quero é conversar com o senhor para conhecer o tal do Medo.

TOURO – É demais. Tu não sabe quem eu sou. Tu não tem medo de mim. Tu não fugiu sequer... Tu é Lelé?

MATILDE – O que é isso?

TOURO – Lelé é louca. Atordoada, atormentada, lelé da cuca.

MATILDE – Não. Eu me chamo Matilde. Tildinha para os íntimos. Eu só estou esperando as minhas asas crescerem para eu poder voar.

TOURO – Voar??? Vaca voar?! Tu é lelé? Essa vaca é lelé. Olha uma vaca lelé... olha uma a vaca lelé... (Sai correndo)

MATILDE – Nossa, seu Espantalho! Ele pediu tanto para eu fugir e foi ele quem acabou fugindo...

ESPANTALHO – É Matilde, para você ver. Quando a gente pensa que conhece alguém, esse alguém decepciona a gente. Éta Touro frouxo sô!

MATILDE – Seu espantalho, seu espantalho, o que é isso?

ESPANTALHO – Onde?

MATILDE – Ali voando! Tem asas também e é linda...

ESPANTALHO – É a cigarra. Ela é uma artista, canta sempre. Dá a vida pra cantar.

MATILDE – Ela é livre?

ESPANTALHO – Os artistas sempre são livres. Eles só se prendem à sua própria arte. A cigarra dá até suas asas para cantar sempre.

CIGARRA – (Cantando)

Quem ouve o meu canto sabe
Que eu só canto coisas pra alegrar a vida
Eu canto perto das cascatas,
No meio da mata, junto aos colibris.
Adoro cantar pras abelhas
Enquanto elas colhem o mel da flor...
Meu canto é feito de magia,
Tem a poesia e a porção do amor!
Quem ouve o meu canto sabe
Que o meu canto é livre como a natureza!
Eu canto junto com o vento,
Que zua bonito no meio das plantas,
São tantas minhas melodias, que eu passo o meu dia
Todo a cantar...
Meu canto é feito de magia,
Quem canta comigo nunca vai chorar.

MATILDE – Dona Cigarra, me ensina a cantar?

CIGARRA – Claro, quando você quiser.

MATILDE – A senhora me faz sentir bem, eu me sinto leve...

CIGARRA – É que eu vôo com o coração. Por que você não experimenta?

MATILDE – Imagine. Como é que eu vou voar como o meu coração, se o meu coração está dentro de mim?

CIGARRA – Então voe dentro de você.

MATILDE – Eu não posso, vou ficar tonta, não vai dar certo.

CIGARRA – Você deve voar com o que pode. O importante é ser feliz.

MATILDE – Feliz?

CIGARRA – É. Sentir alegria... sentir uma cosquinha na barriga, imaginar coisas, coisas bem gostosas... voar no pensamento, ficar cheia de vontade. Vontade de cantar.

MATILDE – Será que sei cantar?

CIGARRA – Claro! Todo mundo sabe, é só querer.

MATILDE – Ah é?!

CIGARRA – Olha, primeiro você ouve, depois você repete. Preste atenção.

(Cantam)

A natureza tem
A natureza tem
Uma roseira linda
Que abre todo dia
Alegrando o canto de uma sabiá
A natureza tem
A natureza tem
Um cheiro de canela
Que a sinhá tempera
Com seu jeito doce
O doce da panela

(Pardal que também cantou, sai)

MATILDE – Feliz... liberdade... conquistar... voar... voar com o pensamento...

ESPANTALHO – Matilde dormiu de novo. E veio o anoitecer. Matilde pensou que estava sonhando, pois começou a enxergar estrelas que pulavam na terra. Mas estrelas não pulam na terra. Elas ficam no céu, piscando. Eram vaga-lumes. Vaga-lumes que cintilavam... apagando e acendendo, piscando muito. E Matilde adorou brincar com eles.

MATILDE – Que lindo!

VAGA-LUME – Me apanhe...

MATILDE – Quase te pego.

VAGA-LUME – Estou aqui!

MATILDE – Assim não vale. Quem são vocês?

VAGA-LUME – Vaga-lumes. Somos noturnos, gostamos da noite.

MATILDE – Eu também. Mas minha mãe deve estar preocupada comigo.

VAGA-LUME – Estou aqui.

MATILDE – Se você apaga, eu não te apanho...

VAGA-LUME – É preciso agilidade, força de vontade.

MATILDE – Mas eu sou uma vaca pesada.

VAGA-LUME – Pense... pense... use a inteligência, arrume uma forma de me pegar.

MATILDE – Mas a gente pode pegar tudo o que quer?

VAGA-LUME – Não. Só o possível.

MATILDE – E o que é o possível?

VAGA-LUME – É o que está ao seu alcance. O que você conseguir conquistar.

MATILDE – O que eu conquistar?

VAGA-LUME – Isso mesmo. Olha eu aqui...

MATILDE – Sabem... eu sou feliz porque não tenho medo.

VAGA-LUME – Nem da noite?

MATILDE – Não. Ela tem a lua, tem as estrelas, tem vocês que brincam comigo... heii, onde está você?

VAGA-LUME – Me apanha...

MATILDE – Está vendo... eu não consigo.

VAGA-LUME – Peguei! Olha, já é tarde da noite. É melhor você voltar para o estábulo.

MATILDE – Mas lá eu não posso cantar.

VAGA-LUME – Mas a noite todo mundo dorme, não se pode ficar cantando... (Sai rindo)

MATILDE – Mas pra cantar não tem hora... Eu posso cantar baixinho...

(Cantando)

Quando eu tiver as minhas asas bem crescidas,
Eu vou ser livre, vou voar pra bem distante
Vou ver de perto onde a lua passa o dia
Quem sabe eu ache o lugar onde o sol se esconde
Vou me juntar com um bando alegre
De andorinhas,
Fazer verão em cada lugar desse mundo...
Tenho certeza que vou ser muito feliz,
Fazendo a vida do jeito que eu sempre quis!

(Dorme)

ESPANTALHO – E Matilde dormiu de novo. Ela tinha certeza que era feliz. Que tinha conquistado o mundo e que seu coração voava com asas cheias de vontade. Tinha certeza

também que jamais ia ficar acomodada, parada como a galinha. Ela ia cantar como a Cigarra e ser livre como o Pardal. Mas quando a Matilde dormia sossegada o seu sono tranqüilo, acordou assustada!

MATILDE – (Assustada) – Quem está aí?

VAQUEIRO 1 – Lá está ela!

MATILDE – O que vocês querem?

VAQUEIRO 2 – Sua vaca teimosa.

MATILDE – Eu só dormi um pouquinho.

VAQUEIRO 1 – Volte já para o estábulo.

MATILDE – Não, eu gosto daqui.

VAQUEIRO 2 – Não? Então vai na marra.

VAQUEIRO 1 – Jogue o laço.

VAQUEIRO 2 – Deixa comigo.

VAQUEIRO 1 – Vamos ensinar essa vaca aprender a andar direito.

VAQUEIRO 2 – Essa vaca é lelé mesmo. Nunca fica com as outras.

MATILDE – Por favor, deixem eu ficar.

VAQUEIRO 1 – Então tenta fugir.

VAQUEIRO 2 – Cria asas e fuja.

VAQUEIRO 1 – Sai voando, ahh... ahhh...

VAQUEIRO 2 – Uma vaca voando, ahhh... ahhh...

MATILDE – Não... não me amarrem... não me amarrem... Por favor... eu não quero... eu tenho medo... eu tenho medo... M E D O !!!

(Saem os vaqueiros com a vaca laçada)

ESPANTALHO – E Matilde conheceu o medo. Sabe gente, desde esse dia, a Matilde nunca mais passou por aqui. Uns dizem que ela fugiu pela porteira e que o Touro correu atrás dela até ela fugir. Outros dizem que ela ficou no estábulo, do lado das outras vacas. Dizem até que a Matilde foi para um açougue! Mas eu não acredito, não acredito. Porque eu sei aonde está a Matilde. Só eu sei! E eu vou contar pra vocês. Mas olha, não conta pra ninguém, que é segredo viu? A vaquinha Matilde... ela voou... é voou sim... num vôo infinito... bem lá no alto... pra lá das estrelas, pertinho da lua... num vôo sem volta, num vôo sem asas... É gente, a vaquinha Matilde voou, voou sim, mas foi com o seu coração.

FIM